

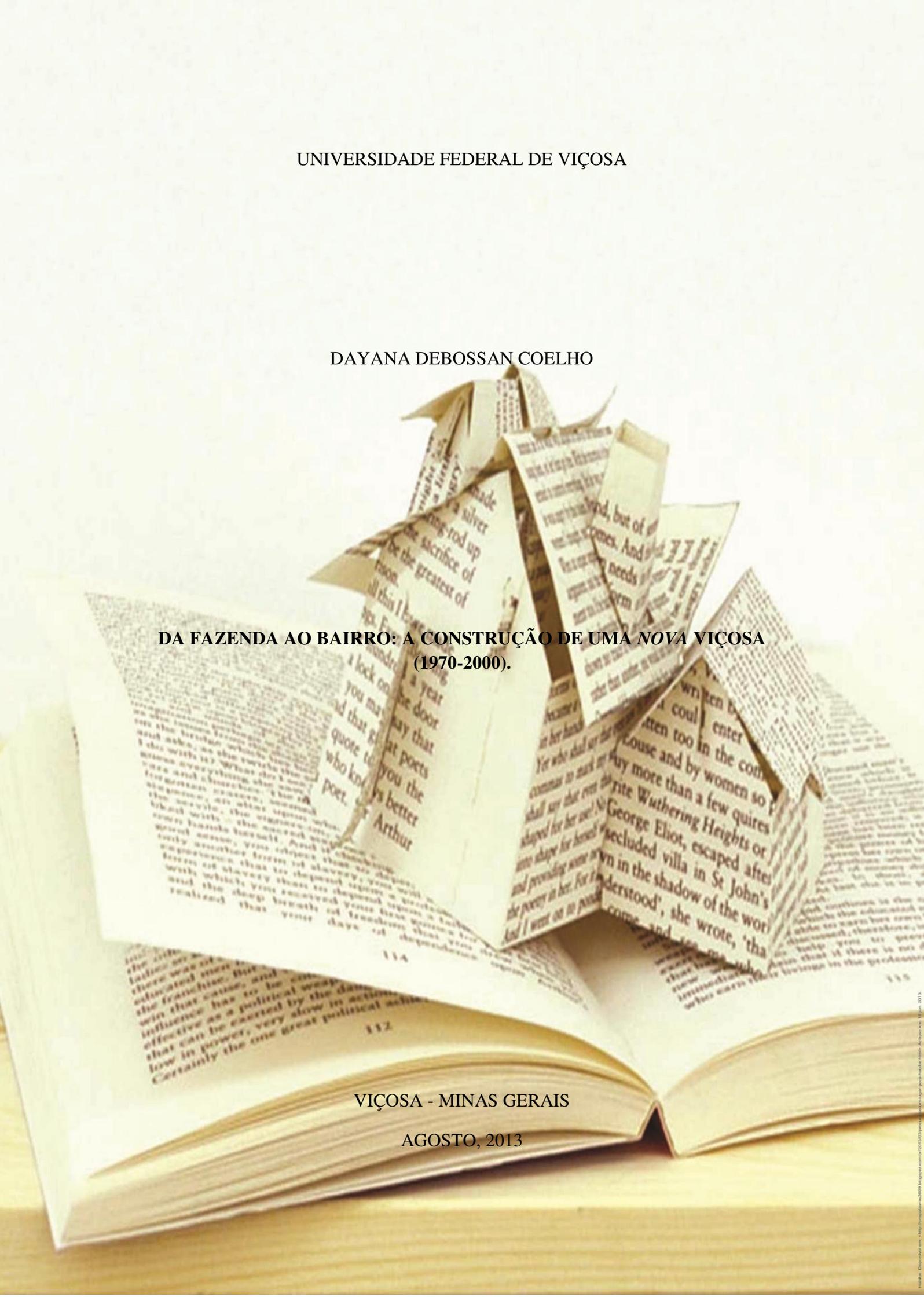
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

DAYANA DEBOSSAN COELHO

**DA FAZENDA AO BAIRRO: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA VIÇOSA  
(1970-2000).**

VIÇOSA - MINAS GERAIS

AGOSTO, 2013



Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização expressa da Editora.

**DAYANA DEBOSSAN COELHO**

**DA FAZENDA AO BAIRRO: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA VIÇOSA  
(1970-2000).**

**Monografia apresentada ao Departamento  
de Geografia da Universidade Federal de  
Viçosa como parte das exigências para a  
conclusão do curso de Bacharelado em  
Geografia.**

Orientadora: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo

VIÇOSA - MINAS GERAIS

AGOSTO, 2013

DAYANA DEBOSSAN COELHO

**DA FAZENDA AO BAIRRO: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA VIÇOSA  
(1970-2000).**

Monografia, apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Aprovada em:

Banca Examinadora

---

Prof.: Ulysses da Cunha Baggio  
Departamento de Geografia – UFV

---

Prof.: Leonardo Civalle  
Departamento de Geografia – UFV

---

Prof.: Diogo Tourino de Sousa  
Departamento de Ciências Sociais – UFV

---

Prof.: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo  
(Orientadora)  
Departamento de Geografia – UFV

Viçosa - Minas Gerais  
Agosto, 2013

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado às pessoas que sempre estiveram ao meu lado pelos caminhos da vida, me acompanhando, apoiando e principalmente acreditando em mim: minha mãe Nilva Debossan e meu pai Valter da Silva Coelho (*in memoriam*).

Dedico também a duas pessoas que sempre foram e serão exemplos de caráter e dignidade: tia Tereza Debossan e minha companheira Renata Veroneze.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus pelo dom da vida. À minha mãe Nilva, exemplo de coragem e bravura, e ao meu pai Valter (*in memoriam*) pelo amor sem limites, não há palavras para expressar toda minha gratidão. Obrigada por terem me acompanhado ao longo dessa caminhada, sobretudo, por acreditarem nos meus ideais e, pelas muitas vezes que abdicaram dos seus sonhos para realizarem os meus. Agradeço também por terem sido os maiores incentivadores deste sonho.

Aos meus primos e primas por acreditarem em mim. Aos meus tios e tias, em especial, à tia Teresa pelo incentivo, apoio e carinho incondicionais.

Aos amigos pela amizade sincera, orações e presença em minha vida, sobretudo a Leidi e a Gleice. Ao querido Higor pela atenção e cumplicidade, principalmente, pelo incentivo e preocupação.

A minha companheira, Renata Veroneze pelo amor, pelos momentos de descontração, pela paciência e pela ajuda empregada neste trabalho. Sobretudo, por me apoiar sempre e me fazer uma pessoa mais feliz.

Agradeço também ao colega Thiago que compartilhou com o desenvolvimento deste trabalho através do auxílio com os mapas no AUTOCAD, versão 2010.

Aos mestres desta Universidade que tanto colaboraram para meu amadurecimento acadêmico e pessoal, em especial à Prof.<sup>a</sup> Isabel pela orientação e confiança depositada no decorrer da graduação.

Não poderia deixar mencionar aos editores do Folha da Mata e do Tribuna Livre pela oportunidade de pesquisa em seus jornais. Também gostaria de prestar meus sinceros agradecimentos a Edna, secretária do Laboratório Multimídia de Pesquisa Histórica (LAMPEH), pela atenção despendida durante a leitura do microfilme que contém os jornais da cidade. O acesso a estes documentos foram fundamentais para a realização desta monografia.

A Ângela Dasmaceno pelo acesso as informações no Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda.

A Mel e a Nina, minhas gatinhas, por me proporcionarem momentos de alegrias e brincadeiras. Por me esperarem sempre com uma recepção calorosa em casa, “ronronando”, oferecendo carinho e a descontração diária.

“As geografias - disse o geógrafo - são os livros mais preciosos que há. Nunca passam de moda. É raríssimo que uma montanha mude de lugar. É raríssimo que um mar se esvazie. Nós só escrevemos coisas eternas” (Antoine de Saint-Exupéry).

## RESUMO

O trabalho “Da fazenda ao bairro: a construção de uma *Nova Viçosa* (1970-2000)” apresenta um estudo sobre o nascimento deste bairro, localizado na periferia da cidade. Esta pesquisa tem como objetivo principal problematizar o discurso de fundação de Nova Viçosa, efetuado pelos sujeitos responsáveis e envolvidos com a sua fundação. Também procuramos discutir a idealização e propaganda na construção de Nova Viçosa. Para embasar nossas reflexões, adotamos como recorte temporal a década de 1970, momento em que a cidade passa por transformações espaciais significativas em função da federalização da universidade, do desenvolvimento do mercado fundiário, da instalação de novas infraestruturas, e da mudança na estrutura demográfica. Finalizamos nossa análise em 2000, quando este bairro se encontrava totalmente instalado. A pesquisa se apoia em levantamento realizado nos principais jornais da cidade, em entrevistas semiestruturadas e no livro Homenagem Póstuma a Antônio Chequer. Nova Viçosa foi lançado na cena pública em quatro de maio de 1978, na oportunidade a Construtora Chequer assinalou a sua responsabilidade quanto à demarcação e venda dos lotes e instalação de infraestrutura (água e esgoto). Antônio Chequer, proprietário da Construtora, prometeu aos pobres migrantes de Viçosa e da sua microrregião a possibilidade de conquistar o sonho da casa própria. Para alcançar este desejo era necessário que as classes populares adquirissem por doação ou compra um lote em Nova Viçosa. A partir de vinte e oito de maio de 1978 no Jornal Integração inicia-se então, uma intensa propaganda de venda de terrenos no bairro. Como constatado em entrevista, um anúncio também foi exibido no rádio sobre o loteamento. Seu conteúdo convocava a população da região para morar no futuro bairro e fazer parte do progresso da Construtora Chequer adquirindo os “excelentes imóveis” por ela ofertados. No entanto, a despeito do discurso propalado por Chequer, ao chegar ao bairro os migrantes se deparam com uma paisagem de precariedade. Faltavam vias de acesso e as existentes não possuíam pavimentação, não estavam instalados os serviços de energia elétrica, água tratada e esgoto como fora prometido. Os migrantes que aguardavam por um bairro popular com infraestrutura legal, encontraram uma paisagem rural marcada, ainda, pelos cultivos da antiga Fazenda Conceição. É importante frisar que a Construtora em 1976, no anúncio de venda de lotes nos bairros João Braz e Santa Clara, foi categórica ao afirmar no jornal Integração que era a única empresa que entregava lotes com luz, água, calçamento e esgoto. Entretanto, em Nova Viçosa a alocação de infraestrutura não ocorreu, sendo os migrantes atraídos por uma falsa promessa de casa própria. Consideramos que a propaganda, repetidamente assinalada pela mídia local, foi uma estratégia empregada por Chequer para se apropriar do espaço de Nova Viçosa e divulgar seu empreendimento imobiliário na região.

Palavra-chave: discurso, propaganda, Nova Viçosa, Antônio Chequer e Construtora Chequer.

## Lista de Figuras

Figura 1 Bairros criados por Antônio Chequer.....	27
Figura 2. Informe Profissional.....	42
Figura 3. Propriedades pertencentes ao Loteamento Nova Viçosa Ltda. e Rafael da Silva Araújo.....	46
Figura 4. Lotes vendidos de 1985 a 2000.....	50
Figura 5. Número de lotes vendidos entre 1985-2000.....	51
Figura 6. Dificuldades no pagamento dos lotes em Nova Viçosa e Posses.....	52
Figura 7. Tipos de auxílio ao se mudar para Nova Viçosa e Posses.....	52
Figura 8. Lotes doados entre 1989-2000.....	55
Figura 9. Número de lotes doados por ano (1989-2000).....	57
Figura 10. Profissões declaradas dos moradores beneficiados com lotes doados.....	58
Figura 11. Número de filhos declarado pelos moradores beneficiados com lotes doados.....	58
Figura 12. Renda declarada pelos beneficiários (1994-2000).....	59
Figura 13. Tipos de auxílio na construção das casas em Nova Viçosa e Posses.....	61
Figura 14. Tipos de recursos próprios utilizados pelos moradores na construção de casas em Nova Viçosa e Posses.....	63
Figura 15. Transações imobiliárias formais e informais (1980-1990).....	66
Figura 16. Comprovante de venda de lote emitida por Antônio Chequer.....	67
Figura 17. Lotes doados e suas respectivas transferências.....	69
Figura 18. Festa de inauguração do bairro Nova Viçosa.....	71
Figura 19a. Público presente durante a missa.....	72
Figura 19b. Padre Antônio Mendes celebrando a missa campal com a participação dos primeiros moradores de Nova Viçosa .....	72
Figura 20a. Festividades em Nova Viçosa.....	73
Figura 20b. O discurso de Antônio Chequer e um dos seus afilhados.....	73
Figura 21. Cruzeiro (à esquerda da foto), lideranças políticas (em cima à direita) e Antônio Chequer, familiares e amigos (em baixo à direita).....	75
Figura 22. Antônio Chequer recebendo benção do Pe. Mendes.....	76
Figura 23. Aspecto educacional de Nova Viçosa e Posses.....	82

Figura 24. Profissões dos entrevistados.....	83
Figura 25. Primeiras casas.....	85
Figura 26. Trajeto diário percorrido pelos moradores para obtenção de água (1978-1992).....	87
Figura 27. Trajeto diário percorrido pelos moradores até o ponto de ônibus.....	90
Figura 28. Evolução da chegada de equipamentos urbanos em Nova Viçosa e Posses (1978-2000).....	96

## Lista de Tabelas

Tabela 1. Porcentagem das edições em que o Informe Profissional é publicado no Jornal Integração.....	41
Tabela 2. Transmissão das Propriedades em Nova Viçosa (1967-1984.....	44
Tabela 3. Composição do bairro Nova Viçosa.....	45
Tabela 4. Forma de aquisição dos lotes em Nova Viçosa e Posses.....	48
Tabela 5. Formas de pagamento dos terrenos em Nova Viçosa e Posses.....	53
Tabela 6. Bairros de origem dos beneficiados em Nova Viçosa.....	60
Tabela 7. Regularidade fundiária no bairro Nova Viçosa e Posses.....	65
Tabela 8. Lugar de origem dos migrantes.....	80

## SUMÁRIO

1. Apresentação.....	11
1.1 Introdução.....	11
2. Os caminhos trilhados.....	14

### **Capítulo I – O processo de urbanização no Brasil e seus desdobramentos na cidade de Viçosa, Minas Gerais (1970-1990)**

1.1 – A urbanização no Brasil e o processo de periferização.....	21
1.2 – Urbanização e nascimento das periferias na cidade de Viçosa.....	24
1.2.1–Federalização da Universidade Rural de Minas Gerais e processo de valorização fundiária.....	29
1.2.1.1– O Estado e os promotores imobiliários no processo de uso do solo na cidade.....	31
1.2.1.2 – A proibição de favelas no “coração da cidade”.....	34

### **Capítulo II - O nascimento de Nova Viçosa e a formação do mercado de terras nas periferias**

2. A propaganda como forma de apropriação do espaço viçosense e de Nova Viçosa.....	38
2.1 – O lançamento de Nova Viçosa na mídia.....	40
2.2 – Origem fundiária de Nova Viçosa.....	43
2.3 – A distribuição dos lotes: vendas e doações.....	47
2.4 – Regularidade ou irregularidade fundiária? Eis a questão.....	64

### **Capítulo III – O (re) nascimento de Nova Viçosa: entre o mito de criação do bairro e a luta por sua apropriação pelos moradores**

3.1 – A ritualização do bairro e o fortalecimento da imagem de Antonio como benfeitor.....	71
3.2 – As esperanças: o percurso dos migrantes em direção ao bairro.....	79
3.2.1 – Do Patrimônio dos Cabritos à Nova Viçosa.....	84
3.2.2 – As questões de infraestrutura e as esperas.....	91
3.2.3 – As novas esperanças: o (re) nascimento do bairro a partir da Associação de Moradores de Nova Viçosa e Posses.....	99
Apontamentos finais.....	102
Referências Bibliográficas.....	105
Anexos.....	112

## 1 – Apresentação

### 1.1 – Introdução

Apesar dos estudos referentes às pequenas cidades brasileiras serem limitados, a partir da última década do século passado, tais cidades, que são a maioria no país, vêm ganhando destaque nas pesquisas de Geografia Urbana<sup>1</sup>. Quando se trata de estudos vinculados ao nascimento de periferias urbanas é inegável também a maior atenção dada às metrópoles e as grandes e médias cidades.

Diante dessa constatação o presente trabalho almeja constituir um esforço de reflexão acerca do nascimento de um bairro da periferia, denominado Nova Viçosa, localizado numa cidade de pequeno porte, Viçosa – MG. Para entender o motivo de se estudar este bairro, contaremos uma parte de nossa trajetória acadêmica.

Neste primeiro momento, o leitor deve estar se perguntado por que a escolha deste bairro e não outro. Tudo começou quando ao me deslocar pela cidade avistei um letreiro de ônibus, cujo destino era um lugar chamado Nova Viçosa. A partir deste fato, este bairro despertou meu interesse e o primeiro elemento que me chamou atenção foi à toponímia. Se fosse uma questão de adjetivação por que não estudar o bairro *Novo Silvestre* ou *Nova Era*? A resposta para esta pergunta se relaciona com o fato de o adjetivo *Nova* classificar Viçosa, a cidade.

Portanto, este dado me instigou a iniciar um longo caminho de pesquisa, que seria entender o que significou o adjetivo *nova*. Será que assinalava um novo período na história da cidade, marcado pelas influências da modernização, advinda com a federalização da universidade? O que era novo naquele momento? Por que esta Nova cidade encontrava-se isolada por uma montanha, “escondida” atrás dela? Teria sido fruto de ação intencional ou resultado de um outro fator? Minhas indagações não paravam por aí, e em 2011 tive a oportunidade de desenrolar os primeiros fios para entender o significado do nome, investigando o processo de criação deste bairro. Através de estágio voluntário realizado em 2011 no âmbito da pesquisa *O papel da comunidade e do poder público local na produção do bairro Nova Viçosa, Viçosa (MG)*, pude entrar em contato com a comunidade e primeiramente compreender o fato de que, pelo menos a nível metafórico, se pretendia criar uma *Nova Viçosa* com a

---

<sup>1</sup>Embora tais pesquisas sejam recentes, é importante destacar que renomados geógrafos como Corrêa (1999), Milton Santos (1979), entre outros, já haviam assinalado a importância de estudos enfocando as cidades de pequeno porte no Brasil.

construção deste bairro. Pude também desvendar o papel dos sujeitos responsáveis e envolvidos com o nascimento do bairro. Estava dado os primeiros passos da pesquisa.

No entanto, foi somente de 2012 a 2013 que, por meio de participação em projeto de Iniciação Científica (Formação das Periferias Urbanas de Viçosa-MG: os casos de Nova Viçosa e Amoras, 1970-1980), que tive a chance de mergulhar na pesquisa documental e arquivista com o intuito de compreender o processo de fundação e desenvolvimento deste bairro. E a partir desta pesquisa pude ampliar os horizontes de sobre os processos que resultaram na criação do bairro, o que me levou a ampliar a escala temporal e focar somente o bairro Nova Viçosa.

Quando comecei debruçar-me sobre a literatura existente a respeito do bairro, detectei trabalhos de diversas áreas: arquitetura e urbanismo, engenharia florestal, extensão rural, geografia e história, os quais falaremos rapidamente. O trabalho de Alves (2007) titulado de “*Um belo loteamento para os pobres*”: a construção do bairro Nova Viçosa e o imaginário da periferia, 1969-1988, trata do crescimento da periferia urbana de Viçosa a partir da abordagem histórica. Por meio da utilização da prática mnemônica e o uso da oralidade a autora buscou compreender as interações sociais envolvidas na criação do bairro. Ainda discutindo o processo de expansão da periferia urbana, Ana Maria Corrêa dos Santos, em sua dissertação *Sociabilidade e ajuda mútua na periferia urbana de Viçosa, Minas Gerais* (na área de Extensão Rural) apresenta um estudo sobre a ajuda mútua e a interação dos moradores dos bairros periféricos na década de 1990. Apesar deste estudo se direcionar ao bairro Cantino do Céu, atual Santo Antônio, ele se mostrou válido para nossas reflexões uma vez que discute as práticas de solidariedade, característica presente na periferia de Nova Viçosa.

Enfocando aspectos discutidos na área de Engenharia Florestal, Élcio Ferraz de Lima em 2005 analisou na sua pesquisa de mestrado *Meio Ambiente e mudanças na paisagem: contextualização das segregações ambientais no bairro Nova Viçosa, Minas Gerais*, a arquitetura paisagística urbana, a degradação ambiental, o planejamento urbano e o meio ambiente. A tese avaliou os impactos ambientais e sociais na paisagem urbana, contextualizando-os através da segregação no bairro.

Na perspectiva geográfica, Médelin Lourena da Silva em 2010 percorreu na sua monografia *Segregação Sócio espacial e Periferia Urbana na cidade de Viçosa –MG, o caso do bairro de Nova Viçosa – década de 1970 até a atualidade*, sobre o processo de segregação espacial e as características da periferia urbana a partir dos dados contidos

no documento Retrato Social de Viçosa III<sup>2</sup>. Ainda sob um olhar geográfico Jaíne Aparecida Cota em seu trabalho *Nova Viçosa e Posses: lugar de esperança para crianças e adolescentes*, analisou os aspectos educacionais e sociais do bairro em 2006 e Janaina Matoso em sua pesquisa *Intervenção urbanística como estratégia de desenvolvimento urbano e inclusão social: proposta para o bairro Nova Viçosa, Viçosa-MG*, à luz da arquitetura, propôs em 2012 critérios e diretrizes para requalificação urbanística e implantação de equipamentos urbanos em Nova Viçosa com o objetivo de promover o desenvolvimento urbano e social da área.

Como vimos, Nova Viçosa vêm sendo alvo de diversas pesquisas devido às suas particularidades econômicas, sociais e educacionais. Contudo, apesar de ter sido objeto de trabalhos na área de geografia notam-se lacunas no que se refere ao processo de formação territorial do bairro, sob uma perspectiva que enfocasse aspectos vinculados a geografia histórica. Nesse sentido, esta monografia traz à tona a discussão sobre a gênese desse espaço, buscando contribuir para o debate sobre o processo histórico de segregação dessa área. Neste aspecto, a pesquisa tem o intuito dar mais visibilidade à periferia, muitas vezes apagadas das narrativas, ao demonstrar as estratégias empregadas pelos diferentes grupos ao se apropriar do espaço e as lutas travadas pelos moradores para tornarem o local Nova Viçosa, em um lugar.

Assim, nosso objetivo geral foi compreender a complexidade do processo de formação de uma periferia urbana através da investigação de criação do bairro Nova Viçosa e Posses. Visando atender a tal objetivo, nossos intuítos foram: identificar os discursos e ações empreendidas pelos governos entre os anos 1970-2000 referentes ao bairro; investigar e compreender os motivos de deslocamento dos moradores para Nova Viçosa e Posses e identificar os principais aspectos sociais e espaciais do bairro.

Para tal, este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro aborda o processo de urbanização no Brasil e seus desdobramentos na cidade de Viçosa, Minas Gerais. Como nos indica Fernandes (2008), trata-se de entrar nos territórios do território, ou seja, promover o diálogo entre as escalas nacional, estadual e municipal. No segundo capítulo, veremos o nascimento de Nova Viçosa e a formação do mercado de terras nas periferias, buscando compreender a sua estrutura fundiária e as estratégias

---

<sup>2</sup>Documento elaborado pela Organização não governamental Centro de Promoção de Desenvolvimento Sustentável (Census) e o Instituto de Pesquisa de Mercado e Opinião Projetos e Consultorias com o propósito de suprir a demanda existente no município em termos de estatísticas atualizadas. Nesse sentido, este documento apresenta dados econômicos, sociais, habitacionais e demográficos de Nova Viçosa e demais bairros da cidade. As regiões urbanas de planejamento representam a agregação de ruas e bairros a fim de se obter, na medida do possível, uma compreensão mais precisa das realidades locais.

empregadas na fundação do bairro. Por fim, no terceiro analisaremos o (re) nascimento de Nova Viçosa: entre o mito de criação do bairro e a luta por sua apropriação pelos moradores.

Contudo, antes de iniciarmos a leitura dos capítulos faz-se necessário apresentar os caminhos percorridos para alcançar nossos objetivos gerais e específicos, as fontes utilizadas, bem como as técnicas de pesquisa empregadas na coleta, organização e sistematização de dados.

## 2. Os caminhos trilhados...

Buscando compreender como o processo de urbanização ocorreu em Viçosa e seus principais desdobramentos sociais, esta pesquisa almejou reconstituir as marcas e processos que resultaram no nascimento de um bairro da periferia urbana de Viçosa – Nova Viçosa e Posses. Para embasar nossas reflexões, adotamos como recorte temporal a década de 1970, momento em que a cidade passa por transformações socioespaciais significativas em função da federalização da universidade, do desenvolvimento do mercado fundiário, da instalação de novas infraestruturas, e da mudança na estrutura demográfica a nível local e regional. Finalizamos nossa análise em 2000 quando este bairro se encontrava totalmente instalado.

No processo investigativo demos ênfase aos seguintes questionamentos para entender a criação deste bairro: quais foram os atores sociais que se destacaram no surgimento da periferia urbana de Nova Viçosa e Posses e qual o papel desempenhado por eles? Que estratégias econômicas, sociais e políticas foram empregadas pelos grupos sociais ligados aos setores imobiliário e comercial para ampliar os seus lucros e como tais estratégias foram recebidas/adaptadas pelos moradores da periferia? Partindo dessas questões, o cerne de nossa investigação foi compreender como a Construtora Chequer, de propriedade de Antônio Chequer, se apropriou (tanto do ponto de vista material como simbólico) de grande parte da cidade de Viçosa através das suas operações de compra, venda, doação e aluguel dos terrenos adquiridos e incorporados à malha urbana a partir de 1970. Também foi nossa intenção entender as estratégias dos migrantes – moradores das novas periferias – para se integrarem à cidade em um ambiente de “precária inserção” e se tornarem os principais atores do espaço da periferia.

Para responder as questões foi necessário percorrer distintos caminhos metodológicos, que perpassaram por levantamentos nos principais jornais da cidade, no conjunto legislativo elaborado entre as décadas de 1970-1990 (Atas da Câmara, Projetos de Lei e leis), nos dados de vendas e doações dos lotes de Nova Viçosa junto Cartório de Registro de Imóveis (cadastro imobiliário) e no Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda., onde levantamos todas as fichas de cadastro dos lotes doados.

Nossa análise também foi subsidiada por entrevistas semiestruturadas<sup>3</sup> efetuadas com os moradores e lideranças dos bairros. Optou-se por utilizar esta técnica de pesquisa em detrimento de outras como questionários e entrevistas estruturadas<sup>4</sup> por compreender que era possível melhor apreender a partir da fala direta dos moradores os principais aspectos de sua vida no bairro e os seus dilemas cotidianos. O fato dos moradores dos bairros possuírem baixa instrução – em Nova Viçosa e Posses, por exemplo, o número de pessoas analfabetas é de 9,61%, o que tornaria difícil, e até constrangedor, a aplicação de outras técnicas<sup>5</sup> – também nos motivou a realizar as entrevistas.

A aplicação de entrevistas semiestruturadas com os moradores dos bairros teve os seguintes objetivos: identificar o lugar de origem dos migrantes, bem como compreender os motivos que os levaram a se deslocar; investigar e compreender as condições socioeconômicas referentes à Nova Viçosa; apontar e apreender às condições – infraestruturais, empregatícias e fundiárias – encontradas no bairro nos primeiros anos e identificar até que ponto os problemas vivenciados no passado ainda permanecem. As entrevistas com os membros da Associação de Moradores (AM) do bairro Nova Viçosa e Posses tiveram como intuito compreender os seguintes aspectos: entender como se desenrolou a história do bairro; identificar o contexto de surgimento da AM; compreender as principais reivindicações dos moradores e identificar e apreender a organização dos moradores na luta pela moradia (Anexo 1).

Primeiramente, elaboramos uma entrevista-piloto buscando atingir os objetivos elencados acima<sup>6</sup>. Nesta versão, identificamos em campo as perguntas que não

---

<sup>3</sup>A entrevista é um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, ela possibilita a interação entre o pesquisador (quem pergunta) e o público alvo (quem responde), além disso, permite a apreensão imediata e corrente da informação desejada. As entrevistas semiestruturadas é um instrumento flexível, onde há liberdade de percurso para que o entrevistado pondere sobre a temática proposta com base no conhecimento que ele possui (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

<sup>4</sup>Utilizada na captação de resultados uniformes entre os entrevistados com fins de comparação (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

<sup>5</sup>Informação retirada de Cruz et al. (2012).

<sup>6</sup> Nesta versão, foram aplicadas trinta entrevistas no bairro Nova Viçosa.

respondiam às questões formuladas e/ou aquelas cujo conteúdo não se apresentava de forma clara aos entrevistados (Anexo 2). A partir disso, fizemos os ajustes necessários – exclusão, inclusão e reelaboração de algumas perguntas – e redigimos a versão final das entrevistas (Anexo 3).

O tamanho da amostra das entrevistas com os moradores do bairro se pautou no método descrito por Barbeta (2011). Tal método baseia-se no estabelecimento de um *erro amostral tolerável* ( $E_0$ )<sup>7</sup>, que no caso do estudo foi de 10% seguido de uma correção para o tamanho da população, os quais foram calculados pelas fórmulas a seguir:

$$n_0 = 1/E_0^2$$

em que:

$n_0$  primeira aproximação para tamanho da amostra.

$E_0$  erro amostral tolerável.

$$n = \frac{N * n_0}{N + n_0}$$

em que:

$n$  é o tamanho da amostra.

$N$  tamanho da população.

Neste estudo, a população refere-se ao número de imóveis edificadas. Em Nova Viçosa e Posses este número correspondeu a 1.258, a partir disso, foi possível determinar o tamanho da amostra para o bairro 92,6. É importante lembrar que a amostragem dos imóveis edificadas foi aleatória<sup>8</sup>.

As abordagens privilegiadas nas entrevistas realizadas em Nova Viçosa e Posses contemplaram aspectos qualitativos e quantitativos<sup>9</sup>. Em decorrência da abordagem

---

<sup>7</sup>O erro amostral consiste na diferença entre uma estatística e o parâmetro que se deseja estimar. Logo, o erro amostral tolerável específica o quanto o pesquisador admite errar na avaliação do (s) parâmetro (s) de interesse (BARBETA, 2011).

<sup>8</sup>A informação dos imóveis edificadas foi retirada de Cruz et. al. (2012). Para fins de aproximação, foram aplicadas 93 entrevistas no bairro.

<sup>9</sup>A pesquisa qualitativa “busca descrever significados que são socialmente construídos, e por isso é definida como subjetiva” envolve motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (TANAKA E MELO, 2001, p.2). De acordo com Bignardi (2000), a abordagem qualitativa corresponde a uma análise mais profunda das relações, dos processos e dos fenômenos. O autor salienta que este tipo de pesquisa não

quantitativa foi fundamental calcular o tamanho da amostra ( $n$ ). A abordagem das entrevistas com os membros da Associação de Moradores foi qualitativa, em função disso não foi necessário estabelecer um mínimo de entrevistas, ou seja, calcular o tamanho da amostra<sup>10</sup>.

Para realização desta pesquisa foram efetuados trabalhos de campo<sup>11</sup> no bairro com o objetivo de identificar os principais aspectos da paisagem e seus elementos constituintes: padrão construtivo, estabelecimentos comerciais, igrejas, órgãos de assistência social, educacional e religiosa, serviços de água e esgoto, escola, posto de saúde e demais infraestruturas. Nestas visitas efetuamos registros fotográficos e obtivemos, junto aos moradores, informações que subsidiaram a compreensão de aspectos imateriais que marcaram a paisagem e a elaboração de mapas e tabelas.

Com o objetivo de identificar o papel que exerceram alguns atores no bairro, buscamos através dos jornais e do livro *Um Minuto de Silêncio: Homenagem Póstuma a Antônio Chequer* – onde há registro fotográfico da cidade e da vida do ex-prefeito – notícias e fotos que pudessem respaldar nossa análise. As informações coletadas junto aos jornais Folha da Mata<sup>12</sup> e Tribuna Livre<sup>13</sup> dizem respeito, sobretudo, a urbanização da cidade, elucidam o contexto político-econômico em que Nova Viçosa e Posses foi criado e os discursos feitos sobre o bairro e os atores envolvidos em sua fundação<sup>14</sup>.

Dessa forma, as matérias pertinentes à pesquisa foram classificadas seguindo os seguintes critérios: data, número da edição, título/acometimento, conteúdo e código de identificação digital das fotos. Em função desta sistematização foram criadas várias tabelas. Tal acervo nos permitiu identificar desde as questões de infraestrutura no bairro,

anseia alcançar generalizações, mas sim a compreensão das particularidades, por isso preocupa-se com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Portela (2004) afirma que na abordagem quantitativa os pesquisadores procuram expressar as relações de dependência funcional entre variáveis, além disso, buscam identificar os aspectos constituintes do objeto de análise. Seus dados são numéricos (medidas, comparação/padrão/metro).

<sup>10</sup>Como a abordagem qualitativa busca compreender e analisar aspectos não mensuráveis, nesta pesquisa ela permitiu verificar a interação dos grupos sociais – Associação de Moradores – e a dinâmica interna dos mesmos.

<sup>11</sup>Na pesquisa de campo, o objeto é abordado em seu próprio meio. Severino (2007) aponta que tal pesquisa abarca desde os levantamentos, com caráter mais descritivo até estudos mais analíticos.

<sup>12</sup>O jornal Folha de Viçosa nasce em 1963, sendo seus fundadores o historiador, jornalista e professor Pélmio Simões de Carvalho, o Cônego Antônio Mendes e Silas Torres Duarte. A partir desta data, passa a ser um dos principais meios de propaganda da cidade e da região, já que circulava semanalmente em Ponte Nova, Raul Soares, Jequeri, Rio Casca, Ervália, Ubá, Teixeiras e Ucrânia. Primeiro o jornal se chamava Folha de Viçosa, depois passou para Jornal Integração e, desde 1986, é denominado Folha da Mata.

<sup>13</sup>Este jornal foi criado em 1985 e sua primeira edição circulou em sete de dezembro. Seu fundador é o viçosense Lúcio Sant'Ana.

<sup>14</sup>A pesquisa nestas fontes ocorreu graças ao registro fotográfico efetuado pela graduanda.

o cotidiano dos moradores e os problemas enfrentados pelos mesmos, a atuação do poder público local, as reuniões de Associação de Moradores (AM's) e os principais assuntos discutidos como também o processo de construção de uma imagem de lugar e da criação do personagem Antônio Chequer – um dos temas discutidos em nossa pesquisa.

É imprescindível destacar que na interpretação destas fontes utilizamos a metodologia denominada análise de conteúdo. Segundo Severino (2007), tal metodologia associa-se ao tratamento e análise de informações constantes em um documento. Desse modo, um dos problemas mais complicados para a análise dos conteúdos existentes nos jornais foi identificar e distinguir as informações e dados que retratavam a realidade daqueles que se apresentavam como opinião ou discurso de determinados grupos. Diante disso, na análise de conteúdo dos jornais buscamos relativizar os discursos e informações propaladas, pois a grande maioria vincula-se a partidos ou a políticos que utilizam estrategicamente este veículo como um dos principais canais de manifestação e propagação de seus ideais<sup>15</sup>.

Nesse sentido, Maciel (2010) nos alerta que não podemos nos esquecer de que tais fontes são produzidas, em sua maioria, por autoridades e grupos que estão no poder e, dessa forma, expressam seus projetos e modos de pensar. Por isso, um dos cuidados metodológicos é não retirar os argumentos do campo de disputa que foram produzidos<sup>16</sup>. Inspirado em Maciel buscamos compreender a essência das notícias, ou seja, o que está implícito nos discursos e confrontar com outros dados e informações obtidas nas demais fontes da pesquisa.

Simultaneamente aos levantamentos de campo e as entrevistas, realizamos levantamentos bibliográficos<sup>17</sup>, através dos quais foi possível selecionar temas vinculados aos objetos de nosso estudo: história oral, memória, mito, periferia, segregação socioespacial em cidades pequenas, espaço urbano e seus agentes, urbanização brasileira, urbanização do Sudeste, urbanização de Minas Gerais e de Viçosa-MG, questão fundiária, habitação e luta pela moradia. Após este momento, fez-se a imersão na literatura e elaboração de um estado da arte. Tal panorama nos

---

<sup>15</sup>Os integrantes do jornal Folha da Mata eram aliados políticos de Antônio Chequer. Já os componentes do Tribunal Livre faziam oposição a Chequer, este jornal tinha um caráter de denúncia dos feitos do ex-prefeito.

<sup>16</sup>Um dos riscos de se remover as discussões do contexto em que foram engendradas é produzir explicações históricas universais. Estas interpretações conduzem a consequências desastrosas, como reproduzir um imaginário social e uma memória cristalizada sobre os processos e eventos ocorridos, silenciando outras vozes, projetos e possibilidades que disputam lugar no social (MACIEL, 2010).

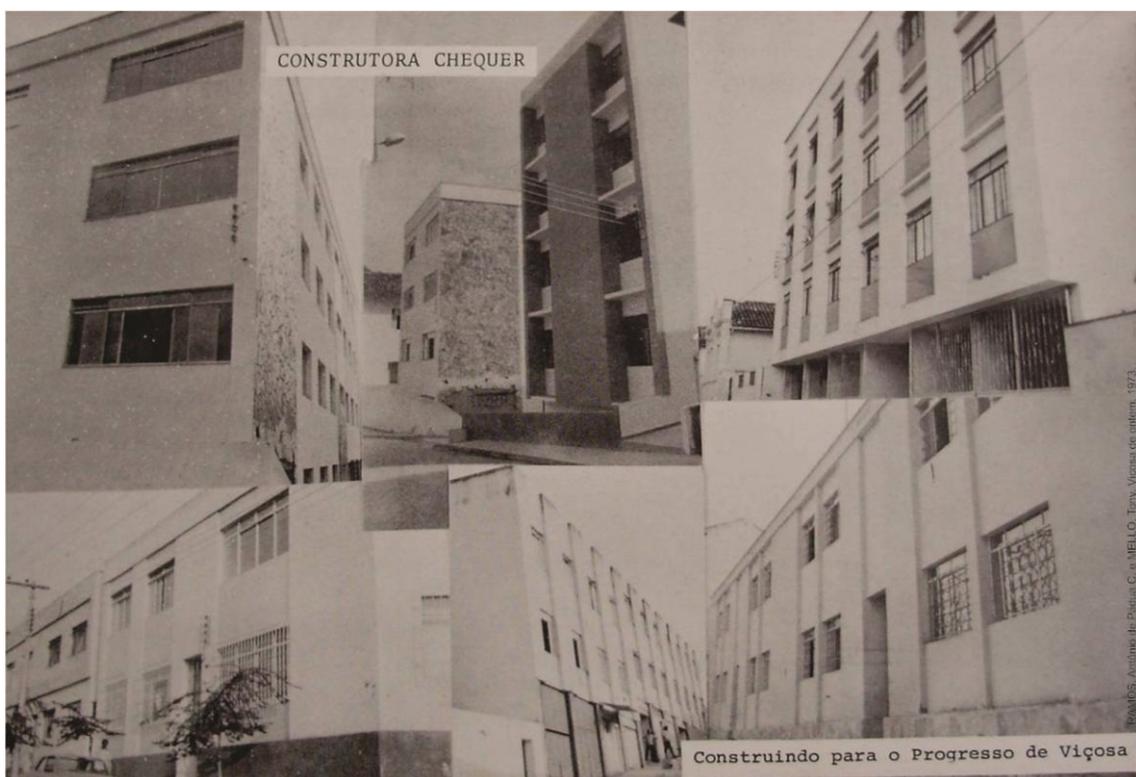
<sup>17</sup>Sobretudo em endereços eletrônicos e na Biblioteca da Universidade Federal de Viçosa.

possibilitou entender e relacionar o nascimento das periferias urbanas em cidades de pequeno porte e problematizar o processo distinto de formação de periferias em médias e grandes; aos (pré) conceitos associados aos moradores de favelas e periferias; aos mecanismos de expulsão dos pobres das áreas centrais das cidades; as políticas habitacionais destinadas às periferias; aos conceitos de subúrbio, (i) legalidade e marginalidade.

No momento seguinte da pesquisa buscamos ler, interpretar e classificar os dados, informações e análises subsidiadas pela bibliografia e, com isso, ampliar o nosso aporte teórico e empírico a partir do diálogo entre os dados e informações coletadas durante a pesquisa e a literatura científica.

Outro produto da sistematização dos dados e informações obtidos durante a pesquisa foi à construção alguns mapas, nos quais identificamos as informações dos lotes doados (1989-2000), vendidos (1985-2000) e as transações imobiliárias em Nova Viçosa e Posses nas décadas de 1980 e 1990. Representamos também a evolução da chegada dos equipamentos urbanos no bairro entre 1978 a 2000, a área aproximada dos proprietários de lotes (Rafael da Silva Araújo e Loteamento Nova Viçosa Ltda.) em Nova Viçosa e Posses, o trajeto diário percorrido pelos moradores para obtenção de água (1978-1992) e para ter acesso ao ponto de ônibus (1978-1994). Para tal, foi necessário pedir autorização junto ao Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda., para efetuar uma cópia da planta do loteamento e junto à Prefeitura Municipal de Viçosa coletamos e transcrevemos o número de lotes e quadras apagadas ou que não constavam na planta original. O segundo passo foi sistematizar as informações referentes aos lotes doados e vendidos sob a forma de tabela e espacializar tais dados no *software* Auto Cad versão 2010. Esse procedimento envolveu vários meses de trabalho, pois além da coleta das informações no Escritório de Loteamento e no Cartório de Registro de Imóveis foi necessária a organização das informações e a sistematização dos dados em tabelas e quadros.

Os caminhos propostos e a coleta nas fontes primárias e secundárias elucidaram os elementos que contribuíram, sobremaneira, para a formação da periferia de Nova Viçosa e Posses. Nesse sentido, os capítulos que seguem têm como objetivo descrever e analisar os discursos e as ações empreendidas pelo Estado (1970-1990), o contexto de nascimento deste bairro, os motivos que conduziram os migrantes a se deslocarem para o bairro e os aspectos socioeconômicos desta periferia.



## **Capítulo I – O processo de urbanização no Brasil e seus desdobramentos na cidade de Viçosa, Minas Gerais (1970-1990)**

### 1.1 – A urbanização no Brasil e o processo de periferização

O Brasil apresentou um acentuado movimento de urbanização, sobretudo a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Este movimento relaciona-se com o crescimento demográfico, caracterizado por uma elevada taxa de natalidade e uma mortalidade em declínio<sup>18</sup>.

Neste momento, a agricultura adquire novas técnicas aplicáveis ao campo, tais como máquinas e insumos, evento que ficou conhecido como modernização agrícola<sup>19</sup>. A economia objetivava atender um mercado consumidor em plena ascensão e as demandas do mercado externo. É nesta ocasião, que o Brasil se torna grande exportador de produtos agrícolas e industrializados (SANTOS, 2005).

Contudo, esta modernização se processou de maneira desigual e excludente, uma vez que, privilegiou alguns poucos agentes - Estados, produtores, latifundiários e empresas - em detrimento de outros tanto pequenos - produtores familiares. A expropriação dos meios de produção dos trabalhadores e sua expulsão do campo foram algumas das consequências da modernização agrícola.

Santos (op. cit.), ao periodizar a urbanização brasileira, nos convida a entender a mudança quanto ao local de residência da população. Ele nos coloca que entre 1970 e 1980 ocorre uma inversão, na qual a população urbana supera a população total do país. A taxa de urbanização que era de 26,35% em 1940 salta para 68,86% em 1980, ou seja, neste intervalo triplica a população brasileira, ao mesmo tempo em que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia.

Não se pode deixar de mencionar o papel da industrialização, sobretudo nas décadas de 1940 e 1950, que colaborou para a formação do mercado nacional, para expandir o consumo, impulsionar as relações e ativar o processo de urbanização. A nova lógica econômica superou o nível regional e envolveu o país, por isso, a partir daí, uma urbanização cada vez mais presente no território ocorreu com o crescimento demográfico das grandes e médias cidades (SANTOS, op. cit.).

---

<sup>18</sup>Segundo Santos (2005) tal aumento populacional foi fruto dos progressos sanitários e da melhoria relativa dos padrões de vida.

<sup>19</sup>Cabe ressaltar que modernização agrícola não se restringe apenas a técnica, mas engloba também as modificações ocorridas nas relações sociais de produção.

Apoiada em dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Grostein (2002) destaca que nas três últimas décadas a população brasileira tornou-se predominantemente urbana. Em 1960, a população urbana compreendia 44,7%, enquanto nos anos 1970, 1980 e 1991, tal população representava 55,9%, 67,6% e 75,5%, respectivamente. Portanto, o crescente fluxo migratório em direção as cidades torna o país efetivamente urbano a partir da década de 1970, momento no qual o Brasil enfrentava mudanças sociais, econômicas e políticas, em decorrência da “modernização conservadora”.

Para Becker (1994) o Brasil se inseriu na modernidade pela via autoritária, sobretudo impressa pelo regime militar, fato que deixou profundas sequelas sobre a sociedade e seus espaços regionais. Tratava-se de um Estado que, segundo Wanderley (1992), se legitimou através do concentracionismo federal, patrimonialismo e clientelismo.

De acordo com Santos (op. cit.), o movimento militar criou às condições necessárias a integração do país<sup>20</sup>: conexão das estradas de ferro e criação de estradas de rodagem – articulando as diversas regiões e pondo-as em contato com a região central<sup>21</sup>. Integrar o país, neste momento, significava promover a sua industrialização e urbanização, além de (re) organizar o território, isto é, dotá-lo de infraestrutura e equipá-lo tendo em vista a unificação do mercado nacional. Nesse sentido, a urbanização, antes dispersa e fragmentada, se unificou em virtude da integração do território<sup>22</sup>.

Se por um lado, a modernização conservadora engendrou um pujante processo de dinamização econômico-industrial<sup>23</sup>, por outro, a maioria da população brasileira não teve acesso aos benefícios do crescimento econômico. Daí se dizer que o país abriga

---

<sup>20</sup>É importante deixar claro que os projetos que buscavam integrar o país foram deflagrados antes do período militar. No Brasil Republicano, por exemplo, alguns projetos já buscavam a modernização do país. Anos mais tarde esta proposta modernizadora continuou no governo de Getúlio Vargas (1930-1945; 1951-1954) e Juscelino Kubitschek (1956-1961). Contudo, nos anos 1970 a integração se consolidou através do Plano de Integração Nacional (PIN), que criou uma ossatura de circulação importante à integração física do território nacional e, de forma correlacionada, à unificação do mercado nacional, superando, assim, aquela conformação geoeconômica que predominou até os anos 1970.

<sup>21</sup>Desse modo, se projeta uma nova materialidade ao território que sobrepõem novos sistemas de engenharia aos precedentes, instaurando técnicas gerais que iriam ensejar o processo de substituição de importações (SANTOS, op. cit.).

<sup>22</sup>Ao analisar o processo pretérito de criação urbana, Santos (2005) assinala que “[...] tratava-se muito mais da geração de cidades, que mesmo de um processo de urbanização” (p. 22). O autor afirma que as relações entre os lugares eram tênues, volúveis, num país com extensas dimensões territoriais.

<sup>23</sup>A economia brasileira atingiu a posição de oitava no Produto Interno Bruto (PIB) do mundo, seu parque industrial alcançou proeminente grau de complexidade e diversificação, a agricultura adquiriu técnicas e uma rede de serviços que conectou o território nacional (BECKER, 1994).

uma modernidade da pobreza<sup>24</sup>, na qual *modernidade e pobreza* se imbricam em um tecido complexo. A pobreza foi ampliada nos núcleos urbanos, sobretudo após a liberação de força de trabalho rural acarretada pela mecanização do campo.

Portanto, como discute Santos (2005) de uma maneira geral, o aumento da população urbana nas cidades concorreu para formação de espaços onde a pobreza é predominante, devido, principalmente aos problemas relacionados ao acesso ao trabalho, à habitação e as infraestruturas.

Ao analisar o processo de urbanização, Campos Filho (1992) realça que na maioria das cidades latino-americanas, como é o caso do Brasil, a oferta de empregos urbanos não ocorre no mesmo ritmo da chegada de migrantes. À parcela de menor poder aquisitivo da sociedade restam às áreas centrais danificadas e abandonadas ou ainda a periferia, onde os terrenos são mais baratos em decorrência de infraestruturas e serviços precários ou mesmo inexistentes. No último caso, o direcionamento de migrantes contribuiu para o crescimento dos cinturões periféricos das cidades. Com isso, os migrantes recém-chegados tornam-se, via de regra, moradores pobres das periferias.

Como nos lembra Correia (2005), as periferias resultam de um processo de expropriação da terra urbana pelo mercado imobiliário. Como um fenômeno social de expansão dos núcleos urbanos, a formação das periferias decorre da atuação direta ou indireta do Estado que ora apoia, ora ignora o uso especulativo da terra urbana realizado pelos proprietários fundiários e promotores imobiliários. Como a intenção final destes agentes é extrair renda da terra, eles são os principais responsáveis pela transformação do espaço rural em urbano. E aproveitando-se da demanda por terras e habitação, que cresce em função da valorização das áreas centrais, estes atores fomentam um mercado de terra para atender as camadas sociais com o nível de renda baixo, em geral migrantes e pobres.

Este processo segundo Carlos (2011) relaciona-se a disputa do uso do solo urbano por diversos segmentos sociais, produzindo conflitos entre indivíduos e usos. A divergência que se estabelece diz respeito aos interesses dos atores vigentes, com destaque para o capital e a sociedade como um todo. O primeiro tem como intuito a sua reprodução por meio do processo de valorização, enquanto que o segundo, a sociedade, deseja melhores condições de reprodução da vida em sua perspectiva plena.

---

<sup>24</sup>Expressão tomada de empréstimo de Becker (op. cit.).

Para compreender a periferização Aldo Paviani (1987) nos oferece uma chave<sup>25</sup>, mostrando-nos que este processo (e a iniquidade social dele decorrente) ocorre quando a população pobre (e as favelas) é (são) erradicada (s) das localizações próximas ao emprego, serviço e escolas, geralmente situados nos centros urbanos. É assim que a valorização dos terrenos nas áreas centrais, oriunda da especulação imobiliária, cria um mecanismo de expulsão das classes baixas.

Ao analisar a habitação na década setenta, Villaça (1986) afirma que a partir de então a periferia passa a predominar na paisagem da maioria das cidades do país, inclusive em muitas cidades pequenas. A periferia no Brasil é antiga, no entanto ela se amplia social e espacialmente à medida que o país se industrializa e novas áreas da cidade são incorporadas à malha urbana.

As perspectivas analisadas pelos autores mencionados podem ser utilizadas para compreender o que aconteceu com a cidade de Viçosa nas décadas de 1970 e 1980. Refletiremos sobre este aspecto na próxima seção.

## **1.2 – Urbanização e nascimento das periferias na cidade de Viçosa**

Conforme Santos (2005), o crescente fluxo migratório em direção as cidades teve destaque em Minas Gerais, que entre os anos 1960-1970 apresenta a segunda maior perda da população rural do Brasil. Ele destaca que neste período as aglomerações como mais de 20 mil habitantes apresentaram um crescimento expressivo em sua população urbana<sup>26</sup> em decorrência do crescimento da pobreza na zona rural dos municípios da Zona da Mata, que recebe durante a década de 1970 grandes levas de migrantes. Viçosa se integra ao grupo de cidades que apesar de apresentar menos de 20 mil habitantes tem um comportamento demográfico similar às demais cidades do Brasil e de Minas Gerais, isto é, um aumento representativo de sua população urbana<sup>27</sup>, que entre 1960-1970 teve um acréscimo de 84,26% na sua área urbana.

Ao comentar sobre esse crescimento, o principal jornal da cidade emprega as seguintes palavras: “[...] atraente pela fama de seus muitos estabelecimentos de ensino

---

<sup>25</sup>Aldo Paviani é geógrafo urbano, professor e pesquisador associado da Universidade de Brasília (UnB).

<sup>26</sup>Assim, baseando-se em dados estatísticos o autor mostra que entre 1950-1980 há um aumento de 4,58 vezes da população urbana, ou seja, nesse período “[...] de cada cem novos urbanos, 77 se encontram em cidades e vilas com mais de 20 mil habitantes” (SANTOS, 2005, p. 80). Isso significa que a população urbana das aglomerações com mais de 20 mil habitantes cresceu mais rápido que a população total e que a população urbana do país.

<sup>27</sup>Sairam da área rural da cidade de Viçosa 2.845 pessoas, o que representava 24,47 % da sua população total (PREFEITURA MUNICIPAL DE VIÇOSA).

médio, pela sua universidade federal e pelo crescimento de sua indústria da construção civil, a cidade teve um aumento superior a 100% em sua população urbana, entre os anos 70 e 80” (INTEGRAÇÃO, 1983, s/p).

Exageros à parte, o fato é que o crescimento de Viçosa neste período foi bastante expressivo, ou seja, houve um acréscimo de 12.902 – cerca de 50% da população – representando uma taxa de crescimento média anual de 4,1%. O esvaziamento do campo é revelado quando se observa que em 1970 a população urbana passou de 65,9% para 80,6% em 1980, ao passo que a população rural no período assinalado, caiu de 34,1% para 19,4%. Nota-se, dessa forma, que a década de 1970 funcionou como um “divisor de águas” na cidade, marcando a mudança quanto ao local de residência e de trabalho da população<sup>28</sup>.

Como anunciado no jornal, o fluxo migratório e o crescimento da cidade durante os anos 1970-1980 estiveram relacionados a um evento local de grande importância neste contexto: a federalização da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) em 1969. Tal acontecimento foi responsável pela ampliação da demanda por emprego, habitação e terras servidas<sup>29</sup>, intensificando a disputa fundiária nos locais mais próximos à universidade, ou seja, na área central. Portanto, neste momento Viçosa passa por transformações socioespaciais significativas em função da mudança na estrutura demográfica, do desenvolvimento do mercado fundiário e da diversificação dos grupos sociais.

Analisando este período, El-Dine e Alves (2007) mostram que a ampliação da universidade levou a criação de vários loteamentos, cujo objetivo era abrigar as distintas camadas sociais. Conforme observamos nas informações do jornal Folha de Viçosa (1978), neste contexto há uma maior valorização das terras nas áreas centrais, nascendo em decorrência disso, às pequenas empresas dos setores imobiliários e construtivos, como a Incorporadora Sena e Figueiredo Ltda., Construtora Delta Ltda., Construtora e Incorporadora Chequer Ltda., e Mundial Ferragens Ltda. Estes setores, que passam a fazer intensa propaganda dos novos loteamentos nos jornais locais, associados aos donos de terrenos (proprietários de pequenas fazendas e sítios ainda presentes na paisagem de Viçosa) tornam-se os principais responsáveis pela abertura de novas áreas

---

<sup>28</sup>Dados retirados do documento Retrato Social de Viçosa IV (2012).

<sup>29</sup>Segundo Morales e Souza (2010) terras servidas são “[...] aquelas dotadas de serviços e equipamentos necessários ao desenvolvimento das práticas diárias no meio urbano” (p. 1), ou seja, infraestruturas e serviços urbanos de saneamento básico (água tratada, esgoto, coleta seletiva do lixo, aterro sanitário) de segurança, saúde, educação, pavimentação etc.

para a venda/aluguel e pelo incremento do mercado imobiliário a partir do final dos anos 1970.

Como mencionado, nesta época grande parte das cidades brasileiras experimentaram mudanças sociais, econômicas e políticas em decorrência da “modernização conservadora” do campo e do crescimento urbano. Em Viçosa observamos os sinais deste processo ao constatarmos que além da perda expressiva de sua população rural, quase metade de seu território foi loteado pelo empreendedor imobiliário, ex-prefeito e vereador Antônio Chequer. Isto num momento em que a cidade apresentava um expressivo crescimento populacional.

E é neste movimento de urbanização da cidade, ou seja, em um contexto de transformação e conversão do uso do solo que nascem paralelamente os bairros de classe média e as periferias urbanas. Dessa maneira, observamos que grande parte da área da cidade foi convertida em terra urbana em função do processo de valorização das áreas centrais, ou seja, nestas áreas houve a substituição do “uso agrícola da periferia” em uso urbano. É nesse momento também que emerge o personagem Antônio Chequer que se torna figura memorável na vida e na cultura dos viçosenses, em função da criação e doação de lotes de terra no maior bairro popular da cidade - Nova Viçosa, nosso objeto de estudo e que iremos analisar mais detalhadamente nos próximos capítulos.

O que por ora importa ressaltar são as atividades da Construtora Chequer que ganharam grande impulso a partir da primeira gestão do prefeito de Viçosa, Antônio Chequer (1973-1976). Neste momento, sua Construtora torna-se a principal responsável pela demarcação e venda dos seguintes loteamentos e futuros bairros da cidade: Amoras, Betânia, Santo Antônio, Lourdes, Nova Viçosa, parte do Silvestre e Ramos. Anos mais tarde, a Construtora lança ainda os loteamentos Clélia Bernardes, Prefeito João Braz e Santa Clara (FOLHA DE VIÇOSA, 1978). Isto é, entre os anos 1970-1980 grande parte do território do município se transforma em área urbana.

Dos loteamentos criados, alguns visavam atender o público de maior renda, como o localizado no bairro de Ramos e Clélia Bernardes, outros se destinavam a classe média, como o bairro João Braz e, finalmente, para atender as classes populares, os bairros de Amoras e Nova Viçosa e Posses (Figura 1).

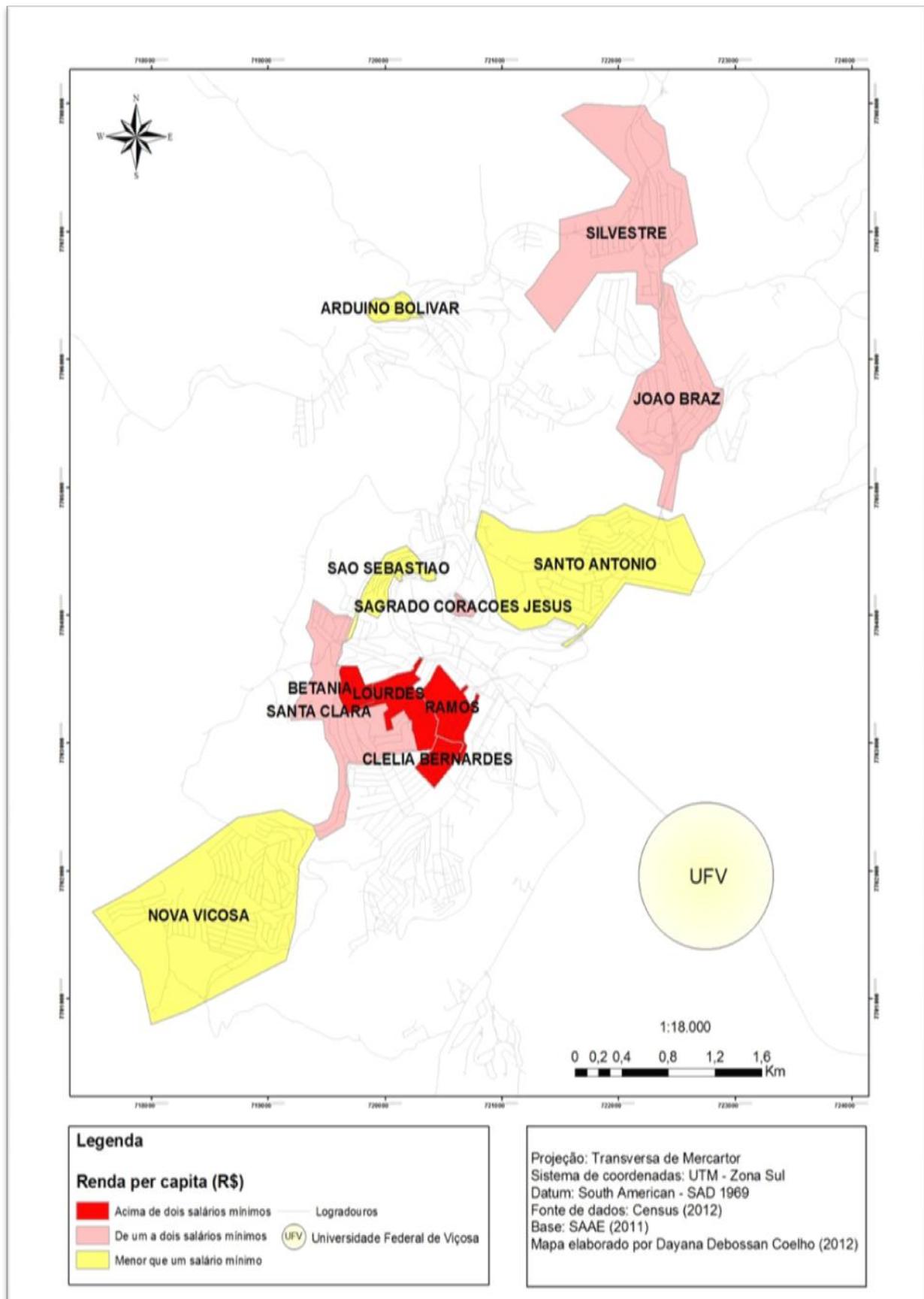


Figura 1. Mapa dos bairros criados por Antônio Chequer (1970-1980).

Em pesquisa documental verificamos que paralelamente ao nascimento dos bairros da periferia, se instalaram na cidade a partir de 1978, vários estabelecimentos comerciais e financeiros, com destaque para a Mundial Ferragens Ltda. e as agências bancárias do Bradesco, Banco Real e Banco do Brasil (FOLHA DE VIÇOSA, 1978).

Como muitas outras cidades verificamos que o crescimento imobiliário de Viçosa foi resultante da associação de diferentes capitais: o capital financeiro e os capitais imobiliário e fundiário. Ou seja, o processo de valorização imobiliária, a estocagem de terras, os serviços e equipamentos concentrados nas áreas centrais, demonstram que a obra de muitos agentes foi apropriada de forma seletiva e desigual.

Portanto, a década de 1970 representa um momento no qual a oferta de terrenos baratos e sem infraestrutura torna a cidade um chamariz para a constituição e fortalecimento de um mercado imobiliário voltado para as classes populares. No entanto, apesar do processo de segregação urbana ter evidências anteriores à federalização da universidade, consideramos que a partir de tal evento ele assume novas formas. É, assim, nesse momento que assistimos o nascimento e a expansão das periferias urbanas de Viçosa, isto é, na formação de bairros distantes do centro e caracterizados pela precariedade de infraestruturas e serviços.

Sobre esse processo de segregação espacial na década de 1970, A. M. C. Santos (1991) e Lima (2005) assinalam os seguintes fatores responsáveis por seu desencadeamento: o aumento do déficit habitacional, a criação de bairros populares sem infraestrutura e o crescimento econômico excludente. Acrescentamos a essas causas a omissão do Estado na provisão de habitação e infraestruturas para as classes populares, deixando nas mãos dos pequenos e médios proprietários a produção desse cenário complexo de urbanização de cidade pequena, marcado pelos baixos salários, êxodos rurais e pela migração massiva, gerando uma pauperização crescente. Nesse aspecto concordamos com Verás (1992) quando ela diz que para entender a dinâmica de urbanização das cidades é necessário compreender a maneira como se comportou o mercado e o Estado (as estratégias empregadas), ou seja, de que maneira estes atores se organizaram na escala local, em associação com as escalas nacional e regional.

Comprendemos assim que o movimento de expansão geográfica dos diferentes capitais, entre os quais o capital imobiliário, promoveu a territorialização de várias áreas da cidade. Como demonstra os dados e informações, essa territorialização caracterizou-se pela apropriação e controle de espaços centrais e periféricos, sendo que alguns grupos se destacaram mais do que outros, como: Elias Chequer e Cia. Ltda, Edificadora de

Construções Ltda, Construtora e Incorporadora Chequer Ltda., Construtora e Incorporadora Delta Ltda e Incorporadora Sena e Figueiredo Ltda. Compreendemos também que as estratégias de compra e venda de espaços empregadas por estes grupos resultam de práticas espaciais, que segundo Correia (2007), são ações que colaboram para assegurar os diversos projetos empreendidos por diferentes grupos. Como as práticas espaciais decorrem da consciência que os grupos sociais têm da diferenciação espacial, elas são elaboradas para garantir à gestão do território, a administração e o controle da organização espacial em sua existência e reprodução.

Como veremos no próximo item, o processo de urbanização capitalista em Viçosa singularizou-se devido à atuação de alguns agentes, entre eles o Estado, os promotores imobiliários e proprietários fundiários e foi impulsionado devido à mudança de estatuto da antiga Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, que de estadual passa para federal.

### **1.2.1 Federalização da Universidade Rural de Minas Gerais e processo de valorização fundiária**

O processo de expansão urbana de Viçosa se recrudescer com a federalização da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) em 1969, processo atrelado a grande modernização que ocorria no país. Neste momento, a cidade se prepara para receber os ideais de progresso e desenvolvimento<sup>30</sup>. Duas materialidades são inscritas no território da cidade: de um lado a ampliação e pavimentação da Avenida PH. Rolfs (que desde então passa a ser o principal eixo de ligação da universidade com os bairros), de outro a construção da BR-120 (inserida no projeto de integração de Viçosa as principais capitais do país)<sup>31</sup>. Estas duas materialidades imprimiram uma maior valorização nos lotes próximos a essas vias.

---

<sup>30</sup>Maciel (2010) ao refletir sobre a constituição de espaços e territórios urbanos diz que as diferentes áreas do conhecimento ainda se orientam sob uma concepção de cidade oriunda somente de “[...] planos urbanísticos ou de ações de governo ‘sempre justificados como o necessário caminho do progresso e da modernidade’” (p. 190). Como observamos em Viçosa, o desenvolvimento pautado na acumulação de riqueza nas mãos de poucos e no aumento da pobreza de muitos não contribuiu para a redução da desigualdade, muito pelo contrário, a acentuou. Baseado em ideias de progresso e desenvolvimento este tipo desenvolvimento influenciou fortemente as intervenções urbanas e as políticas econômicas e sociais.

<sup>31</sup>Neste momento, esta Avenida, antes de terra batida, recebe bloquetes de concreto.

A construção da BR-120 e a ampliação e pavimentação da Av. PH. Rolfs também se constituíram como um ímã ao atrair a força de trabalho da região. Concatenado a este movimento, Ribeiro Filho (1997) ao analisar a *Formação do Espaço Construído* em Viçosa afirma que as construções e ampliações do campus universitário decorrentes da federalização e criação de novos cursos, também foram responsáveis por atrair a força de trabalho do entorno da cidade e fomentar as atividades do setor de construção civil. Sendo assim, grande parte das pessoas se deslocava em busca de uma proposta de emprego.

A federalização ampliou a procura por habitação no município: as classes com maior poder aquisitivo passaram a demandar espaços próximos à universidade<sup>32</sup>, ao passo que o que restou para as classes populares, descapitalizadas, foi o resíduo, ou seja, os locais mais afastados. Portanto, a (re) organização espacial da cidade em função da universidade promoveu um remanejamento do espaço em prol da otimização do espaço urbano. Este aspecto foi referendado na análise de Alves (2007), que observou um deslocamento da população viçosense em direção a determinadas áreas que, a partir de então, foram mais valorizadas ou perderam valor. O centro funcional da cidade acabou migrando para as proximidades do campus, tornando-se uma área de grande valor agregado, já o antigo centro e os lugares mais afastados foram desvalorizados.

Portanto, o preço das glebas era diferenciado em função da sua localização. Isto é, quanto maior a proximidade dos lotes à universidade ou a margem da BR-120 mais caros eram os mesmos. No quadro do capitalismo, o ordenamento da população e das atividades econômicas no solo urbano acompanha a regra básica, na qual quem detém maior poder aquisitivo se situa nas áreas mais estruturadas da cidade em relação ao emprego, à oferta de serviços urbanos, ao comércio e os serviços em geral, sobretudo os de cultura e lazer (CAMPOS FILHO, 1992).

Como já mencionado a partir da década de 1970 que o processo de valorização fundiária se intensifica, quando os proprietários de terra e promotores imobiliários, apoiados pelo setor da construção civil, abrem novas áreas para a venda/aluguel. Neste movimento de valorização, ocorreu a apropriação de terrenos centrais e periféricos da cidade pelos setores mais capitalizados. Estes setores ao se territorializarem, expandiram sua atuação no espaço e multiplicaram o controle de enormes áreas. O caso

---

<sup>32</sup>A venda de terrenos – e num futuro próximo aluguel de imóveis – destinados a abrigar os moradores (estudantes, funcionários e professores), com mais recursos, estava diretamente vinculada aos serviços prestados pela universidade.

da Construtora e Incorporadora Chequer é bem ilustrativo, uma vez que possuía terrenos tanto localizados no centro quanto nos arredores da cidade<sup>33</sup> (Vide Figura 1).

Os grupos imobiliários e setores da construção civil se movimentaram segundo tempos rápidos<sup>34</sup>, ou seja, ao apropriarem dos recursos oferecidos pela cidade, como a grande oferta de terras, e ao se aproveitarem de uma legislação maleável<sup>35</sup>. Nesse sentido, como aponta Raffestin, estes atores irão utilizar o tempo e o espaço como trunfos, ao empregarem estratégias distintas para capturar mais recursos e ampliarem o seu poder. Portanto, num primeiro momento as práticas espaciais desses grupos se caracterizaram pela “fagocitose” das áreas rurais e a sua futura conversão em áreas urbanas e o estabelecimento de malhas territoriais, que conectavam os espaços central a estes futuros bairros, sobretudo para favorecer a valorização dos seus lotes.

Uma outra estratégia (também considerada uma prática espacial) empregada por esses atores para se apropriar do espaço da cidade foi representá-la como polo regional. Fazedores de lei e definidores novas de práticas espaciais, estes grupos irão estrategicamente utilizar o tempo rápido de conversão da cidade em polo estudantil, em tempo útil de valorização fundiária. Portanto, é no contexto de crescimento urbano, de conversão da cidade em polo estudantil e de substituição do uso agrícola da periferia em uso urbano (visando à extensão do mercado de terras) que a cidade é apropriada por um grupo restrito de proprietários fundiários e especuladores imobiliários.

No próximo item discutiremos como as representações do espaço de Viçosa criadas pelo Estado com o apoio dos promotores imobiliários teve grande impacto na formação de algumas periferias a partir da análise de uma medida legislativa, que dificultou a instalação e permanência dos pobres nas áreas centrais.

### **1.2.1.1 O Estado e os promotores imobiliários e a questão do uso do solo na cidade**

Em Viçosa, a articulação do Estado com os setores imobiliários culminou na constituição de um aparato legislativo que teve como propósito facilitar às transações imobiliárias e o processo de apropriação das terras pelos setores capitalizados, objetivando a constituição de um estoque de terras. Portanto, como discute Botelho (2007), consideramos que este agente em Viçosa teve também uma grande influência na

---

<sup>33</sup>A maioria das propriedades ainda era rural, como o caso da Colônia Vaz de Melo, hoje bairro Arduíno Bolívar e da Fazenda Coelho, atualmente bairro Nova Viçosa.

<sup>34</sup>Expressão tomada de empréstimo de Santos (2012).

<sup>35</sup>Tratava-se de uma legislação urbanística permissiva, que buscava atender os interesses de uma pequena parcela da população – empreendedores e incorporadores imobiliários.

constituição de um mercado imobiliário urbano, já que através de suas ações e regulamentos ele interferiu na formação do preço da terra<sup>36</sup>. A prática espacial do Estado geralmente é caracterizada pela observação e interação de alguns aspectos visando à regularização do solo: a localização do terreno, o acesso aos lugares ditos privilegiados (shopping, centros de saúde e de lazer, áreas verdes, etc.), à infraestrutura (água, luz, esgoto, asfalto, telefone, vias de circulação) e à privacidade. Portanto, o que vai influenciar no preço da terra é a existência e intensidade dessas materialidades e a sua distribuição em determinada parcela no espaço urbano global (CARLOS, 2011).

Por sua vez ao analisar as práticas do Estado, Santos (2012) vai destacar o seu caráter seletivo, identificando as relações entre técnica e espaço e assinalando a sua propagação desigual. Portanto demonstra que o Estado tende a investir em determinados espaços de forma desigual. Em Viçosa esta seletividade aparece refletida nas paisagens da área central – dotada de equipamentos urbanos – e nas paisagens de precariedade da periferia. Esse processo se relaciona ao papel histórico dos agentes locais em privilegiar os investimentos em alguns locais.

Como já mencionado a prática de seletividade espacial empregada largamente após a federalização da universidade resultou na valorização dos terrenos na área central e criou mecanismos de expulsão das classes populares desse espaço, o que ocorreu direta ou indiretamente. No primeiro caso, o Estado estabeleceu restrições municipais (leis) que coibiram a ocupação de terrenos, no segundo, o setor imobiliário imputou preços inacessíveis às classes populares a fim de reservar solos para garantir lucros futuros ou mesmo “selecionar” sua clientela.

Ao analisar tal processo, Villaça (1986) nos diz que a proteção dos valores imobiliários é uma das razões inconfessadas de muitas leis urbanísticas dos municípios brasileiros. Indicando um dos seus papéis, Maricato (2002) afirma que o Estado ao ser responsável pelo planejamento urbano, isto é, a maneira como o espaço é organizado, muitas vezes, este não se adéqua a toda sociedade. Assim, geralmente o planejamento do Estado acaba concentrando as atividades, tanto comerciais como sociais, em determinado local, colocando a elite a sua volta e afastando os que possuem menores rendas.

---

<sup>36</sup>É de sua responsabilidade: implantar infraestruturas e equipamentos de uso coletivo, gerir as leis de zoneamento, produzir moradia e subsidiar o financiamento para a compra da casa própria.

Estas questões puderam ser verificadas em Viçosa, sobretudo a partir da década de 1970 quando a disputa por terras se acirrou em função da demanda crescente por habitação. Como parte do fluxo migratório era constituído por camadas sociais com maior poder aquisitivo como os funcionários, servidores e professores da universidade e os estudantes, o mercado de terras nas áreas centrais se aqueceu nesse contexto. E foi nesse momento que lideranças políticas locais decidiram que o centro da cidade estaria destinado a essas novas classes médias, partindo da premissa que era necessário resguardar os locais mais bem equipados para uso preferencial desses grupos.

Analisando o processo de produção do espaço, Raffestin diz que os projetos de uso e ocupação da cidade orquestrados pelos atores sintagmáticos, ou seja, aqueles responsáveis por executar um programa. Assim, todas as organizações da família ao Estado, passando pelos partidos, pelas igrejas e as empresas são atores sintagmáticos marcados com o “Poder” com letra maiúscula. O “Poder” dos atores sintagmáticos se manifesta através de aparelhos complexos que englobam o território, controlam a população e dominam os recursos.

Portanto, a malha de poder criada por tais atores acaba favorecendo os seus interesses. Associando esta reflexão ao caso de Viçosa, podemos concluir que a malha de poder instituída neste contexto vai destinar a área central para instalação dos empreendimentos comerciais e habitacionais voltado para o público com maior renda e as áreas periféricas para atender uma dupla função: a habitacional dirigida às classes populares, como foram os casos do bairro Arduíno Bolívar e Nova Viçosa, e industrial, a exemplo do bairro Barrinha, que mais tarde (na década de 1990) se transformaria em distrito industrial. À luz de Raffestin (1993), podemos dizer que tal programa assegurou o poder e hierarquizou o espaço, criando o controle “do que pode ser distribuído, alocado e/ou possuído” (p.151). Portanto, as práticas dos atores hegemônicos na cidade consagraram uma lógica de ocupação, onde a extração do valor da terra é o tributo pago para se fazer uso de determinada parcela do espaço, seja enquanto moradia, local de produção, prestação de serviços, ponto de venda, etc.

Como veremos adiante, a criação de uma legislação proibitiva esteve relacionada a constituição deste poder, processo que resultou num tipo de ordem espacial que favoreceu os grupos mais capitalizados e induziu a marginalização social e espacial de outros grupos.

### 1.2.1.2 A proibição de favelas no “coração da cidade”

As favelas brotaram como cogumelos e prosperaram em número e área rapidamente. Também, se enriqueceram, dia a dia, em problemas de saúde, de alimentação, de vestuário, de escola, de dinheiro, de tudo. Elas é que fornecem o grande contingente diários de casos que vão ter à delegacia de polícia da cidade (Fôlha de Viçosa, 1971, s/p.).

[...] È urgente que se faça alguma coisa. Não se consegue sair da rua sem ser abordado, uma dezena de vezes por crianças famintas a mendigar uma moeda (...) mas, o que muitas não sabem é que essas crianças não tem teto (Fôlha de Viçosa, 1971, s/p.).

Como ilustrado nos trechos acima, multiplicaram-se nas décadas de 1970 e 1980 as matérias sobre as condições de moradia dos pobres e a necessidade de medidas para resolver os problemas dos “sem teto” no centro da cidade. Em decorrência desse debate e dos problemas sociais que afligiam a estabilidade política das lideranças locais nasce no âmbito da Câmara de Vereadores, a Lei Municipal de 31 de dezembro de 1971, nº 609, que dispunha sobre o Prolongamento de Favelas nas áreas centrais e proibia a construção de casebres no centro.

Tal Lei, promulgada na gestão do prefeito Carlos Raymundo Torre (1971-1972), resultou do debate circunscrito no projeto lei 34/71 e buscava solucionar algumas questões na cidade: a valorização dos terrenos na área central, a demanda por habitação para as classes populares, a disputa pela terra urbana por diversos atores e os interesses em ampliar os lucros com a venda e aluguel de imóveis dos nascentes setores comercial e imobiliário.

A justificativa apresentada no Projeto de Lei ancorava-se na ideia de proteger o “coração da cidade de Viçosa” - área circunscrita as imediações da Praça Silviano Brandão - contra as habitações pobres e insalubres. Portanto, visando impedir a continuidade desta situação, o projeto de Lei previa a proibição de casas de pau-a-pique, pois não se queria “[...] dar sequência á Favela, visto já se encontrar o Morro super habitado e sem nenhuma condição higiênica” (PROJETO LEI 34/71, 1971, sem paginação). Na opinião dos seus formuladores<sup>37</sup>, a construção de casebres na área central provocaria uma “má impressão” aos turistas que visitavam a cidade, sobretudo em função da proximidade do centro ao Morro do Rebenta Rabicho, cuja paisagem de precariedade se sobressaia<sup>38</sup>.

<sup>37</sup>Dentre os autores deste projeto estão a Comissão de Obras e Serviços Públicos e o vereador Ruy Barbosa Assis de Castro.

<sup>38</sup>Posteriormente, o morro Rebenta Rabicho foi batizado com outro nome: bairro Sagrado Coração.

Neste contexto se ergue um dos primeiros acordos da elite local em relação ao uso do espaço central: as habitações dos pobres não eram adequadas para ocupar o centro e, por isso, era necessário “expulsá-los”, para “abrir” novos espaços para as habitações consideradas higiênicas, isto é, aquelas mais adequadas à nova classe média, que passou a demandar habitação mais próxima à Universidade<sup>39</sup>. Estas novas classes médias em Viçosa tiveram como representantes os funcionários, servidores e professores da universidade e os estudantes. Como tal processo redundou num aumento da demanda por habitação, a cidade passou a enfrentar vários desafios.

No trecho abaixo, este aspecto é ilustrado quando um professor faz um apelo às autoridades para que se construam novas habitações para atender a demanda crescente do público universitário:

O professor José Brandão da Fonseca, da UFV, informou (...) que vai receber 120 dos 130 novos alunos dos cursos de pós-graduação, e por isso está fazendo um apelo à cidade a fim de que ela construa hotéis, pensões, apartamentos e casas, para que a Universidade possa continuar mantendo o funcionamento normal de seus cursos pós-graduados” (FOLHA DE VIÇOSA, 1975, s/p).

Na concepção dos setores privados e abastados da sociedade, os pobres constituíam a moléstia social da cidade. Partindo, a nosso ver, de uma perspectiva higienista e sanitarista, as elites tinham como intuito transplantá-los para lugares afastados do centro urbano<sup>40</sup>, pois as áreas centrais deveriam ser reservadas para as novas classes médias, isto num momento que Viçosa adquiria a denominação de cidade universitária. Assim, era necessário camuflar os pobres migrantes que chegavam à cidade nas periferias. Nas atitudes adotadas pelo Estado fica evidente que a paisagem que se quer privilegiar na área central não é a da favela, mas sim a de residências com melhor padrão construtivo, que juntamente com a Praça Silviano Brandão, comporiam um cenário mais adequado para o “status” alcançado pela cidade.

---

<sup>39</sup>Ao discutir a maneira como se organiza a cidade, Correia (2005) ilumina o processo acima ao colocar que a demanda de terras e habitações obedece ao aparecimento de novas camadas sociais, proveniente em parte de fluxos migratórios e que contém nível de renda que as torna capacitadas para participar do mercado de habitações. Estas novas classes médias em Viçosa tiveram como representantes os funcionários, servidores e professores da universidade e os estudantes.

<sup>40</sup>Neste sentido, o pobre é feiticizado uma vez que para o aparelho do Estado ele representa um objeto que pode ser (re) alocado sem sobrepujar sua cultura, sua relação com o espaço e suas redes de solidariedade.

Este aspecto pode ser observado no trecho a seguir, que assinala uma representação negativa da favela bastante disseminada pelos jornais. Tal conotação negativa desse espaço acaba por atribuir aos seus moradores à imagem de marginal ou elemento marginal, isto é, um indivíduo perigoso e indolente, ameaçador da ordem estabelecida pelas elites locais, por isso era necessário conter o crescimento deste morro.

[...] no Morro Rebenta Rabicho, por exemplo, a apenas 300 metros do centro cresce uma favela autêntica, na aparência e nos problemas, sem que a maioria da população viçosense tenha conhecimento de sua existência e do *perigo* que pode representar para o futuro da comunidade (JORNAL INTEGRAÇÃO, 1983, s/p, grifo nosso).

Consideramos que a aprovação da Lei 609 reflete na escala local, o contexto da escala nacional nas décadas de 1960 e 1970. Neste momento, as grandes metrópoles experimentaram intervenções urbanísticas de cunho opressivo, pois estávamos diante de um governo ditatorial. Valladares (1980), em sua obra *Passa-se uma casa: Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro* assinala que as intervenções nas favelas cariocas - preocupação decorrente do Estado e entidades privadas quanto ao seu cenário político, social e geográfico - moviam-se em torno de duas posturas políticas: extinção ou inserção de melhorias. A década de sessenta instaura uma destas posturas, lança-se o programa de remoção cujo intuito era eliminar a favela do espaço urbano e deslocar seus habitantes para outros ambientes.

Nos dizeres da autora, a especulação imobiliária e a construção civil tiveram papel crucial na liberação de terrenos no centro da cidade. Era necessário abrir espaços para a frutificação do capital imobiliário e, conseqüentemente, resguardar as áreas imobiliariamente promissoras da cidade<sup>41</sup>. Com isso, fomentar-se-ia o setor de construção civil, que se encontrava paralisado, ao construir unidades habitacionais para as famílias removidas. Viçosa também compartilhou desta realidade, o tempo rápido da lucratividade ao confrontar com o tempo lento dos pobres impediu a instalação destes no centro da cidade, a despeito da existência de terrenos livres. É o lucro dos nascentes setores comercial e imobiliário, obtidos a partir da venda e aluguel de imóveis que constituirá um tempo da espera, a espera de onde morar.

O resultado para os pobres foi à espera do resíduo, de uma oportunidade para morar. Para estes grupos subalternizados pelo capital, o tempo de espera pela casa

---

<sup>41</sup>Trata-se de uma ideologia que se projeta no espaço.

própria se torna elástico e dilatado. Portanto, para as camadas de menor poder aquisitivo isto significou o emprego das seguintes estratégias de espera: morar na casa de familiares, amigos, alugar moradias nas próprias periferias da cidade e, em menor caso, permanecer por mais um tempo na zona rural.

Não sabemos se a “expulsão” dos pobres do centro da cidade foi pacífica ou violenta ou ocorreu qualquer tipo de enfretamento, pois a mesma não foi registrada nas fontes oficiais (jornais e demais documentos).

Ao analisar o processo de periferização na cidade, desenvolveremos no próximo capítulo o nascimento do bairro Nova Viçosa, um espaço criado para atender os pobres e que foi estrategicamente manejado por Antônio Chequer para mediar os conflitos em torno da habitação, assim como para fortalecer seu poder material e simbólico na cidade.

## Capítulo II - O nascimento de Nova Viçosa e a formação do mercado de terras nas periferias

### 2. A propaganda como forma de apropriação do espaço viçosense e de Nova Viçosa.

Antes da ocupação da cidade e do bairro em particular, há que se destacar o papel exercido pela propaganda feita pelos jornais. O projeto de desenvolvimento da cidade apregoado por alguns grupos foi propalado e bombardeado pela mídia através da propaganda nacional e local<sup>42</sup>. O objetivo destes grupos era persuadir a sociedade viçosense e a da região - por meio de uma imagem de cidade vinculada aos ideais de progresso - que Viçosa pouco a pouco estava transformando-se numa verdadeira cidade universitária, em um polo estudantil no conjunto da região<sup>43</sup>.

Embora a propaganda do loteamento Nova Viçosa tenha ocorrido mais ao nível local, não deixa de ser importante um fato que ocorreu em 1978 e que talvez tenha ligação com o crescimento deste loteamento: a participação da cidade em um programa de grande repercussão nacional, denominado Cidade x Cidade, que era comandado por Sílvio Santos, e exibido pelas emissoras Tupi e TVS. Tratava-se de uma competição entre cidades, na qual Viçosa iria enfrentar Petrópolis<sup>44</sup>. Como este episódio na história de Viçosa teve grande repercussão na região, na memória de alguns moradores de Nova Viçosa este acontecimento ainda é lembrado. Em entrevista realizada no bairro um dos moradores, oriundo do estado de São Paulo, disse ter tomado conhecimento das oportunidades oferecidas pela cidade através deste programa. Ele também relatou que ficou sabendo, através do programa, do loteamento Nova Viçosa e que Antônio Chequer estaria vendendo lotes a preços módicos.

A participação de Viçosa neste programa foi repetidamente assinalada pela imprensa local. A notícia aparece, em um curto período de tempo, em sete edições do

---

<sup>42</sup>A verdade é que o progresso no capitalismo consiste na acumulação de riqueza nas mãos de uns poucos e, conseqüentemente, o aumento da pobreza de outros. O tipo de “desenvolvimento” que vem ocorrendo na sociedade não tem contribuído para a redução da desigualdade, muito pelo contrário, tem acentuado-a (VILLAÇA, 1986).

<sup>43</sup>Segundo Raffestin (1993) a imagem, isto é, toda construção da realidade, funciona como um instrumento de poder de alguns grupos sociais.

<sup>44</sup>Este programa foi inspirado em um anterior designado “Mineiro Frente a Frente” exibido pela TV Itacolomi, de Belo Horizonte. Viçosa teve a oportunidade de participar deste programa três vezes, em 1971 e 1972. No primeiro ano, o jornal Folha de Viçosa anuncia duas matérias relativas à participação da cidade no referido programa: “Viçosa pronta para os mineiros frente a frente”, “Mineiros frente a frente”, no segundo, também existe o registro de uma notícia: “Mineiros frente a frente” (FOLHA DE VIÇOSA, 1971 e 1972 s/p).

jornal Folha de Viçosa<sup>45</sup>. Uma em especial nos chamou a atenção, a “Carta aberta ao Sr. Sílvio Santos”. Esta foi elaborada por um integrante da comissão viçosense dirigindo-se ao dono do programa devido ao empate ocorrido entre Viçosa e Petrópolis. O mais curioso dessa carta foi o fato dela ter sido publicada em 170 jornais do interior mineiro, além de outros jornais de circulação nacional (FOLHA DE VIÇOSA, 1978).

Uma outra forma de divulgação ocorreu também através de rádio. Em entrevista os moradores relataram que ouviram um anúncio exibido no rádio sobre o loteamento. Seu conteúdo convocava a população da região, sobretudo a de Canaã e Porto Firme, para morar no futuro bairro e chamava a atenção para o surgimento de uma nova cidade, de uma “nova” Viçosa. A propaganda ainda divulgava que Chequer estava promovendo a doação de alguns lotes.

Nota-se, portanto que o apelo à mídia se constituiu em uma importante estratégia empregada pelos grupos locais para divulgar a cidade e novo loteamento que Antônio Chequer estava lançando. A participação de Viçosa em um programa de televisão e a propaganda anunciada pelo rádio sobre Nova Viçosa tiveram dois desdobramentos: as lideranças locais divulgaram a cidade para todo o Brasil e a Construtora e Incorporadora Chequer pode difundir seu empreendimento imobiliário na região e no Brasil. Assim, consideramos que a mídia se constituiu em um importante veículo informativo que “penetrou” os territórios mais longínquos e mobilizou as classes populares.

Apoiando-nos em Raffestin (1993) mencionamos que os códigos utilizados pelos atores sintagmáticos, dentre eles o sêmico, enunciam mensagens repletas de representações que visam atingir uma meta. Segundo o autor “qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações” (p. 144). A partir dessas considerações cremos que a mensagem que os agentes políticos e imobiliários locais desejavam transmitir, ao participarem do programa Cidade x Cidade e redigir a “Carta aberta ao Sr. Sílvio Santos”, era a da existência de uma cidade moderna, que estava ampliando a sua malha territorial (abrindo novos bairros), e em pleno desenvolvimento, pois o redator da carta disse que a ideia de participar do programa pareceu um momento oportuno para divulgar ainda mais a cidade universitária. Tratava-se, portanto do primeiro movimento de apropriação do espaço como discute Raffestin.

---

<sup>45</sup>As matérias possuíam os seguintes chamados: “Viçosa estará no dia 17 de setembro no programa Cidade contra Cidade”, “Viçosa estará no Cidade x Cidade”, “Viçosa no programa Cidade contra Cidade”, “Viçosa: chegando a hora do Cidade x Cidade”, “Viçosa e Petrópolis empataram no programa Sílvio Santos”, “Viçosa empatou” e “Carta aberta ao Sr. Sílvio Santos”.

## 2.1 – O lançamento de Nova Viçosa na mídia

O bairro Nova Viçosa<sup>46</sup> é lançado na cena pública pela primeira vez em quatro de maio de 1978 por meio de uma matéria publicada no jornal Integração<sup>47</sup>. Nesta, intitulada: “Grandes lançamentos para você, uma nova oportunidade”, a Construtora e Incorporadora Chequer assinala a sua responsabilidade quanto à demarcação e venda dos lotes, como se pode verificar no trecho a seguir:

Finalmente, o bairro esperado pelo povo de Viçosa. *Uma nova cidade* está para ser construída, com o lançamento do Bairro *Nova Viçosa*, há aproximadamente 500 metros da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. A construtora iniciará a venda após a instalação de água e esgoto porém, não fará a urbanização total. Os preços dos lotes no local são: G\$ 3.500,00, G\$ 4.500,00 e G\$ 5.500,00, pois segundo afirmam os dirigentes da Construtora, **LOTES SEM URBANIZAÇÃO VALEM APENAS O PREÇO ACIMA.** (É bom frisar que lá teremos água e esgoto). Faça uma visita ao escritório da Construtora Chequer e inscreva-se, para a aquisição, pois o lançamento acontecerá no mês de maio. **LOTES ADQUIRIDOS NA CONSTRUTORA CHEQUER TEM VALORIZAÇÃO COMPROVADA (FOLHA DE VIÇOSA, 1978, s/p, grifos nossos).**

O destaque dado às palavras acima não é circunstancial<sup>48</sup>. Trata-se de uma metáfora que diz respeito ao nascimento de uma cidade dentro de outra. Como vimos, Viçosa na década de 1970 sofreu influência de algumas ideias de modernização que circulavam em escala nacional. Ao analisarmos alguns aspectos sobre tal fenômeno é possível compreender de que maneira as ideias de modernidade impregnam os projetos de modernização realizados nas cidades, mesmo naquelas de pequeno porte. Um desses aspectos é o caráter de ruptura: não seria a construção de Nova Viçosa um desejo de romper com a “velha” Viçosa portadora de déficits habitacionais e exclusão social? O segundo é a imposição do novo e a pretensão de alcançar a totalidade: de que maneira a construção de *Nova Viçosa* não estaria querendo impor uma imagem de **nova** cidade, de

<sup>46</sup>Na matéria outros bairros como Clélia Bernardes, Fuad, Prefeito João Braz, Betânea, Vereda do Bosque, Santo Antônio e Santa Clara também são apresentados.

<sup>47</sup>Este jornal circulava nas microrregiões de Viçosa, Ponte Nova, Raul Soares, Teixeiras, Rio Casca, Jequeri, Ubá e Ucrânia.

<sup>48</sup>Segundo o ex-presidente da Associação de Moradores do bairro, a nomeação de Nova Viçosa ocorreu a partir de uma conversa entre Antônio Chequer e Newton Cardoso. Na época de fundação do bairro Newton já havia sido prefeito de Contagem, MG (1973 a 1977), em seu mandato criou o bairro Nova Contagem. Chequer quando estava loteando Nova Viçosa pediu um conselho a Newton Cardoso, perguntando a este que nome ele daria para o bairro se fosse o prefeito de Viçosa. Como resposta Newton interrogou Chequer dizendo que se o nome da cidade era Viçosa, por que não colocar batizar o bairro de *Nova Viçosa*. E, assim, inspirado em Newton Cardoso, Chequer nomeou o seu antigo loteamento. É importante salientar que esta é apenas uma hipótese no processo de nomeação do bairro. A imprensa ao anunciar os lotes (antes mesmo da inauguração de Nova Viçosa) se apropriou do nome do bairro imprimindo-lhe um significado associado à modernidade.

uma “nova era” vinculada ao acesso à habitação de caráter popular e a igualdade no acesso a bens e serviços urbanos?<sup>49</sup>.

É também interessante observar ao final desta matéria, a exaltação positiva da Construtora Chequer, ou seja, os vultosos investimentos feitos para instalar água e esgoto no loteamento com a intenção de beneficiar os futuros moradores e a omissão dos lucros que seriam gerados com esta operação imobiliária e a própria obrigação legal que todo loteador tem de instalar infraestrutura nos loteamentos criados.

O momento que marcaria a história do bairro, quiçá da cidade, segundo o redator, aconteceria oficialmente no Cine Brasil no dia 28 de maio de 1978, quando seriam lançados os lotes e fornecidas todas as informações sobre Nova Viçosa<sup>50</sup>. Cabe ressaltar que após o lançamento oficial do bairro Nova Viçosa no Jornal Integração, inicia-se uma propaganda intensiva da Construtora Chequer anunciando a venda dos lotes. Em quase todas as edições do ano de 1978 aparece na seção “Informe Profissional” matérias divulgando a venda desses lotes, como podemos observar na Tabela 1.

**Tabela 1. Porcentagem das edições em que o Informe Profissional é publicado no Jornal Integração**

Mês	Nº de Informes	Nº Edições	Nº Informes/Nº Edições (%)
Junho	2	4	50
Julho	5	5	100
Agosto	4	4	100
Setembro	4	4	100
Outubro	4	4	100
Novembro	4	4	100

Fonte de dados: Levantamento no microfilme Jornais Avulsos, rolo 128.

Elaborado por: Dayana Debossan Coelho (2012).

A Construtora Chequer lança também nesse contexto os lotes Santa Clara, Santo Antônio, no entanto, em função da localização (proximidade e acesso a universidade e melhor infraestrutura) os preços dos mesmos são diferenciados. A Figura 1 nos mostra

<sup>49</sup>Gomes (2003) ao analisar os elementos do mito da modernidade nos convida a compreender a sua estrutura: o caráter de ruptura, a imposição do novo e a pretensão de alcançar a totalidade. Segundo ele, todo fenômeno quando se apresenta como moderno tem como ponto de partida a negação daquilo que existia antes e é pela prova de sua inadequação que o novo deve se instaurar.

<sup>50</sup>Nas demais edições do jornal Integração (1978) não aparece nenhuma notícia informando se o lançamento do bairro realmente ocorreu neste dia.

que a acessibilidade da BR-120<sup>51</sup>, recém-construída, é um dos elementos centrais para a valorização dos lotes<sup>52</sup>.



Figura 2. Informe Profissional. Fonte: Jornal Integração, 1978, s/p.

Os lotes de Nova Viçosa são o que apresentam o menor preço, ou seja, é cerca de dez vezes mais barato do que os outros loteamentos, o que confirma o caráter popular deste bairro.

A partir da colocação de Gomes (op. cit.) consideramos que o nome atribuído ao bairro – Nova Viçosa – assinala uma lógica de compensação criada pelas elites locais para descartar os pobres ao acesso a “velha” Viçosa, a qual só teria usufruto às novas classes médias. Portanto, a criação desta “nova” Viçosa, tanto esperada pelos pobres, vai evitar a mudança e a desagregação social e ocultar os problemas de acesso a “velha” Viçosa.

Consideramos que a matéria comparando o bairro a uma nova cidade constitui-se no primeiro apelo sentimental empregado pela mídia para consolidar a ideia de que Antônio Chequer era um herói e grande empreendedor – já que foi aquele que se tornou o responsável pela construção da maior e mais importante obra para os pobres da cidade. Um feito que contribuiu para fortalecer seu poder material e simbólico em Viçosa.

<sup>51</sup>Anteriormente a construção da BR-120 o acesso ao centro da cidade ocorria através de um outro caminho. Portanto, a construção dessa via imprime outra centralidade a cidade com implicações na valorização da terra urbana. O asfaltamento das estradas vicinais da região em nove de setembro de 1978 foi um dos últimos atos do governador do estado de Minas Gerais, Levindo Ozanam Coelho. Os trechos asfaltados foram os seguintes: Zito Soares-Piedade de Ponte Nova, Santo Antônio do Grama-Jequeri, Santa Cruz do Escalvado – MG – 329, Amparo da Serra – Oratórios – MG – 329, Amparo da Serra – BR – 120, São Miguel do Anta – BR-120, Pedra do Anta-Teixeiras – BR-120 e Diogo de Vasconcellos – MG – 262 (JORNAL INTEGRAÇÃO, 1978).

<sup>52</sup>Neste momento, um fator que imprimiu valorização só que desta vez na área central, foi o asfaltamento da Avenida PH. Rolfs (JORNAL INTEGRAÇÃO, 1978).

Nesse sentido, o bairro Nova Viçosa passou a representar para muitos dos habitantes de Viçosa uma dádiva promovida graças a boa ação de Antonio Chequer, uma dádiva que garantiu ao povo pobre de Viçosa o acesso a habitação – uma das mais importantes reivindicação nesse contexto. A ideia passada na matéria era que a aquisição de um lote no bairro solucionaria os problemas das classes populares, que agora teria uma opção, fazer parte do projeto e da construção de uma nova cidade, de uma Nova Viçosa. Ela esconde, portanto as dificuldades de acesso à terra urbana e os anos de luta para a conquista da casa própria.

Após analisar o nascimento de Nova Viçosa, descreveremos e refletiremos na próxima seção a origem fundiária do bairro.

## **2.2 – Origem fundiária de Nova Viçosa**

O bairro Nova Viçosa é oriundo de parcelamentos de propriedades rurais e abrange uma área originalmente conhecida como Fazenda da Coelha<sup>53</sup> e outra contígua a ela chamada Pedreira<sup>54</sup> ou Posses, cuja denominação já existia quando esta ainda era uma propriedade rural. O próprio nome desta comunidade assinala a forma como ocorreu a sua apropriação e ocupação: através da posse.

Segundo Júlio Bezerra Ferro<sup>55</sup>, a comunidade de Posses era e ainda é parte de uma propriedade rural que foi anexada posteriormente ao Loteamento Nova Viçosa Ltda.<sup>56</sup>, assim, não constava no projeto inicial do Loteamento (DIAS, *et. al.*, 2011). Em 1984 as duas áreas foram registradas em conjunto no Cartório, para a Prefeitura Municipal de Viçosa, Posses faz parte do bairro Nova Viçosa. A criação do bairro foi autorizada conforme memorial e planta aprovados pela Prefeitura Municipal de Viçosa em 17 de janeiro de 1978<sup>57</sup>.

De acordo com atual responsável pela regularização dos lotes pertencentes à família Chequer, a área de Posses foi comprada e loteada por Antônio Chequer para suprir a demanda de lotes em Nova Viçosa. Nos documentos pesquisados observamos

---

<sup>53</sup>Lima (2005) ao analisar a origem do bairro exhibe em seu trabalho o relato de um antigo morador. Segundo o morador, existia uma grande fazenda antes da criação de Nova Viçosa, caracterizada pela presença de muita mata e a existência de animais silvestres. Com o passar do tempo, à mata cedeu lugar a cultura de café, as pastagens e a construção de algumas casas.

<sup>54</sup>Acreditamos que a inspiração para este nome é fruto de uma pedreira instaurada nos arredores de Nova Viçosa em 1984 (JORNAL FOLHA DA MATA, 1984a).

<sup>55</sup>Corretor de imóveis em Nova Viçosa desde a década de 1990.

<sup>56</sup>De acordo com o relato do ex-presidente da Associação de Moradores do bairro, a comunidade de Posses é mais antiga que Nova Viçosa, o que ratifica a informação de Júlio Bezerra Ferro.

<sup>57</sup>A planta do bairro está arquivada na prefeitura.

que o primeiro parcelamento e/ou transmissão das propriedades em Nova Viçosa ocorreu em 1967, sob a forma de herança (inventário e partilha de bens), passando nos anos seguintes a prevalecer às transferências dos terrenos através de compra (Tabela 2). Conforme mostra a tabela 2, a Construtora Chequer adquiriu de vários proprietários entre os anos de 1978-1984, a área de 107,75 hectares.

**Tabela 2. Transmissão das Propriedades em Nova Viçosa (1967-1984)**

Ano	Transmitente	Adquirente	Área (ha)	Matrícula ou Registro	Nome da propriedade	Valor (Cr\$)
1967	Particulares	Particular	21,53	33. 342	Fazenda da Coelha	-
1978	Particulares	Loteamento Nova Viçosa (Construtora Chequer)	27,80	3.645	“Coelha”, distrito de Viçosa	2.000.000,00
1981	Particulares	Loteamento Nova Viçosa (Construtora Chequer)	52,70	7.212	Pedreira ou “Posses”	700.000,00
1984	Particulares	Loteamento Nova Viçosa (Construtora Chequer)	27,25	3.645, 11.242, 11.267	“Coelha”, distrito de Viçosa e “Coelha”	740.000,00
<b>Total</b>			<b>129,28</b>			<b>3.440.000,00</b>

Fonte de dados: Registro de Imóveis constantes no Cartório de Registro de Imóveis Comarca Viçosa, Minas Gerais. Acervo da pesquisa: Formação de periferias urbanas em Viçosa (MG): os casos de Nova Viçosa e Amoras (1970-1980).

Elaborada por Dayana Debossan Coelho (2012).

O bairro origina-se, assim, do reagrupamento de várias propriedades contíguas, registrada no dia 28 de setembro de 1984 no cartório de Viçosa, sob o número 11.453. Portanto, a partir de 1984 Antônio Chequer se torna o maior proprietário dessa área.

O bairro Nova Viçosa passou a ser constituído pela a união de propriedades pertencentes ao Loteamento Nova Viçosa Ltda., de propriedade de Antonio Chequer, e a de Rafael da Silva Araújo<sup>58</sup>. A Tabela 3 discrimina as áreas pertencentes a ambos.

<sup>58</sup>No documento do cartório consta que a sua profissão era agricultor. Segundo fontes orais, Rafael era um fazendeiro de grande influência na cidade e até hoje seus herdeiros possuem lotes no bairro Nova Viçosa.

**Tabela 3. Composição do bairro Nova Viçosa**

Proprietário	Rafael da Silva Araújo	Loteamento Nova Viçosa Ltda
Área total (m <sup>2</sup> )	215.345	628.808
Área de ruas (m <sup>2</sup> )	55.000	26.808
Área de lotes (m <sup>2</sup> )	120.345	600.000
Quantidade de lotes	600	3.200

Fonte de dados: Registro Cartório de Registro de Imóveis Comarca Viçosa, Minas Gerais.

Acervo da pesquisa: Formação de periferias urbanas em Viçosa (MG): os casos de Nova Viçosa e Amoras (1970-1980).

Organizada e elaborada por Dayana Debossan Coelho (2012).

Conforme podemos observar a área total do bairro equivale a 844.153 m<sup>2</sup>, sendo a área ocupada pelas ruas 81.808 m<sup>2</sup> e a dos lotes de 720.345 m<sup>2</sup>. O Loteamento Nova Viçosa Ltda. detém a maior área do bairro (74,49%), bem como concentra uma significativa parcela dos lotes (84,21%). A figura 3 representa as áreas pertencentes a ambos.

Figura 3. Mapa das propriedades pertencentes ao Loteamento Nova Viçosa Ltda., e Rafael da Silva Araújo (1967-1984).

É importante salientar que este mapa é apenas representacional e não contém valores quantitativos, ou seja, não discrimina os lotes pertencentes ao Loteamento Nova Viçosa Ltda., e a Rafael da Silva Araújo. Trata-se de uma proporção cujo objetivo é mostrar que o Loteamento Nova Viçosa possui uma área no bairro superior a do fazendeiro Rafael.

É interessante observar que apesar do bairro Nova Viçosa ter sido criado oficialmente em 1978, o registro jurídico do mesmo só ocorreu em 1984. Este intervalo de seis anos nos revela que há um descompasso entre a distribuição dos lotes (venda ou doação) e o registro dos mesmos. Desse modo, foi impossível rastrear as transações informais realizadas neste período entre os compradores e a Construtora Chequer.

Consideramos, portanto que a ocupação de Nova Viçosa caracterizou-se pelo emprego de duas estratégias: uma pautada na própria dinâmica do mercado imobiliário e que se consagra pela captura da renda fundiária obtida pelos lucros com a venda dos terrenos, destacando-se neste movimento a família Chequer, e outra no arranjo político que se estabeleceu através das doações de terrenos.

Nesta perspectiva, o próximo tópico tratará da distribuição dos lotes através de vendas e doações. É nosso objetivo entender quem eram as pessoas que migraram para o bairro e seus lugares de origem, bem como as estratégias políticas desenvolvidas por Chequer.

## **2.6 – A distribuição dos lotes: vendas e doações**

A estrutura fundiária de Nova Viçosa revela muitos aspectos do processo de aquisição da casa própria para as classes populares e os mecanismos empregados pela elite local – os donos de terrenos e de imobiliárias – para atingir esse pequeno mercado de terras impulsionado no final da década de 1970.

Como vimos Nova Viçosa foi um empreendimento consubstanciado na propriedade do então prefeito de Viçosa Antônio Chequer, que se valeu de sua própria Construtora para promover a demarcação e venda dos lotes. O prefeito objetivava atingir interesses eleitoreiros através da doação de lotes e casas e da venda de terrenos a custos baixos e com pagamento facilitado.

Em entrevista realizada no bairro constatamos que em Nova Viçosa e Posses<sup>59</sup>, a maioria dos lotes foi comprado, sendo os demais doados, alugados e adquiridos de outras formas<sup>60</sup>, conforme demonstramos na Tabela 4. Tal fato desmitifica, ao nível de nossa amostra, o mito acalentado por muitos de que Antônio Chequer teria doado grande número de terrenos neste bairro.

**Tabela 4. Forma de aquisição dos lotes em Nova Viçosa e Posses**

Forma de aquisição dos lotes	Total de compras Número absoluto e relativo
	Nova Viçosa e Posses
Alugado	6 (7,0)
Comprado	69 (74,0)
Doado	15 (16,0)
Outros	3 (3,0)
<b>Total</b>	<b>93 (100,00)</b>

Fonte: entrevista realizada no bairro Nova Viçosa e Posses

Vimos no Cartório de Registro de Imóveis/Comarca Viçosa que as vendas formalizadas começaram a partir de 1985 e que do total de 3.200 foram vendidos 2.951 lotes (92,2%). O preço das glebas variava entre C\$ 3.500,00, C\$ 4.500,00 e C\$ 5.500,00 – o que acarretou na compra de lotes não só pelos grupos populares, mas também pelas pessoas com maior poder aquisitivo.

No processo de compra, detectamos uma trama envolvendo tanto agentes públicos quanto privados e pessoas com diferentes perfis de renda. Observamos também que as transações realizadas tinham propósito especulativo<sup>61</sup>.

O mapa apresentado a seguir discrimina os lotes vendidos entre 1985 e 2000. Nele podemos observar que não há um padrão na distribuição espacial dos lotes. Há casos em que o mesmo lote, em diferentes anos, foi vendido mais de uma vez pela

<sup>59</sup>É importante salientar que ao trabalhar com a memória individual nas entrevistas buscamos recuperar a memória do bairro. Abreu (1998) nos alerta que em função do seu caráter subjetivo há que se ter cuidado, pois a memória é seletiva, o que quer dizer que fazemos de nossa memória o que bem queremos. É inegável a importância da memória individual no resgate da identidade de um lugar. Entretanto, há que se ter uma ancoragem objetiva das memórias compartilhadas, o que não impossibilita que esta seja enriquecida com as lembranças subjetivas. O crucial para o autor é que, ao utilizarmos estas últimas, saibamos escapar de suas armadilhas. Portanto, um dos desafios da nossa pesquisa diz respeito a este aspecto, pois os moradores podem ter dado destaque a alguns fatos e terem se esquecido de outros. Por outro lado, ao debruçarmos sobre as lembranças dos moradores, conseguimos atingir momentos urbanos que já passaram e formas urbanas que não existem mais – o que revela a vantagem do uso da memória individual.

<sup>60</sup>Na categoria outros estão os casos de herança e troca de lotes.

<sup>61</sup>A própria configuração física do bairro, com vários lotes vagos é retrato da especulação.

Construtora Chequer. Acredita-se que este fato está relacionado tanto a uma cláusula contida no termo de compra que determinava um prazo para a construção da casa no lote, quanto às transações informais realizadas no Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda.

Figura 4. Mapa dos lotes vendidos.

No período de análise, verificamos junto ao Cartório os anos que apresentaram as maiores vendas: 1986 (73 lotes), 1988 (77 lotes), 1989 (73 lotes) e 1990 (84 lotes), conforme Figura 5. Inferimos que o número elevado de transações realizadas nos dois últimos anos guarda relação com a segunda campanha eleitoral de Antônio Chequer, já que em 1989, Chequer assume o cargo de prefeito.

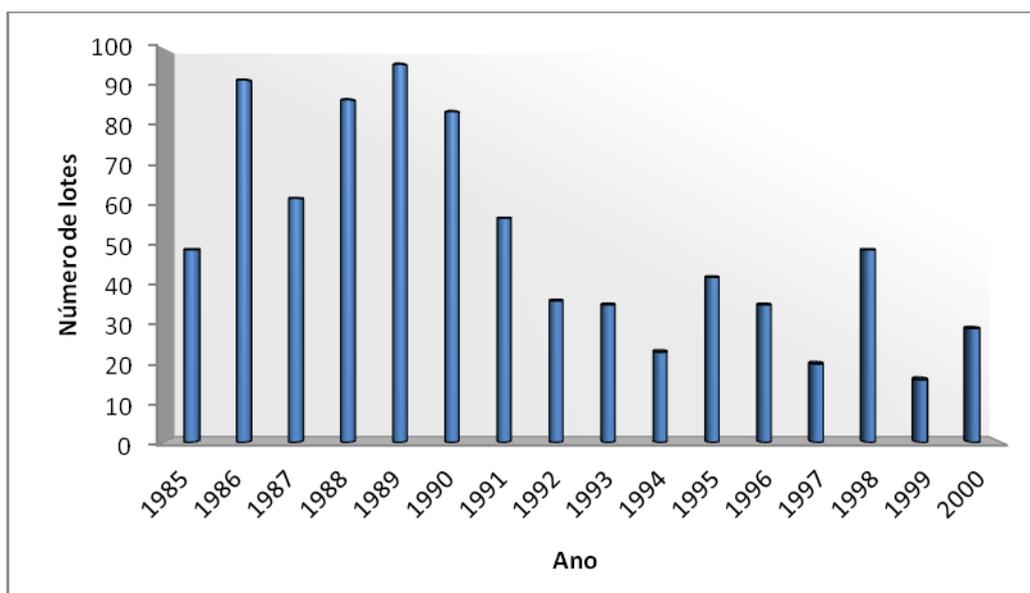


Figura 5. Número de lotes vendidos entre 1985-2000.

Fonte de dados: Cartório de Registro de Imóveis, Comarca Viçosa (MG).

Elaborada e organizada por Dayana Debossan Coelho (2012).

Observamos nos documentos do Cartório, e nas posteriores sistematizações, o número de lotes por comprador. Os que adquiriram apenas um lote representavam 76%, dois lotes 15%, três lotes 5% e quatro ou mais 4%. Estes dados demonstram o caráter popular dos migrantes que se direcionaram para o bairro, pois a maioria não tinha condições financeiras para adquirir mais de um lote.

Também avaliamos nas entrevistas, a facilidade ou dificuldade dos migrantes, recém-chegados ao bairro, quanto ao pagamento dos terrenos: 45% dos entrevistados disseram ter tido dificuldades na compra do lote, 39% declarou não ter tido problemas financeiros para tal e 16% não souberam responder (Figura 6).

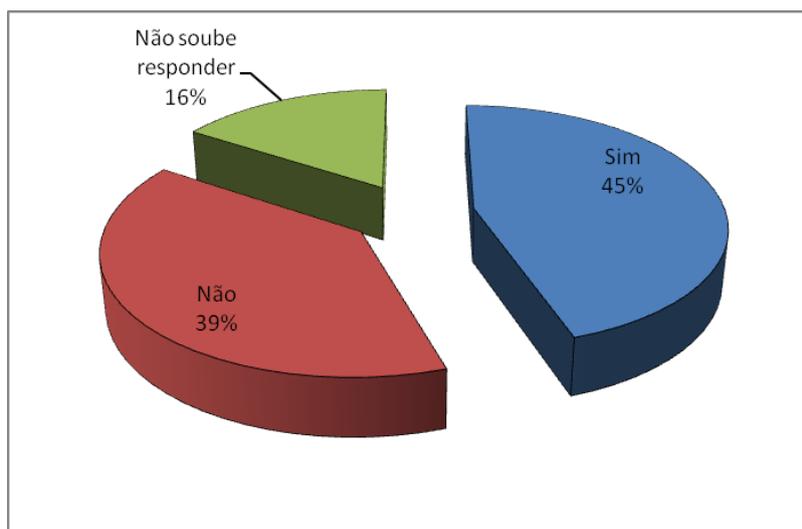


Figura 6. Dificuldades no pagamento dos lotes em Nova Viçosa e Posses.  
Fonte: entrevistas realizadas no bairro Nova Viçosa e Posses.

É importante frisar que ao chegar à Nova Viçosa, a maioria dos migrantes estava acompanhada de suas famílias<sup>62</sup>. As entrevistas realizadas revelaram que ao se mudar para o bairro as pessoas contaram apenas com os seus próprios recursos para se instalar, conforme Figura 7.

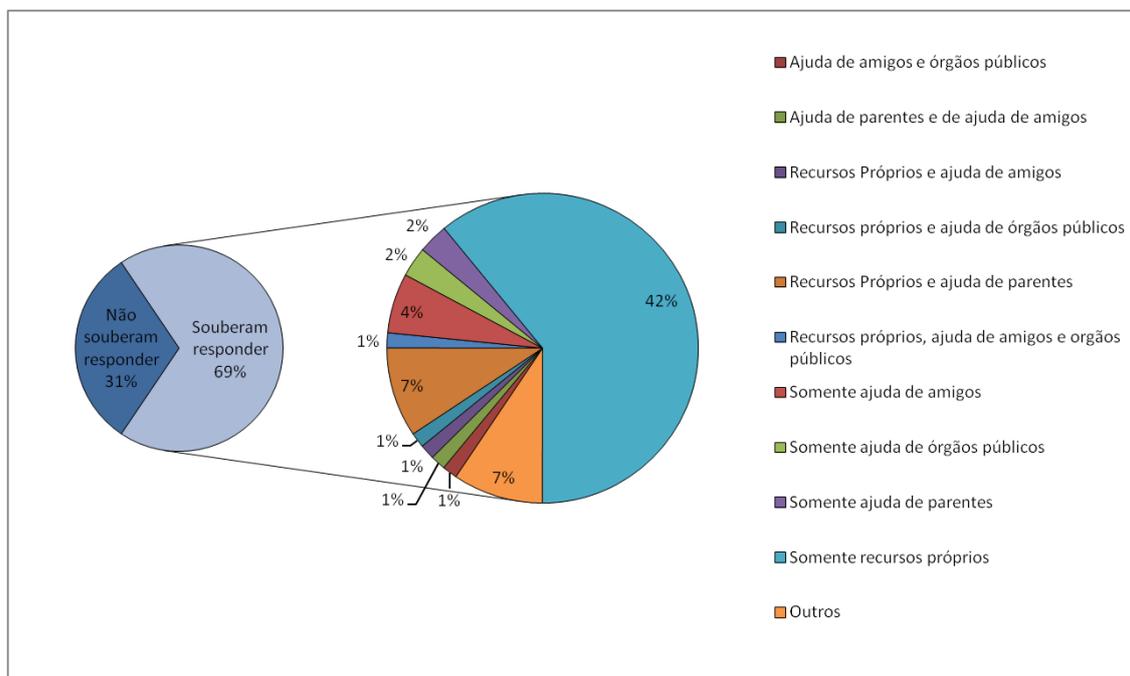


Figura 7. Tipos de auxílio ao se mudar para Nova Viçosa e Posses.  
Fonte: entrevistas realizadas no bairro Nova Viçosa e Posses.  
Elaborada por Dayana Debossan Coelho (2012).

<sup>62</sup>Dos entrevistados, 83% relataram que chegaram ao bairro acompanhado de suas famílias, 13% foram sozinhos, somente 1% foi acompanhado por um amigo e 3% não souberam responder ou não se lembraram.

Considerando que 31% dos entrevistados não souberam responder qual o tipo de ajuda recebida, os 69% migrantes entrevistados disseram que utilizaram uma parcela significativa de seus próprios recursos para se mudar (42%). Na categoria ajuda de órgãos públicos, apareceu somente a Prefeitura Municipal de Viçosa. Na classe outros, alguns atores e entidades se sobressaíram: Antônio Chequer<sup>63</sup>, Centro Espírita Camilo Chaves, Cesar Sant'Anna Filho<sup>64</sup> e Conferência São Vicente de Paula<sup>65</sup>.

Devemos lembrar que ao chegarem ao bairro muitos migrantes estavam desempregados, o que certamente contribuiu para aumentar as dificuldades financeiras. Quanto à forma de pagamento dos terrenos, constatamos que 40,6% pagaram à vista, 34,8% à prestação e 24,6% não souberam responder (Tabela 5).

**Tabela 5. Formas de pagamento dos terrenos em Nova Viçosa e Posses**

Formas de pagamento	Número absoluto e relativo
	Nova Viçosa e Posses (%)
À vista	28 (40,6)
À prestação	24 (34,8)
Outros	0 (0,0)
Não soube responder	17 (24,6)
<b>Total</b>	<b>93 (100,00)</b>

Fonte: entrevistas realizadas em Nova Viçosa e Posses.

Acreditamos que o pagamento à vista ocorreu devido aos preços baixos do lote (C\$ 3.500,00, C\$ 4.500,00 e C\$ 5.500,00). O ato de quitar a dívida do terreno através de prestação esteve vinculado ao pagamento facilitado (várias parcelas) promovido por Chequer.

Os lotes vendidos possuíam em sua maioria, área menor que 200 metros quadrados (56%). As glebas com área igual a 200 metros quadrados representavam 24% e os lotes com área maior que 200 metros quadrados 20%. Apesar da maior parte dos lotes possuírem área inferior/igual a 200 metros (80%), verificamos que as pessoas que adquiriram glebas com área superior a esta medida, compraram um maior número de lotes (quatro ou mais) buscando assegurar um pequeno mercado informal de terras entre pessoas físicas.

<sup>63</sup>Segundo relatos de alguns entrevistados, Antônio Chequer pagou possivelmente um caminhão que proporcionou a mudança para o bairro.

<sup>64</sup>Cesar Sant'Anna Filho foi prefeito de Viçosa entre 1977-1892.

<sup>65</sup>Esta entidade além de ajudar na mudança dos migrantes, também contribuiu distribuindo cestas básicas para as famílias recém-chegadas.

Quanto ao gênero dos lotes, 74% foram registrados em nome de homens, 23% em nome de mulheres, 2% em nome de casais e 1% em nome do Partido dos Trabalhadores. Provavelmente, o motivo para o registro ter sido majoritariamente em favor dos homens está associado a seu papel: chefe de família. A pouca inserção das mulheres no mercado de trabalho e o elevado número de filhos também contribuíram para esta questão, sobretudo porque não havia escola e nem creche nos primeiros anos de criação do bairro.

No que diz respeito aos terrenos alugados em Nova Viçosa e Posses (7%), todos foram arrendados por pessoas físicas. O pequeno número de terrenos alugados demonstra que as doações e vendas foram à forma que predominou na aquisição de lotes.

É salutar lembrar que as doações começaram a ser registradas a partir de 1989. Nos dados do Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda., o empreendimento contava com 3.200 lotes, destes 249 foram doados (7,8%) entre 1989-2000, sendo os demais vendidos. A área total doada em Nova Viçosa e Posses equivale a 44.699 m<sup>2</sup>, o que corresponde a somente 3% da área do bairro (1.754.300 m<sup>2</sup>). Quanto à localização dos lotes doados verificou-se que só em Nova Viçosa 187 lotes foram doados naquele período<sup>66</sup>, contra 62 (22%) na comunidade de Posses, sendo que o tamanho médio dos mesmos era 185,6 m<sup>2</sup> e 176,11 m<sup>2</sup>, respectivamente.

Na figura a seguir podemos observar a distribuição espacial dos lotes doados no bairro (Figura 8). Na área central ocorreram poucas doações (apenas sete) em detrimento das demais, as outras estão localizadas na parte baixa do bairro, nas áreas íngremes e na comunidade de Posses, lugares que pela localização possuem valor imobiliário reduzido.

---

<sup>66</sup>O que representa 78% dos lotes doados.

Figura 8. Mapa dos lotes doados entre 1989-2000 (ocupa a página inteira, por isso o espaço).

É certo, porém que alguns lotes em Nova Viçosa foram doados por Antônio Chequer, no entanto em entrevistas no bairro detectamos que outros atores também realizaram doações, destacando-se a Associação São Vicente de Paula, Julio Pedra – corretor de imóveis em Nova Viçosa – o ex-prefeito José Américo Garcia e a Prefeitura Municipal de Viçosa.

O número total de pessoas beneficiadas com lotes foi de 259, o que revela que alguns indivíduos foram agraciados com mais de um lote<sup>67</sup>. Constatamos também que três lotes foram destinados a instituições<sup>68</sup>, em 1997 foram doados um lote para a Igreja Assembleia de Deus com 170 m<sup>2</sup> e outro para o Grupo Fênix Px de Viçosa com 132 m<sup>2</sup>; em 1999 doou-se uma área de 180 m<sup>2</sup> para a Sociedade São Vicente de Paula. Na perspectiva dos moradores a atuação da última instituição no bairro foi fundamental, pois ela forneceu alimento (cesta básica) e roupas aos recém-chegados – e aqueles que já estavam instalados, mas não tinham condições de se sustentar<sup>69</sup> – e auxílio espiritual.

Quase metade dos lotes doados foram destinados a homens (49%)<sup>70</sup>, o restante foi distribuído entre casais e parentes (2%)<sup>71</sup>, mulheres (49%) e instituições (1%). Interessante notar que diferente dos lotes vendidos, o papel da mulher se destaca entre as adquirentes dos lotes doados em Nova Viçosa, ou seja, ela representa o mesmo número que os homens.

No Cartório de Registro de Imóveis há três registros de doações para entidades da sociedade civil: em 1986 para a Ação Evangélica Viçosense (Rebusca), localizada na comunidade de Posses (9.107 m<sup>2</sup>), em 1988 para a “Associação Comunitária dos Bairros Nova Viçosa e Posses” (9.450 m<sup>2</sup>) e em 1993 novamente doa-se uma área de 13.812 m<sup>2</sup> para Rebusca<sup>72</sup>.

No período que ocorreram as doações 1989 até 2000, os anos que mais se sobressaíram foram: 1996 e 1997 (Figura 9). Nestes anos a quantidade de lotes doados foram 126 e 84, respectivamente, este fato guarda relação direta com a terceira campanha eleitoral de Antônio Chequer para prefeito (1997). O clientelismo utilizado

---

<sup>67</sup>Em alguns casos os lotes considerados doados foram vendidos a preços módicos. Geralmente, os valores oscilavam entre Cr\$ 150,00 e Cr\$ 300,00, portanto, acreditamos que o enquadramento destes lotes no Escritório do loteamento como doados foram em função dos baixos preços.

<sup>68</sup>Estas doações - de lotes ou áreas - estão localizadas em Nova Viçosa.

<sup>69</sup>O elevado número de filhos e os baixos salários eram os principais motivos que impediam os moradores de se sustentar dignamente.

<sup>70</sup>Cento e vinte um lotes foram doados a homens.

<sup>71</sup>O que representa quatro lotes.

<sup>72</sup>Cabe ressaltar que a Rebusca é uma instituição que teve, e ainda tem uma atuação essencial em Posses ao oferecer aulas de reforço e funcionar como uma creche.

estrategicamente por este ator possibilitou a conquista da confiança dos pobres e, conseqüentemente, assegurou a futura vitória de Chequer para prefeito.

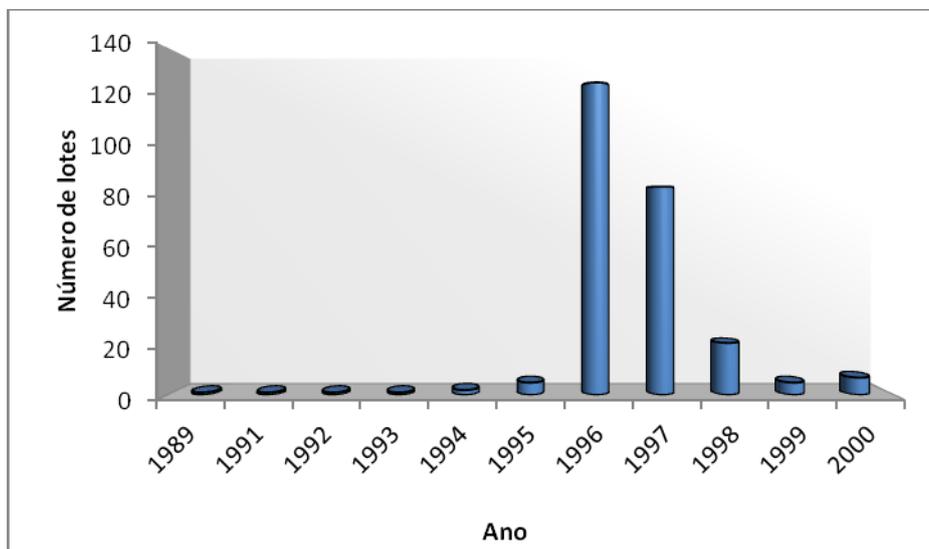


Figura 9. Número de lotes doados por ano (1989-2000).

Fonte de dados: Loteamento Nova Viçosa Ltda.

Elaborada por Dayana Debosan Coelho (2012).

A partir das informações presentes nas fichas dos lotes doados no Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda., e nas entrevistas realizadas foi possível compreender quem foram os moradores beneficiados a partir do perfil socioeconômico.

No que se refere ao aspecto econômico observou-se que as profissões declaradas que mais se destacaram foram: do lar, servente, lavrador, pedreiro, aposentado, vigilante, funcionário público e outros<sup>73</sup>, conforme podemos verificar na Figura 10.

<sup>73</sup>Na categoria outros as seguintes profissões foram declaradas: auxiliar de escritório, ambulante, carroceiro, auxiliar de enfermagem, auxiliar escolar, caseiro, auxiliar de xerox, cabelereiro, artesanato, construtor, corretor de imóveis, cozinheiro, despachante, eletricista, empreiteiro, empresário, engenheiro florestal, faxineira, garçom, gerente, jardineiro, mecânico, operador de máquinas, porteiro, professora, secretária, auxiliar de serviços, balconista, estudante, lavadeira, motorista, pintor e vendedor.

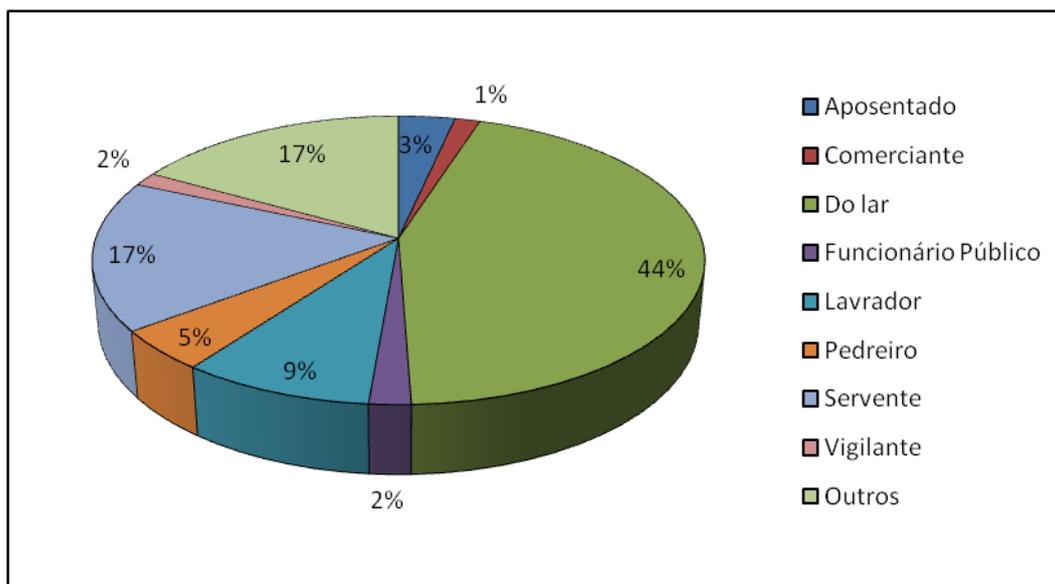


Figura 10. Profissões declaradas dos moradores beneficiados com lotes doados.

Fonte de dados: Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda.

Organizada e elaborada por Dayana Debossan Coelho (2012).

A partir de tais profissões é possível inferir a situação econômica dos moradores agraciados com os lotes, entretanto também é preciso considerar o número de filhos que compunham as famílias (Figura 11). Apesar de uma expressiva parcela não ter declarado o número de filhos (66%), os beneficiados com cinco ou mais filhos se destacaram no panorama geral.

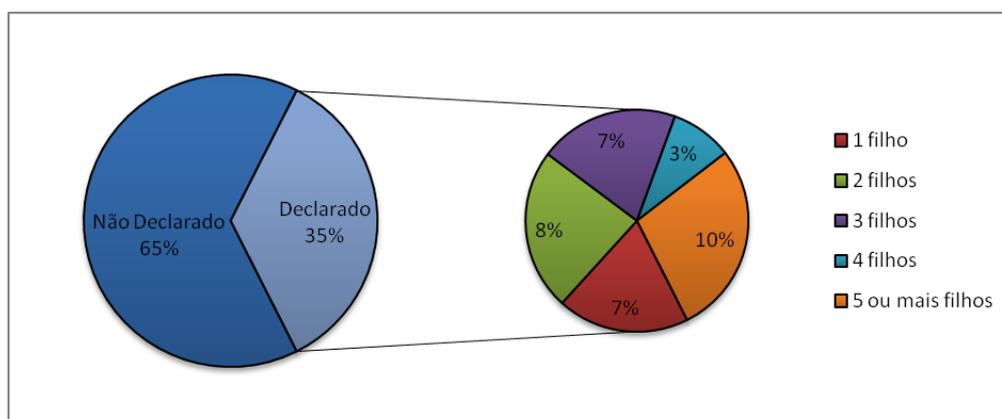


Figura 11. Número de filhos declarado pelos moradores beneficiados com lotes doados.

Fonte de dados: Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda.

Organizada e elaborada por Dayana Debossan Coelho (2012).

Das 249 pessoas que receberam lotes doados, 186 indivíduos não tenham declarado a renda, dentre os que a declararam, isto é 63, mais da metade disseram receber menos que um salário mínimo (54%), os que recebiam um salário representavam 14%, e os que recebiam de 1-2 salários chegavam a 14% (Figura 12)<sup>74</sup>.

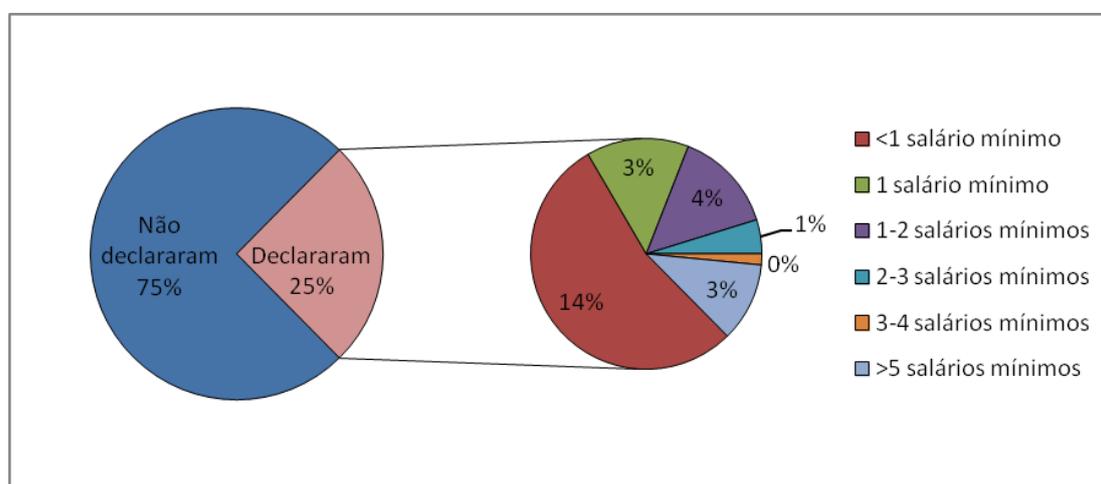


Figura 12. Renda declarada pelos beneficiários (1994-2000).  
 Fonte de dados: Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda.  
 Organizada e elaborada por Dayana Debossan Coelho (2012).

Todos estes dados – profissões dos beneficiados, número de filhos por beneficiados e renda declarada – analisados em conjunto são importantes indicadores, pois nos apontam que os indivíduos agraciados com a doação de lotes eram pessoas, em sua maioria, pobres que recebiam menos que um salário (54%) e exerciam profissões que nos revelam baixo grau de escolaridade, além de serem poucos instruídas.

A grande maioria dos beneficiados que migraram para Nova Viçosa é oriunda da cidade de Viçosa (93,6%)<sup>75</sup>. Os bairros de origem dos migrantes foram, sobretudo, Bom Jesus, Centro, Nova Viçosa, Santa Clara e Santo Antônio<sup>76</sup>, conforme informações presentes no Tabela 6.

<sup>74</sup>Na organização dos dados os salários foram ajustados por moeda/ano.

<sup>75</sup>Apenas dois favorecidos eram oriundos do estado do Rio de Janeiro e um da microrregião de Viçosa, Teixeira, os demais não declararam a origem (2,57%).

<sup>76</sup>Na categoria outros (17,2%) estavam os bairros com número reduzido de migrantes: Airões (1), Barrinha (1), Bela Vista (3), Betânia (1), Estrelas (2), João Braz (3), São José (2), Lourdes (1), Maria Eugênia (1), Nova Era (1), Novo Silvestre (1), Posses (3), Romão dos Reis (1), São José do Triunfo (2), São Sebastião (3), Silvestre (2), União (1), Vale do Sol (1) e Violeira (1).

**Tabela 6. Bairros de origem dos beneficiados em Nova Viçosa.**

Bairros de origem dos beneficiados	Número	Proporção (%)
Amoras	4	2,2
Bom Jesus	15	8,3
Centro de Viçosa	16	8,9
Nova Viçosa	86	47,8
Santa Clara	14	7,8
Santo Antônio	9	5,0
Sagrada Família	5	2,8
Outros	31	17,2
TOTAL	180	100

Fonte de dados: Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda.

Elaborada e organizada por Dayana Debossan Coelho (2012).

Podemos notar que quase metade dos migrantes já estava morando em Nova Viçosa quando receberam os lotes, outros estavam na cidade aguardando para receber um lote de Antônio Chequer. Para sair do aluguel, e no caso dos beneficiados com um pedaço de terra garantir futuramente o uso capião, os migrantes se estalaram no bairro e construíram inicialmente barracos de pau-a-pique. Após receber o lote, seja através de compra ou doação, alguns moradores construíram novos barracos enquanto outros ergueram casas com melhor estrutura.

Os bairros de origem daqueles que migraram em direção à localidade de Posses foram: Arduino Bolívar (5,5%), Bom Jesus (7,3%), Centro de Viçosa (7,3%), Nova Viçosa (43,6%), Santa Clara (7,3%) e outros bairros (29,1%)<sup>77</sup>. Cabe salientar que tanto os migrantes que se deslocaram para Nova Viçosa quanto os que se destinaram a Posses eram, sobretudo, da área urbana (89,15% e 90,32%, respectivamente)<sup>78</sup>.

Os dados das entrevistas realizadas em Nova Viçosa e Posses demonstram que 49% dos entrevistados contaram somente com seus próprios recursos ao construírem suas moradias (Figura 13)<sup>79</sup>.

<sup>77</sup>Dentre os outros bairros estavam: Bela Vista (1), Estrelas (1), Fátima (2), Laranjal (2), Nova Era (1), Posses (1), Ramos (1), Romão dos Reis (1), Sagrados Corações (1), Sagrada Família (1), Santo Antônio (1), São Sebastião (1), Vale do Sol (1) e Vau Açu (1).

<sup>78</sup>Nos dados referentes à Nova Viçosa apenas sete pessoas (3,30%) não declararam sua origem. Os que declaram ser de origem rural representavam 7,55%.

<sup>79</sup>Esta informação diz respeito tanto às pessoas que obtiveram o terreno através de compra, quanto àquelas que foram agraciadas com lotes, mas tiveram que construir suas casas.

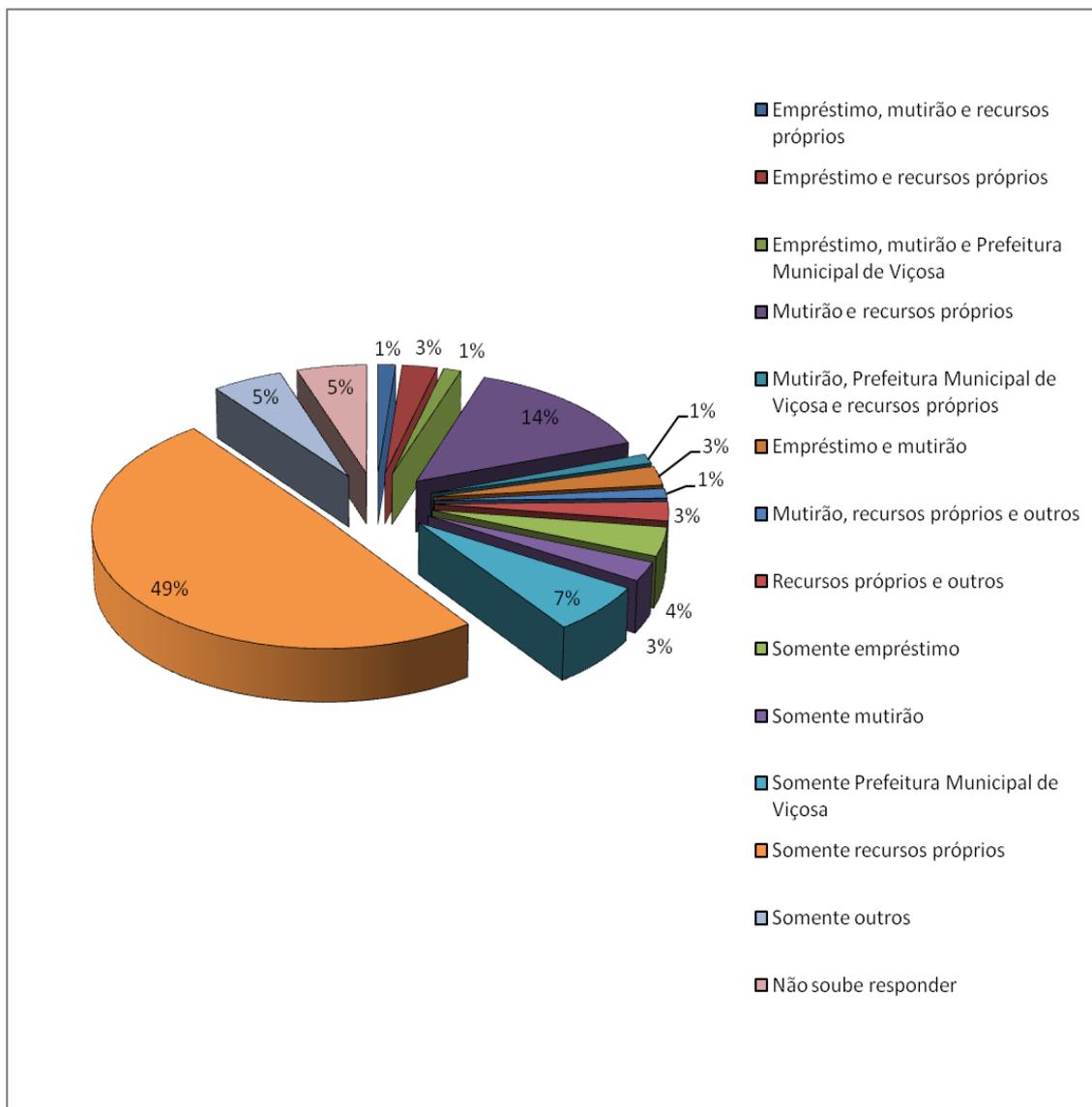


Figura 13. Tipos de auxílio na construção das casas em Nova Viçosa e Posses.

Fonte: entrevistas realizadas no bairro Nova Viçosa e Posses.

Elaborada por Dayana Debossan Coelho (2012).

Identificamos duas instituições que auxiliaram na instalação dos migrantes, perfazendo 5% dos casos: a Associação São Vicente de Paula e o Centro Espírita Camilo Chaves – e cinco pessoas físicas, que auxiliaram no processo de construção doando materiais: Joaquim Rocha, Vera Saraiva, Antônio Chequer, Ermindo Grilo e Adão Galo, respectivamente. Estes dois últimos fizeram parte da Associação de Moradores do bairro, Joaquim Rocha foi prefeito e vereador e Vera Saraiva vereadora.

Na categoria de auxiliares, os entrevistados revelaram que a Prefeitura Municipal (7%) doou materiais de construção (areia, cimento, janela, ferragem e tijolo), sobretudo nas épocas de campanhas eleitorais. A famosa troca de favores, mecanismo muito comum em sistemas clientelistas.

Para a construção da casa os moradores do bairro também recorreram a empréstimos (4%). Os que utilizaram seus recursos próprios e empréstimos representaram 3%, na categoria mutirão e empréstimo 3% dos entrevistados valeram-se deste tipo de auxílio. O item mutirão, Prefeitura Municipal de Viçosa e empréstimo corresponde a 1% dos entrevistados. Vale lembrar que todos os empréstimos foram concedidos por bancos.

Autoconstrução por mutirão no bairro relacionou-se ao levantamento de paredes e lajes. Villaça (1986) aproximando-se de Maricato, escreve em sua obra “*O que todo cidadão precisa saber sobre habitação*” que a autoconstrução envolve o processo de construção da casa, própria ou não, realizada pelos seus moradores com auxílio de parentes, amigos e vizinhos – como foi o caso do bairro – ou ainda, pelos moradores com subsídio de algum profissional remunerado.

Como Gohn (1991) assinala, o mutirão se autodenomina como um sistema de ajuda mútua, é um trabalho coletivo<sup>80</sup>. Trata-se de uma estratégia das classes populares visando assegurar a construção de sua moradia, uma vez que, a prática do mutirão é utilizada no barateamento dos custos. Entretanto, o este processo de produção da moradia não tem apenas um significado econômico, ele também é portador de um conteúdo sociopolítico que agrega solidariedades. A autoconstrução em Nova Viçosa e Posses revelou o espírito alegre e a fraternidade entre os moradores, contudo este caráter de solidariedade ocorreu à custa de árduas jornadas de trabalho que, por sua vez, consumiram as horas que seriam de descanso.

Como vimos praticamente a maioria dos moradores utilizaram somente seus recursos próprios na construção de sua casa (49%). Quanto ao tipo de recurso próprio acionando detectamos: salário, poupança e outros rendimentos. Dos entrevistados, 58% revelou que utilizaram o salário para a construção de suas casas<sup>81</sup>. Na categoria outros rendimentos estiveram presentes: a venda de propriedade na cidade de origem, indenização de marido - acidente de trabalho - e pensão (Figura 14).

---

<sup>80</sup>Kowarick (1993) destaca que a autoconstrução, enquanto solução de subsistência cria um elemento imprescindível à vida – a moradia.

<sup>81</sup>Uma parcela significativa (33%), não soube responder qual tipo de recurso empregou na construção de suas casas.

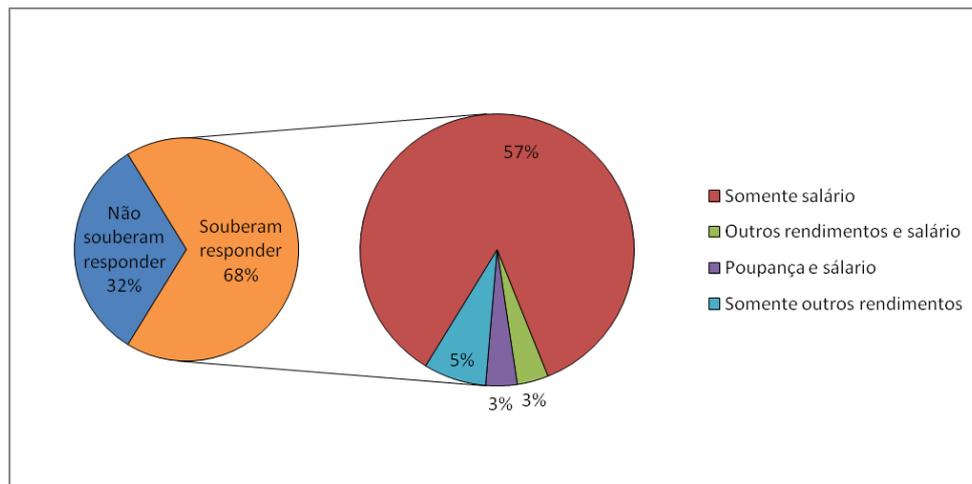


Figura 14. Tipos de recursos próprios utilizados pelos moradores na construção de casas em Nova Viçosa e Posses. Fonte: entrevistas realizadas no bairro Nova Viçosa e Posses. Elaborada por Dayana Debossan Coelho (2012).

Os dados e informações revelados no levantamento de campo e entrevista com os moradores demonstram que a conquista da casa própria contou principalmente com o esforço dos moradores, tendo uma participação mínima do Estado, que se fez presente apenas durante as campanhas eleitorais. Eles assinalam também a ausência de políticas habitacionais voltados para as classes populares e as estratégias dos empresários locais em drenar das classes populares todos os recursos possíveis para ampliar seus lucros. Nesse sentido, consideramos que ao “recortar” o espaço de Nova Viçosa, o loteador utilizou o tamanho das glebas - por meio de sua divisão - para obter maior lucratividade.

Portanto, tais informações assinalam que a nível local os processos de periferação apresentam muitos aspectos semelhantes aos encontrados nas cidades grandes e médias, quais sejam: conversão estratégica das áreas rurais em urbanas, visando à extensão do mercado de terras, apropriação dos terrenos por setores mais capitalizados, objetivando a constituição de um estoque de terra e, finalmente, articulação do Estado com os setores imobiliários, culminando na constituição de um aparato legislativo que tem como propósito facilitar às transações imobiliárias e o processo de apropriação das terras pelos setores capitalizados.

O processo de produção de Nova Viçosa revela também diferentes estratégias. Uma delas é o ato de “recortar” o espaço que o loteador de Nova Viçosa utilizou para vender e doar os terrenos. Consideramos, assim que ao criar o bairro e definir uma malha material e imaterial do poder, Antônio Chequer, o principal agente responsável

pela criação do bairro, desconectou Nova Viçosa dos demais bairros da cidade, tanto não levando infraestrutura básica como mantendo o controle sobre esta área. Com base em Raffestin (1993) podemos inferir que tal tática ampliou o poder desse ator e estabeleceu uma estratégia territorial.

Por outro lado, entender a relação que Antônio Chequer estabeleceu com os moradores, ao doar e vender lotes a preços módicos assinala um dos aspectos que marca a ação de determinados políticos nos bairros populares. Em função disso, acionamos a noção de clientelismo. Esta, segundo discute Abers (1998), caracteriza-se pelo emprego de recursos do Estado para beneficiar grupos sociais desfavorecidos economicamente - clientes - que em contrapartida votam em seus supostos benfeitores. Em Nova Viçosa e Posses observamos que a prática clientelista foi empregada largamente para conquistar votos e a confiança dos pobres.

Diante disso, a próxima seção deste trabalho tem como intuito analisar a (i) regularidade no bairro através das entrevistas e demais documentos pesquisados.

#### **2.4 Regularidade ou irregularidade fundiária? Eis a questão...**

Como nos esclarece Grostein (2002) à adjectivação em torno do termo *cidade*, *cidade clandestina* e *cidade irregular* procura indicar o fenômeno dual consolidado e expresso na realidade urbana das áreas da cidade negligenciadas pelo poder público – a cidade dos pobres e dos precariamente inseridos, a cidade sem infraestrutura e serviços suficientes, a cidade fora da lei. No caso específico desta pesquisa tratamos da *cidade clandestina* nas diferentes configurações que adquire nas cidades, buscando dialogar com Viçosa e seu embrião: Nova Viçosa.

Ao analisarmos a partir das entrevistas a estrutura fundiária do bairro, verificamos que 55% dos entrevistados disseram ter a casa registrada em Cartório (Tabela 7).

**Tabela 7. Regularidade fundiária no bairro Nova Viçosa e Posses**

	Número absoluto e relativo
	Nova Viçosa e Posses (%)
Sim	51 (55,0)
Não	34 (36,0)
Não soube responder	8 (9,0)
<b>Total</b>	<b>93 (100,00)</b>

Fonte: entrevistas realizadas nos bairros Amoras e Nova Viçosa e Posses.

Acervo da pesquisa: Formação de periferias urbanas em Viçosa (MG): os casos de Nova Viçosa e Amoras (1970-1980).

Elaborada por Dayana Debossan Coelho (2012).

Por meio de nossa amostra, nota-se que os lotes no bairro estão em situação regular, entretanto ao cruzar este dado com os dos documentos oficiais pesquisados – no Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda. (lotes doados) e no Cartório de Registro de Imóveis (lotes doados e vendidos) – observamos que na realidade os lotes não estão em situação regular.

Ao observar o mapa abaixo (Figura 15) constatamos que a maior parte dos lotes no bairro não possui registro em cartório<sup>82</sup>. Essa situação investigada é também constatada nos estudos realizados por Dias et. al. (2011), que verificou, a partir do levantamento documental dos registros realizados no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Viçosa-MG, que até agosto de 2010, apenas 28% dos lotes do bairro possui registro em cartório.

Portanto, a irregularidade fundiária tem sua origem desde o nascimento do bairro, quando as primeiras transações de venda e doação foram realizadas mediante contrato de compra e venda, sem nenhum registro em cartório - ficando a cargo do comprador ou beneficiário da doação os trâmites de registro do terreno.

<sup>82</sup>No estudo realizado por Dias et. al. (2011), constatou-se a partir do levantamento documental dos registros realizados no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Viçosa-MG até agosto de 2010, que apenas 28% dos lotes do bairro possui registro em cartório.

Figura 15. Transações formais e informais

Em visita ao Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda., notamos um controle informal nas transações imobiliárias referentes ao bairro – compras, transferências e doações de lotes. No processo de distribuição dos lotes, Antônio Chequer emitia um comprovante ao beneficiado, este, por sua vez, era apresentado no Escritório do Loteamento para efetuar sua aquisição. Contudo, este comprovante não possuía, e não possui nenhum valor legal (Figura 16). Assim muitos acreditam que esses contratos eram suficientes para a comprovação de posse e de certo modo, como pudemos verificar na entrevista com os moradores, assinalarem que o seu imóvel é regular.

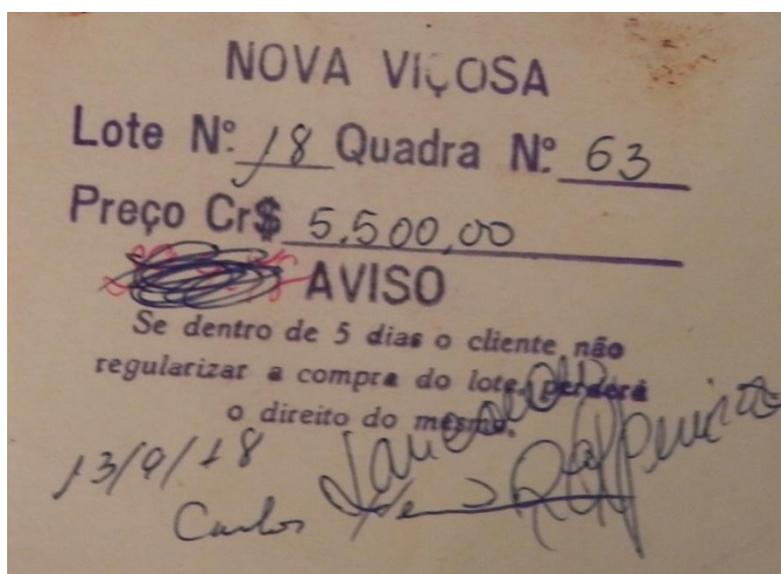


Figura 16. Comprovante de venda de lote emitida por Antônio Chequer.

Depois de apresentar este comprovante e efetuar o pagamento, no caso de lotes vendidos, o Escritório do Loteamento emitia um recibo de venda. No caso dos lotes doados, emitia-se um termo de doação, ambos assinados por Antônio Chequer. Caso fosse necessário transferir o lote, datilografava-se no verso do recibo ou do termo, entretanto não havia sequer um carimbo para identificar o Escritório e em muitos termos de doação a assinatura do ex-prefeito não constava.

Observamos que nos termos de doação havia uma cláusula que determinava um prazo para a construção da casa no lote, este limite geralmente era de um ano após a aquisição<sup>83</sup>. Tratava-se, portanto, de uma estratégia de controle das doações para impedir que os lotes fossem destinados a pessoas que não necessitavam de auxílio ou por aquelas que não tinham interesse de construir no lote doado. Caso não fosse construído e o Escritório verificasse que o beneficiado possuísse outra propriedade, a carta de doação perderia a validade. No entanto, como estudado por Dias *et. al.* (2011), devido à ausência de fiscalização que verificasse o cumprimento das cláusulas, os lotes vagos continuaram na posse de beneficiados e muitas vendas ocorreram sem o conhecimento do Loteamento Nova Viçosa Ltda.

Com relação à escritura, os dados investigados mostram que esta só seria autorizada após a referida construção, ficando todas as despesas com a mesma (registro, impostos e taxa municipal) por conta do beneficiado. Somente não poderia efetuar a escritura, quem adquirisse meio lote, pois era alegado que o mesmo não possuiria medidas suficientes para tal.

Em entrevista no bairro Nova Viçosa, detectamos que os moradores que não possuíam escritura da casa alegaram que não a ter efetuado devido aos altos custos das transações cartorárias. Em alguns casos o registro se torna um custo dispendioso para o orçamento restrito das famílias. Diante disso, muitos dos lotes nunca foram regularizados e ainda estão sob o domínio da Construtora Chequer como parte da gleba loteada e não vendida.

Portanto, analisando os documentos do Escritório do Loteamento, verificamos que apesar de alguns lotes terem sido doados, isto não impediu o surgimento de um pequeno mercado informal entre os moradores do bairro e os da cidade<sup>1</sup>, pois os moradores que recebiam os lotes e não se interessam em permanecer no bairro, os vendiam para terceiros<sup>1</sup>, conforme podemos observar na Figura 17.

---

<sup>83</sup>Em alguns casos este período era menor, atingindo sete meses.

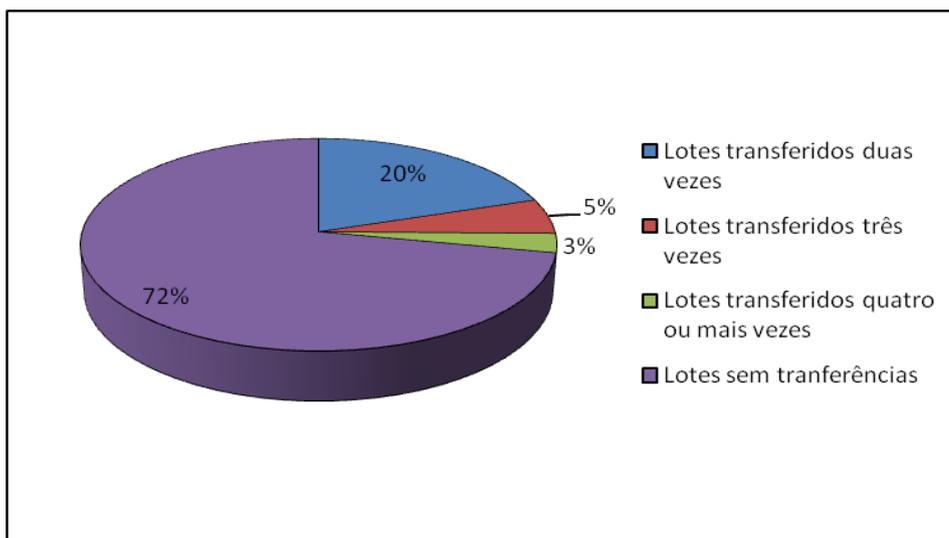


Figura 17. Lotes doados e suas respectivas transferências.

Fonte de dados: Loteamento Nova Viçosa Ltda. Elaborada por Dayana Debosan Coelho (2012).

Estas transferências revelam a rotatividade dos lotes que, por sinal, interferem na regularização dos mesmos, pois o proprietário que pretende vender o lote não o regulariza para não arcar com os encargos de regularização e, logo em seguida, com os encargos de transferência de posse.

A cidade irregular defendida por Gronstein (2011) nos auxilia na compreensão da trama informal que envolve Nova Viçosa. Neste bairro houve uma relação condescendente entre loteador, poder público e morador. Explica-se: o Poder Público não fiscaliza de fato; o morador geralmente ignora as normas e controles, pois está efetivamente preocupado em encontrar um lugar para morar e os loteadores que com a irregularidade conseguem colocar no mercado um produto mais acessível às classes populares, justamente por fugirem das normas estabelecidas.

Como vimos Chequer financiou a compra de lotes e doou glebas em Nova Viçosa fora das estruturas formalizadas. Estas transações, em um contexto de acelerada urbanização da cidade, mostram que a clandestinidade foi processo mais eficiente para provisão de moradia destinada à população de baixa renda.

A proliferação de loteamentos em situação de irregularidade em Viçosa – sobretudo os bairros Cidade Nova e Nova Viçosa – é resultante do amálgama da pobreza urbana com sérias carências no sistema formal de habitação e na provisão de alternativas suficientes e acessíveis aos diferentes grupos sociais, em especial aos mais pobres.

Veremos no próximo capítulo, como essa situação de irregularidade foi omitida com a criação do mito de criação de Nova Viçosa a partir da análise do papel de

Chequer e seus parceiros da imprensa local. Por outro lado veremos, também, como a história do bairro narrada pelos moradores, pode indicar uma outra face da realidade “fantasiada” de Nova Viçosa à época de sua constituição, demonstrando tanto os problemas vividos como a constituição de uma identidade local, sobretudo a partir da fundação da Associação de Moradores de Nova Viçosa e Posses.

### Capítulo III – O (re) nascimento do bairro: entre o mito de criação do bairro e a luta pela sua apropriação pelos seus moradores

#### 3.1 – A ritualização do bairro e o fortalecimento da imagem de Antônio Chequer como benfeitor

O bairro Nova Viçosa é inaugurado oficialmente no dia dezessete de setembro de 1978, conforme matéria divulgada no jornal Integração: “Grande festa no ‘Nova Viçosa’ dia 17/09” (Figura 18). O conteúdo da notícia advertia que a Construtora e Incorporadora Chequer comemoraria este dia – para ela histórico – com uma “Grande festa”, já que era considerado o empreendimento imobiliário mais arrojado de toda a região.

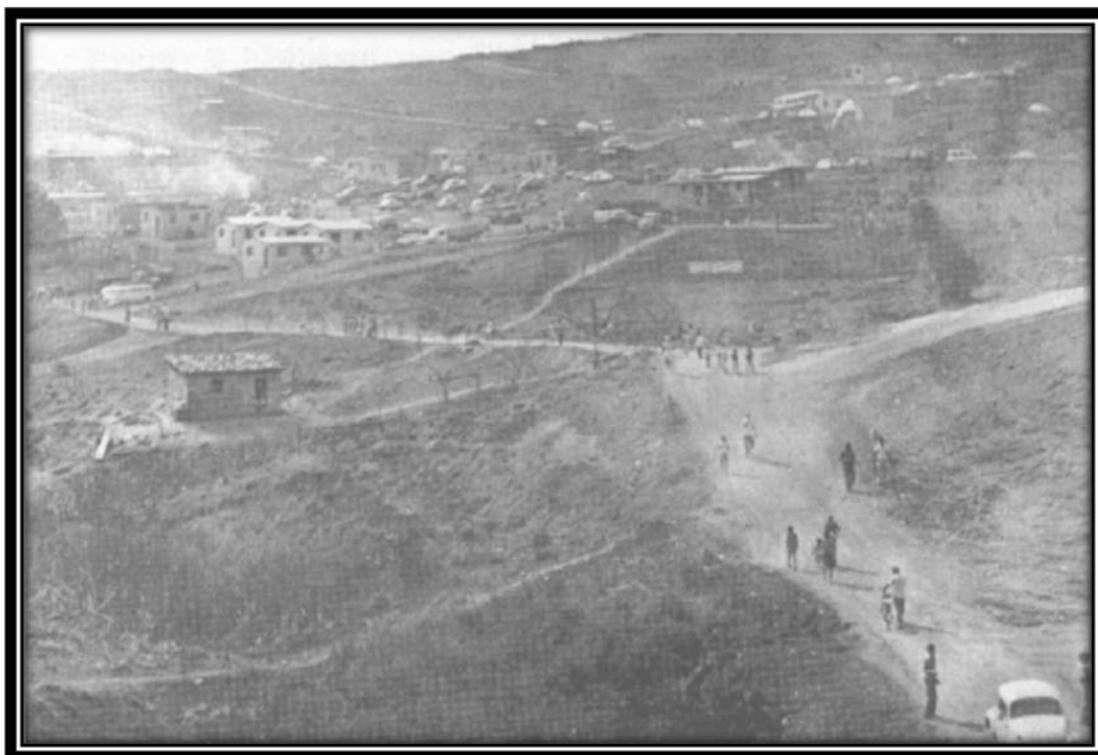


Figura 18. Festa de inauguração do bairro Nova Viçosa. Fonte: Mello (2000).

A programação da festa previa uma série de atividades, que começariam de manhã e finalizariam à tarde. Às 08h30min as bandeiras seriam hasteadas, às 09h00min, uma missa em ação de graças seria celebrada (Figura 19a e 19b), às 10h00min, o empresário Antônio Chequer, em palanque armado no local, daria explicações aos presentes sobre o novo bairro (Figura 20a e 20b), às 11h00min, seria oferecido um “monumental” churrasco popular, sendo todos os presentes convidados (FOLHA DE VIÇOSA, 1978, s/p).

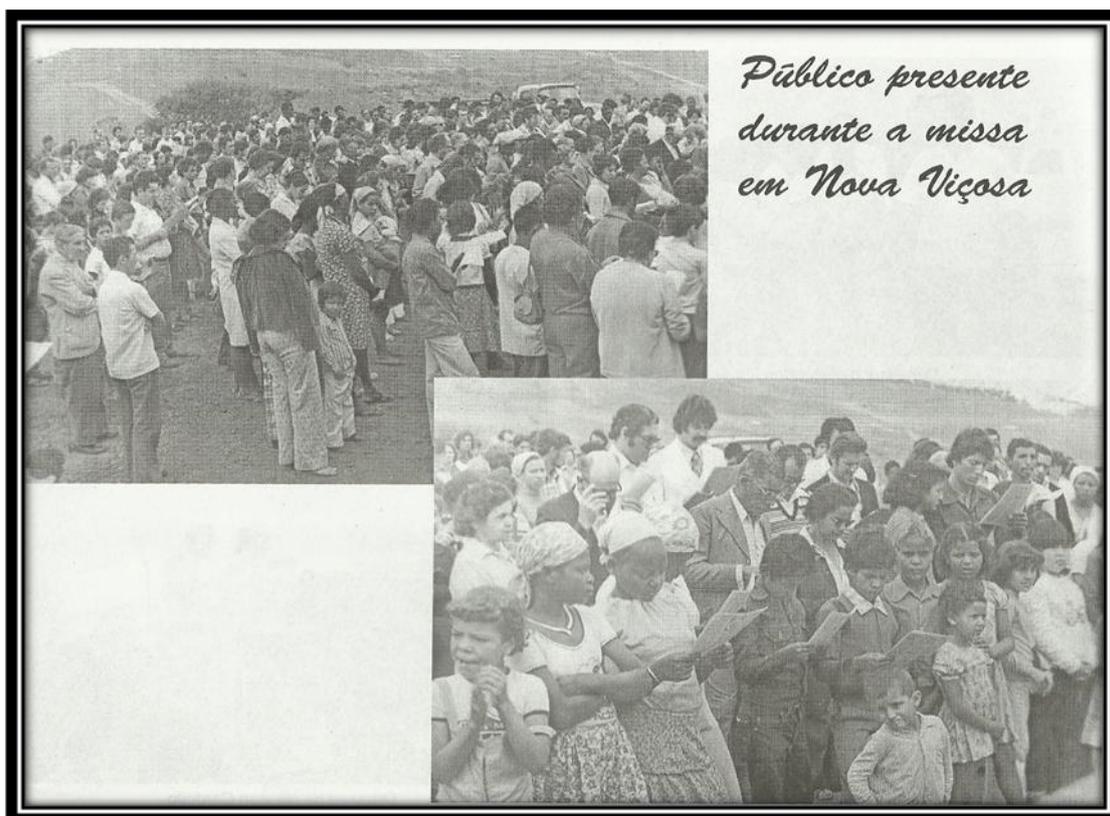


Figura 19a. Público presente durante a missa. Fonte: Mello (2000).

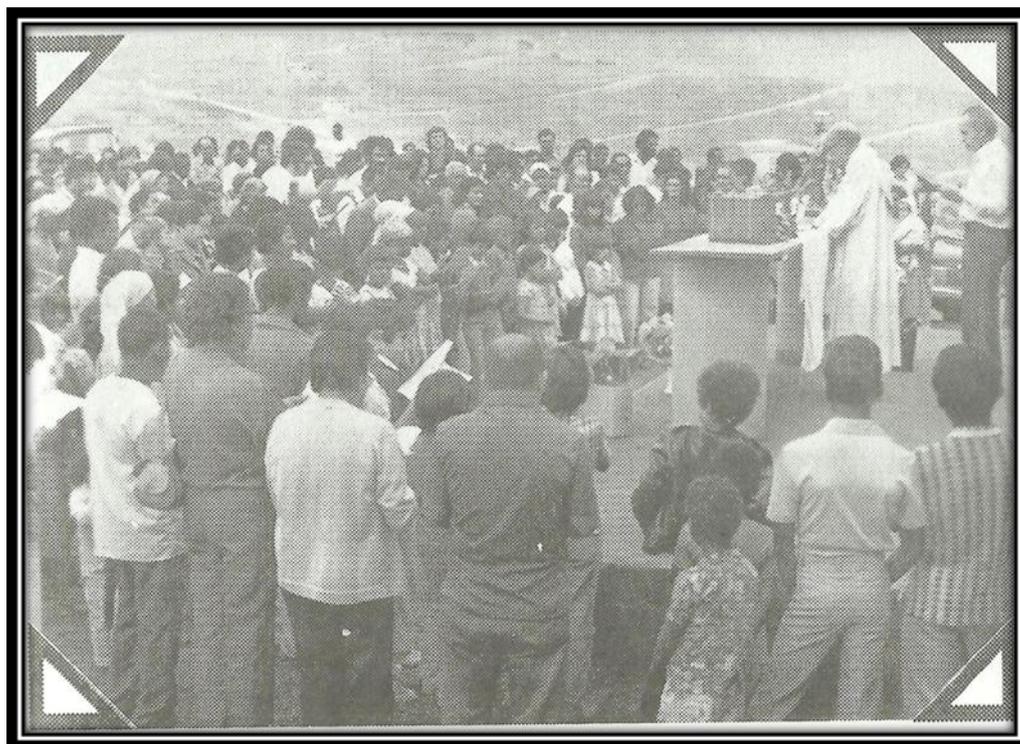
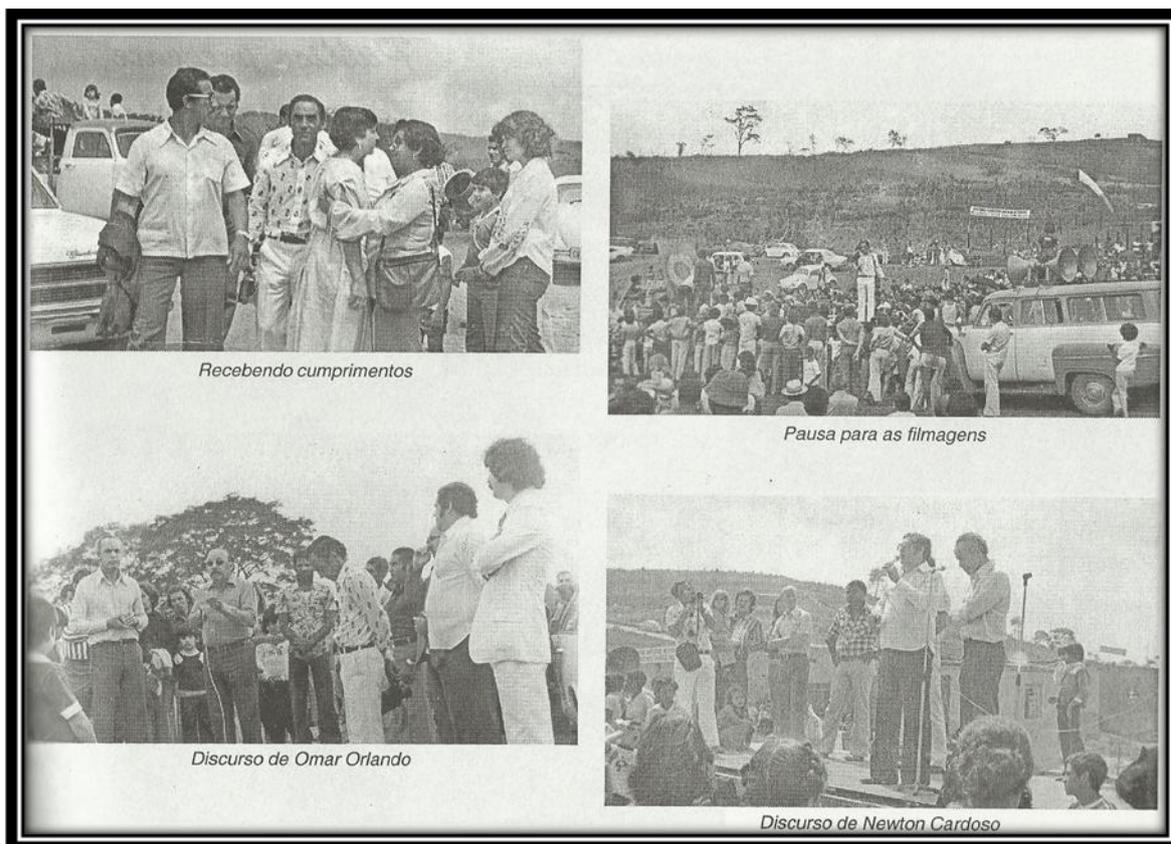


Figura 19b. Padre Antônio Mendes celebrando a missa campal com a participação dos primeiros moradores de Nova Viçosa. Fonte: Mello (2000).



20a. Festividades em Nova Viçosa. Fonte: Mello (2000).



20b. O discurso de Antônio Chequer e um dos seus afilhados. Fonte: Mello (2000).

A matéria ainda ressaltava que diversos caminhões de Chopp já haviam sido encomendados por Antônio Chequer e que os festejos teriam continuidade com o salto simultâneo de 12 paraquedistas da equipe “Águias de Ouro”, vinda do Rio de Janeiro. Nesse evento os visitantes teriam ainda a oportunidade de participar de uma prova de Moto-Cross e serem agraciados com os seguintes troféus: o 1º colocado receberia o troféu Newton Cardoso; o 2º o troféu Padre Antônio Mendes e o 3º troféu Antônio Chequer.

Alguns aspectos são importantes de mencionar neste “célebre dia”. O primeiro é a presença dos poderes civil e religioso da cidade representados pelo Pe. Antônio Mendes e pelos políticos Antônio Chequer, Newton Cardoso e Geraldo Reis. Uma outra questão são os elementos dos rito, que aparecem expressos num primeiro momento, nos espaços que são selecionados no bairro e onde são instalados o cruzeiro e a pedra fundamental (Figura 21)<sup>84</sup>. Como em quase todas as cidades, o cruzeiro simboliza a conquista dos fiéis à terra prometida, constituindo-se em uma das marcas dos poderes religioso e civil no processo de apropriação de uma nova terra.

No segundo momento, cabe destacar a participação de alguns atores escolhidos para representar o ato de fundação do bairro. Marca importante no ritual de criação, tal escolha não se difere dos mecanismos empregados usualmente quando se tem o nascimento de uma cidade. Portanto, um momento crucial, pois legitima a figura do pioneiro e desbravador de uma nova terra. Um momento que coloca em cena aquele ator que possivelmente vai se transformar no principal personagem da história de Nova Viçosa. É, assim, um momento que se inscreve no processo de construção de uma história e de uma memória hegemônicas (SILVA, 2010).

---

<sup>84</sup>Próximo ao cruzeiro - onde foi realizada a missa de inauguração do bairro - construiu-se a Igreja Católica Imaculada Conceição em 1978.

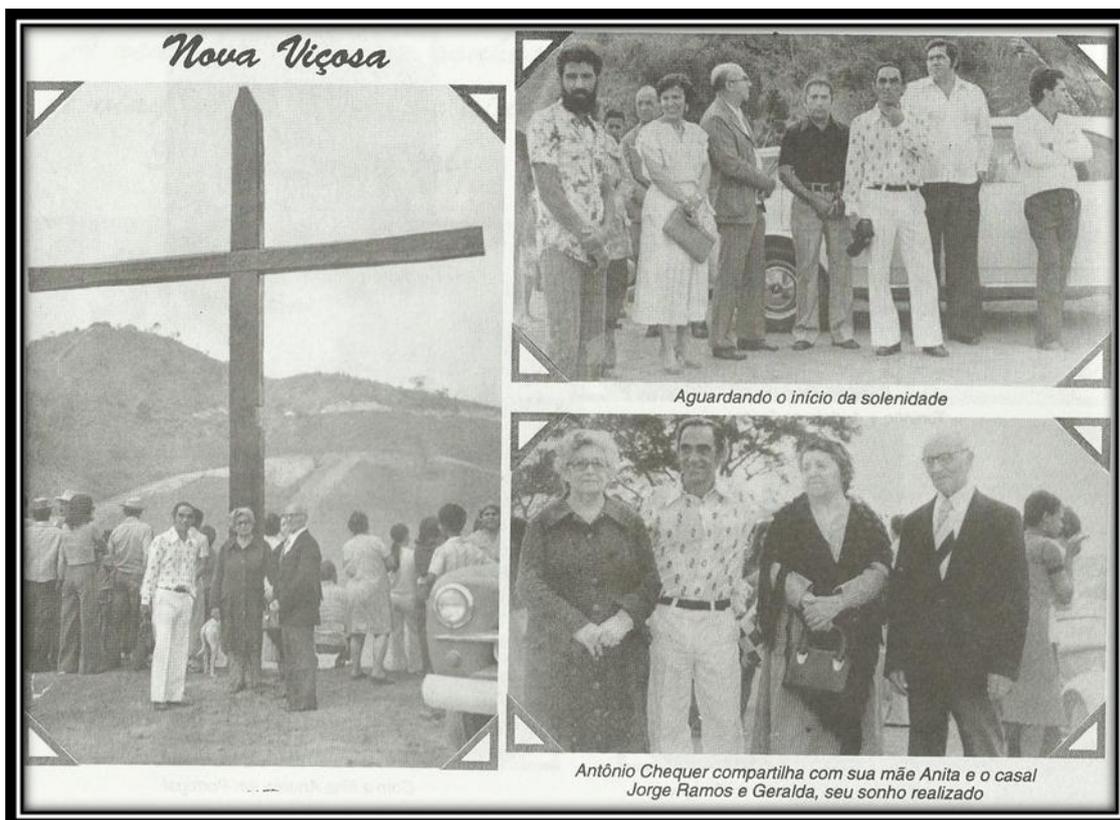


Figura 21. Cruzeiro (à esquerda da foto), lideranças políticas (em cima à direita) e Antônio Chequer, familiares e amigos (em baixo à direita).

Fonte: Mello (2000).

Portanto, os rituais festivos que deram nascimento a Nova Viçosa trazem à tona alguns elementos para problematizar a história deste bairro, colocando-nos algumas dúvidas sobre a veracidade de certas narrativas. Estas apontam a maneira como a memória é forjada pela elite local e como serve de mecanismo para obstruir as múltiplas possibilidades de entender as práticas sociais envolvidas no processo de construção de uma história.

Os próprios nomes atribuídos aos troféus e futuramente aos logradouros públicos expressam esta questão, já que somente dão visibilidade as figuras da cidade consideradas ilustres e importantes de serem lembradas<sup>85</sup>. É, assim, uma estratégia que visa perpetuar uma imagem positiva destes personagens como promotores de gestos heroicos na cena pública. Um recurso simbólico que invisibiliza o passado dos pobres,

<sup>85</sup>Souza (1995) ao discorrer sobre as representações de poder diz que estas engendram uma concretude espacial: ruas, monumentos, edifícios, etc. Chequer ao nomear as ruas do bairro Nova Viçosa buscou, através de seu poder material e simbólico, homenagear políticos locais e da região, professores universitários e sua própria família, incluindo sua descendência libanesa. Dentre algumas ruas estão: Alfa Chequer (irmã de Antônio Chequer), Chotaro Shimoya (ex-professor universitário), Maria Muanis, Rafael da Silva Araújo (grande fazendeiro da região e proprietário de partes das glebas em Nova Viçosa) e José Rocha Filho (ex-vereador e prefeito).

apagado nos tímidos monumentos, ruas, avenidas e espaços de convivência desse bairro.

A partir da imagem abaixo podemos perceber ainda como tal mito é construído ao notar a centralidade da figura de Chequer na foto, recebendo uma benção (Figura 22). Segundo seu biógrafo<sup>86</sup>, neste dia Chequer estava comovido ao concretizar seu sonho – a inauguração de Nova Viçosa, pois tinha recebido de Deus, através do Pe. Mendes, uma benção especial pela realização da *grande obra* em favor dos mais necessitados. Sobre esta ocasião seu biógrafo fez a seguinte observação:

Todos nós sabemos que, neste momento, o coração de Antônio Chequer bateu mais forte, pois ele estava feliz vendo a felicidade estampada na feição de cada um dos presentes. Nova Viçosa sempre foi a ‘menina de seus olhos’ e ele sempre teve *consciência dos benefícios que ele*, naquele momento, *prestava a um povo carente e sofrido* que necessitava de sua ajuda para, pelo menos, viver sob seu próprio teto. Calou profundamente no cidadão Antônio Chequer uma simples palavra de agradecimento: ‘Deus lhe pague’ (MELLO, 2000, p. 36, grifos nossos).

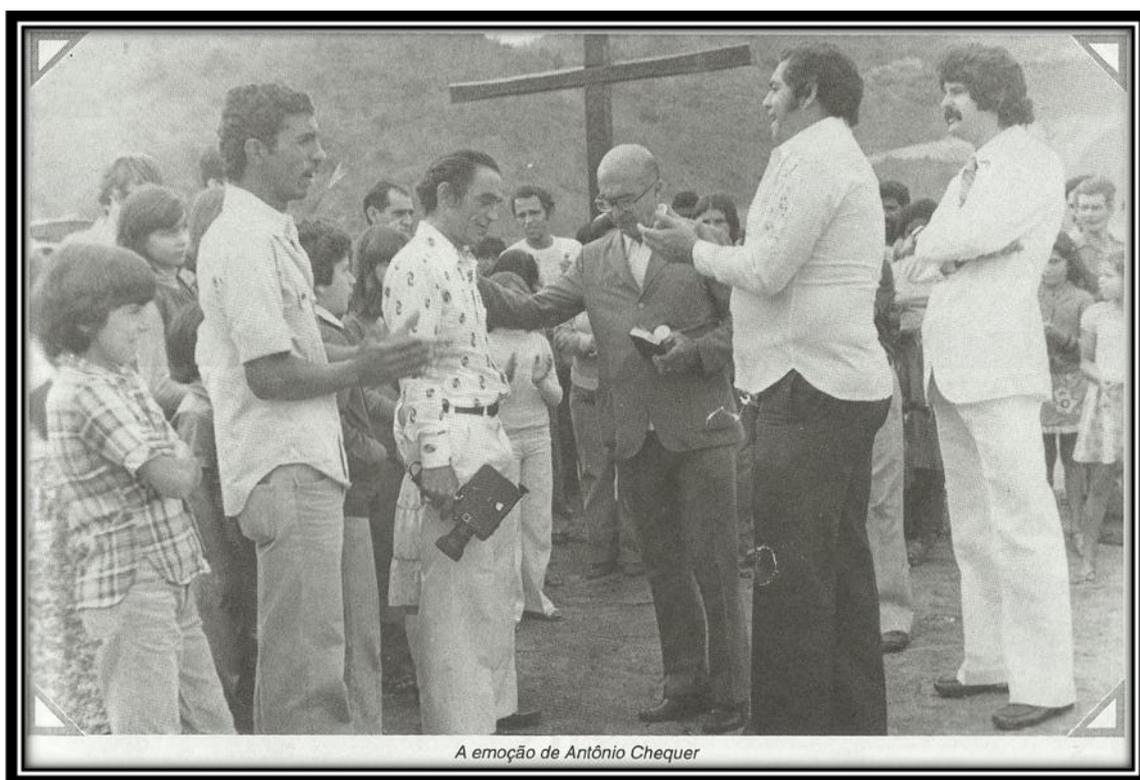


Figura 22. Antônio Chequer recebendo benção do Pe. Mendes. Fonte: Mello (2000).

<sup>86</sup> Antônio Oliveira de Mello, nascido em 1939, foi e é uma importante figura no processo de criação e perpetuação da imagem positiva de Antônio Chequer, já que foi responsável como redator e colunista social no jornal Folha da Mata (de maior circulação na cidade) em divulgar notícias e feitos sobre o prefeito e sua família desde a década de 1980. Além disso, foi responsável pelo registro fotográfico de vários eventos da qual participou a família Chequer e pela publicação de dois livros, onde se destacam vários episódios do prefeito.

Ao assinalar o espírito “generoso” de Antônio, o trecho acima nos permite compreender a moradia como uma dádiva ofertada por Chequer aos necessitados, ou seja, seu biógrafo transforma o direito habitacional, em uma dádiva que teria sido recebida através das mãos generosas de Chequer.

De acordo com os jornais locais ao longo de sua carreira Chequer recebeu quatro títulos honoríficos (Título de Figura Marcante de 1977, pela Casa da Amizade, Título do Labor Clube de Viçosa, Título de Sócio Honorário do Diretor Central dos Estudantes da UFV e o Título da Escola Agrícola Arthur Bernardes “Amigo da EAAB”) e quatro diplomas (Diploma de Figura Marcante pelo jornal Cidade de Viçosa, Diploma do SENAC, por participação em atividades, Diploma da Secretaria do Interior, pela participação do Encontro que debatia problemas dos municípios, Diploma de Reconhecimento da ACAR – Hoje EMATER), ofertados por diferentes grupos da cidade. Foi também (co) diretor e presidente de diversas entidades, tais como: Diretor Esportivo do Colégio Raul de Leoni, Diretor Social do Viçosa Atlético Clube, Presidente da Junta Militar de Viçosa, Diretor do Tiro de Guerra 04, 162, Fundador da Construtora Chequer, Fundador do Loteamento Nova Viçosa Ltda; Co-Diretor das Indústrias Reunidas Chequer e Filhos Ltda, Diretor da HidroMinas e Presidente da Loteria Mineira. Reforçando a imagem de um homem simples, um homem do povo e para o povo ele recebe também duas premiações: o Certificado de Reconhecimento como Homem Público em 1976 e o de Empresário Destaque de 1978. Seus feitos políticos (construção do Hospital São João Batista, do Cemitério Dom Viçoso, do Terminal Rodoviário da cidade, da criação da Fundação Assistencial Viçosense) também contribuíram para aumentar sua popularidade (JORNAL INTEGRAÇÃO, 1978).

No entanto, a exaltação positiva em torno de Chequer teve dois desdobramentos: o primeiro diz respeito à ampliação dos lucros obtidos por sua Construtora, mas que foram omitidos pela imprensa local; o segundo associa-se ao aumento de sua popularidade e, conseqüentemente, da confiança dos futuros moradores de Nova Viçosa<sup>87</sup>. Portanto, a associação de glória do personagem Chequer é oriunda do nascimento de Nova Viçosa e da criação de alguns bairros da cidade. Há que se destacar

---

<sup>87</sup>Como revelado por um representante da Construtora Chequer em depoimento concedido na década de 1980, este admitiu que a empresa teve lucro com a criação do bairro (ALVES, 2007). No entanto, esta informação sempre foi de certa forma omitida pela imprensa, que exaltava apenas o caráter de promotora do desenvolvimento da cidade.

que a conquista de seus futuros seguidores (leia-se: eleitores e aliados políticos) ocorreu graças ao poder simbólico exercido por este ator.

Ao discorrer sobre o poder simbólico, Bordieu (2012) nos alerta que ele é um poder de construção da realidade “[...] de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo” (p. 14). Trata-se de um poder invisível, que só se exerce se for reconhecido. A partir das colocações de Bordieu (op. cit.) consideramos que Chequer exerceu um poder material e simbólico na cidade por meio de seu “apetite territorial” (quando novas áreas foram incorporadas à malha urbana) e prestígio político. Este poder, validado pelas lideranças locais e reconhecido pela sociedade viçosense em diversos momentos, foi legitimado através das homenagens, títulos e prêmios dedicados a Chequer.

Ao analisarmos o nascimento deste bairro consideramos que se construiu uma narrativa de origem cujo intuito era resolver, ao nível simbólico e imaginário, as tensões, os conflitos e as contradições da realidade social vivida, ou seja, elaborou-se um mito de criação de Nova Viçosa<sup>88</sup>. A construção deste mito ocorreu no momento de crescimento da cidade e de luta pela habitação, isto é, tal mito foi estrategicamente elaborado pelas lideranças locais para omitir o principal problema da cidade - a falta de acesso à terra urbana. Portanto, a questão do direito à moradia, este “fundo invisível” e tenso vivenciado pelos viçosenses, foi transformada a partir da doação de alguns terrenos para os migrantes, na solução imaginária para o conflito fundiário.

Portanto, a história de Nova Viçosa revela a construção de um espaço à parte, segregado, fora da cidade, que de tão naturalizado, parece não fazer parte da própria história da forma da cidade de Viçosa. Enxergada como tal, a história de formação do bairro, parece não fazer parte de um jogo social que definiu projetos e práticas de exclusão e segregação dos pobres.

Por outro lado, a construção da história do personagem Antônio Chequer deve-se, em grande medida, ao nascimento desse bairro. Um nascimento que foi ritualizado através de várias cerimônias, e propagandeado intensamente pela imprensa durante os anos que antecederam e sucederam a sua criação.

---

<sup>88</sup>Como discute Chauí (2003) o mito nas sociedades modernas marca uma ruptura do pensamento filosófico tradicional. Ele é, via de regra, um sistema explicativo criado na maioria das culturas para oferecer uma chave de compreensão e origem, assim como justificar os diversos aspectos e tensões existentes na sociedade. O mito como uma solução imaginária cria uma outra realidade constituindo-se de certa forma em um mecanismo para conservar a sociedade e evitar a sua desagregação.

Joseph Rykwert (2006) assinala que os ritos de fundação de uma cidade são uma chave para se compreender os diferentes aspectos que caracterizam as formas de cultura que nela se desenvolvem. Entendemos, assim, que o espetáculo público que marcou o nascimento de Nova Viçosa, comparável com os rituais de fundação de uma outra cidade, serviu para criar uma realidade imaginária que glorificou um herói fundador – Antônio Chequer. A perpetuação da imagem original, no entanto, foi obra das elites locais, cada vez mais preocupadas em ampliar seus lucros com a venda e aluguel de terrenos.

Após analisar a ritualização do nascimento de Nova Viçosa e o fortalecimento da imagem de Antônio Chequer como benfeitor, iremos nos deter na próxima seção em analisar a origem dos migrantes, a trajetória percorrida por estas pessoas até o bairro, bem como os motivos para seus deslocamentos.

### **3.2 As esperanças: o percurso dos migrantes em direção ao bairro**

“Nas asas do sonho partem os migrantes, aos milhares e milhões põem-se em marcha; das terras do desemprego e da fome rumam em direção às terras do trabalho e do pão; rompem leis, fronteiras e obstáculos, fortes e frágeis na luta pela vida.”

(Pe. Alfredo J. Gonçalves).

Ao analisar a trajetória dos migrantes no Rio de Janeiro, Perlam (1977) destaca que é necessário compreender a (super) urbanização, bem como suas controvérsias e relacioná-las as causas da migração e as características dos migrantes. A autora aponta três questionamentos associados ao deslocamento migratório em direção à cidade: quem emigra, por quê emigra e como o faz. A partir destas indagações conduziremos nossas análises para compreender a vinda e instalação dos migrantes em Nova Viçosa.

A tomada de conhecimento da existência do loteamento foi, segundo entrevistas: a) por meio de parentes que já moravam no lugar ou nas proximidades – como foi o caso das pessoas que residiam na Rua Conceição, nas comunidades de Coelhas e Posses e no bairro Santa Clara; b) através de conhecidos na cidade e c) visitas ao lugar quando Antônio Chequer, ainda estava abrindo os primeiros lotes de terra<sup>89</sup>.

---

<sup>89</sup>Os entrevistados também relataram um anúncio exibido no rádio sobre o loteamento. Explicamos e analisamos esta propaganda no capítulo II.

Houve caso de migrante que soube do bairro por intermédio da propaganda em jornal feita pelo ex-prefeito José Américo Garcia, que governou a cidade entre 1983-1988. Um episódio, no entanto, marcou a instalação dos imigrantes na cidade: no ano de 1986, Viçosa sofreu com as fortes chuvas que atingiu vários pontos da cidade<sup>90</sup> e deixou 400 desabrigados (TRIBUNA LIVRE, 1986, p. 6). As pessoas atingidas foram destinadas aos abrigos improvisados em escolas, como foi o caso do Colégio Viçosa. Ainda em 1986, no mês de julho, a Prefeitura tentando abrigar alguns dos atingidos iniciou a construção de casas populares para os flagelados em lotes desapropriados em Nova Viçosa (FOLHA DA MATA, 1986a, s/p).

Nas entrevistas constatou-se que a maior parte dos migrantes que se deslocou para Nova Viçosa e Posses era oriunda da própria cidade de Viçosa e, em menor parte, das áreas rurais das pequenas cidades localizadas na sua microrregião<sup>91</sup>.

**Tabela 8. Lugar de origem dos migrantes**

Lugar de origem	Número absoluto e relativo
	Nova Viçosa e Posses (%)
Microrregião de Viçosa	25 (27,0)
Viçosa	49 (53,0)
Zona da Mata	1 (1,0)
Outros	16 (17,0)
Não soube responder	2 (2,0)
<b>Total</b>	<b>93 (100,00)</b>

Fonte: entrevistas realizadas nos bairros Amoras e Nova Viçosa e Posses

Acervo da pesquisa: Formação de periferias urbanas em Viçosa (MG): os casos de Nova Viçosa e Amoras (1970-1980).

Elaborada por Dayana Debossan Coelho (2012).

Identificamos que os bairros de origem dos migrantes foram: Airões, Amoras, Barrinha, Betânia, Bom Jesus, Centro, Coelhas, Estrelas, Fátima, Morro do Café<sup>92</sup>, Nova Era, Paraíso, Posses, Santa Clara, Santo Antônio, Sagrada Família e São José do

<sup>90</sup>A exemplo dos bairros Bom Jesus, Nova Era, Santo Antônio, Vale do Sol, das ruas D. Gertrudes, Milton Bandeira, Sant'Ana e das proximidades do Campo do Atlético e da Rodoviária.

<sup>91</sup>A microrregião de Viçosa compreende os municípios de Alto Rio Doce, Amparo da Serra, Araponga, Brás Pires, Cajuri, Canaã, Cipotânea, Coimbra, Ervália, Lamim, Paula Cândido, Pedra do Anta, Piranga, Porto Firme, Presidente Bernardes, Rio Espera, São Miguel do Anta, Senhora de Oliveira, Teixeiras e Viçosa.

<sup>92</sup>O Morro do Café é o atual bairro União.

Laranjal<sup>93</sup>. Dos municípios da microrregião apareceram: Araponga, Cajuri, Canaã, Coimbra, Paula Cândido, Pedra do Anta, Porto Firme, Presidente Bernardes e Teixeira. Na Zona da Mata, apareceu o município de Ponte Nova.

Na classe outros, detectamos as seguintes cidades: Belo Horizonte (MG), Guaraciaba (MG), Jequeri (MG), Ouro Preto (MG), Piúma (ES), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), São Geraldo (MG) e Varginha (MG).

Os entrevistados expressaram outras duas causas para seus movimentos migratórios: troca de terrenos entre conhecidos – como foram os casos de dois lotes, um localizado no Morro do Café e outro na Rua das Estrelas, ambos trocados por lotes em Nova Viçosa – e aquisição de lotes através de herança de familiares e antigos patrões.

As expectativas dos migrantes quando saíram da zona rural para se estabelecer em Nova Viçosa se vinculam ao desejo de livrar-se do aluguel, ao sonho de adquirir a casa própria, a esperança de melhorar a qualidade de vida – para eles: saúde e educação – ao anseio de conseguir emprego com carteira assinada, ao acesso a serviços urbanos, à luta pela sobrevivência e ao anseio de ser feliz.

O argumento básico dos migrantes de cidades pequenas, e de suas áreas rurais, foi residir numa cidade com mais infraestrutura hospitalar, educacional e empregatícia.

As entrevistas realizadas revelaram, ainda, os principais motivos dos deslocamentos em direção à Nova Viçosa e Posses: empobrecimento do campo, falta de emprego, problema de acesso a terra e, em menor parte, os motivos pessoais<sup>94</sup>. A principal razão expressa pelos migrantes que vieram de cidades grandes (que foi o menor grupo de moradores) foi morar em uma cidade mais tranquila e, conseqüentemente, menos violenta.

Notamos que o preço dos terrenos foi o que mais impulsionou a mobilidade dos migrantes. Este aspecto é referendado na análise de Valladares (1980) quando coloca que a periferia simboliza uma solução orçamentária, uma vez que, é a possibilidade mais viável economicamente para as camadas de baixa renda. Além disso, a autora reforça que morar na periferia, de certa forma, proporciona o acesso a serviços que completam a renda familiar – o que pode ser depreendido através da sua proximidade em relação aos bairros habitados pelas classes média e alta. Esse, no entanto, não foi o

---

<sup>93</sup>Houve casos em que os entrevistados eram do próprio de Nova Viçosa, uma vez que, nasceram no bairro.

<sup>94</sup>Dentre os motivos pessoais apareceram: busca por um lugar mais sossegado, casamento, conflitos familiares, divórcio, possibilidade de ficar perto da família e amigos, sair da casa dos pais, solidão na roça, pagamento de dívidas, possibilidade de trabalhar em empreiteira e viuvez.

caso de Nova Viçosa, onde o acesso aos bens e serviços não foi garantido devido ao total isolamento do bairro à cidade.

Mas afinal quem eram estas pessoas? Com base nas entrevistas e observações de campo, podemos aferir que se trata de migrantes que tiveram pouco acesso à educação (Figura 23), já que uma parcela significativa possui o ensino fundamental incompleto (68%) e outra nem mesmo era alfabetizada (16%). Esta questão pode ser entendida através dos papéis que homens e mulheres exerciam no campo, eles trabalhavam na lavoura enquanto elas, além de cuidar das crianças e da casa auxiliavam também no tratamento das culturas. Quando se mudaram para a cidade, alguns migrantes continuaram a exercer as profissões de origem, enquanto outros passaram a exercer outras profissões mais valorizadas socialmente voltando, alguns a estudar ou mesmo iniciando os estudos.

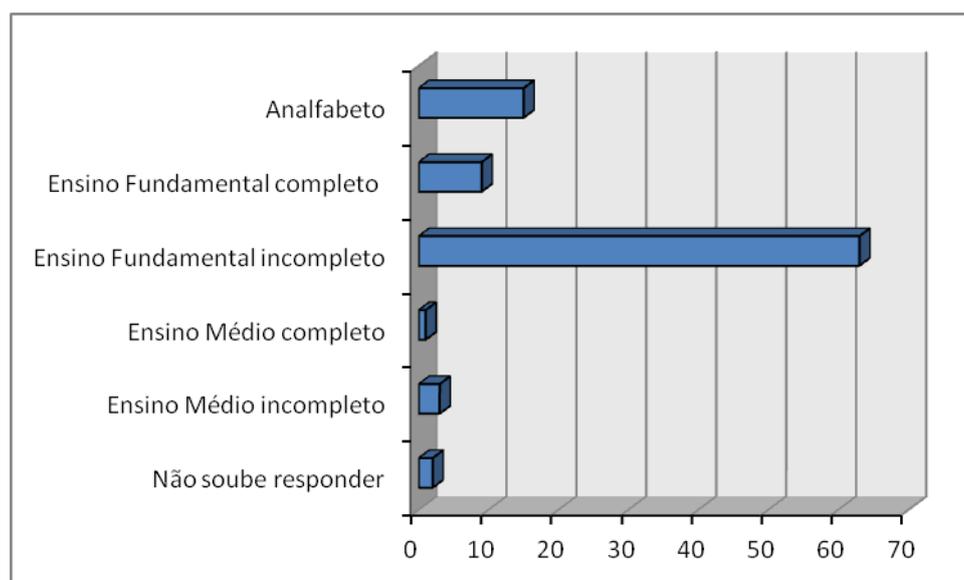


Figura 23. Aspecto educacional de Nova Viçosa e Posses.  
 Fonte: entrevistas realizadas no bairro Nova Viçosa e Posses.  
 Elaborada por Dayana Debossan Coelho (2012).

Com relação à profissão dos moradores do bairro, verificamos que se trata de ocupações com baixas remunerações (Figura 24). Um pouco mais de um quarto dos entrevistados é aposentado, exatamente um quarto estão incluídos na categoria outros<sup>95</sup>. As demais parcelas da população distribuem-se nas seguintes profissões: em pedreiro, seguido de funcionário público, lavrador, servente, doméstica e pensionista. Também

<sup>95</sup>Nesta classe estão as profissões menos encontradas: ajudante de caminhão, agricultor, agente de saúde, babá, borracheiro, diarista, comerciante, porteiro, prestador de serviços gerais, operador de telemarketing, serralheiro.

detectamos alguns casos de desemprego no bairro, como alguns dos entrevistados que declararam estar fora do mercado de trabalho formal, e mencionaram que para driblar esta dificuldade costumam realizar “bicos”.

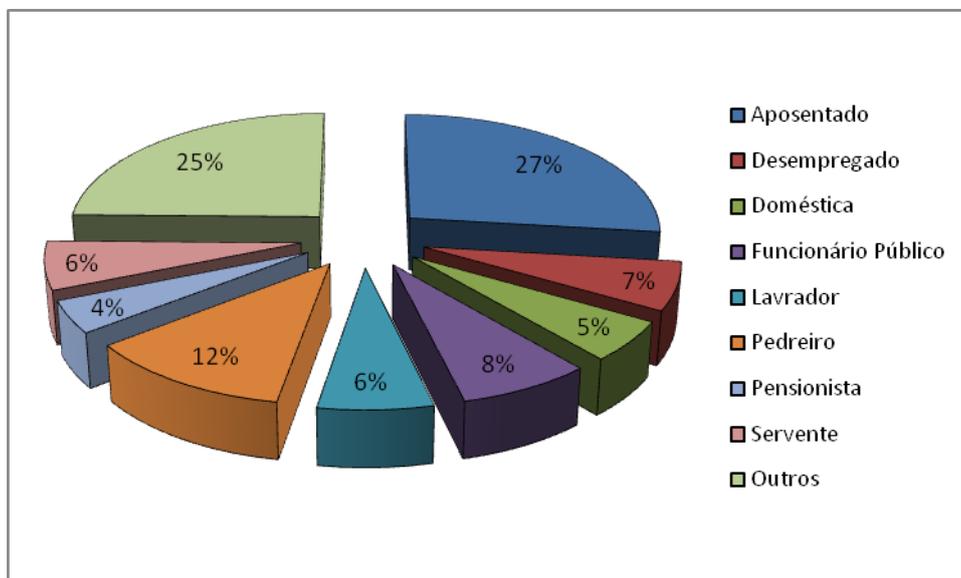


Figura 24. Profissões dos entrevistados.

Fonte: entrevistas realizadas no bairro Nova Viçosa e Posses.  
Elaborada por Dayana Debossan Coelho (2012).

Observamos que os dados coletados (escolaridade e profissão) nas entrevistas (e que fazem referência às pessoas que compraram e as que foram agraciadas com lote) dialogam com os colhidos (renda declarada, profissão e número de filhos) na ficha das pessoas que receberam ou compraram lotes no Escritório do Loteamento Ltda. A partir da intersecção destes dados notamos que na composição do bairro estiveram presentes migrantes com pouca escolaridade, o que acarretou na ocupação de profissões, cuja remuneração era baixa, e com elevado número de filhos. Portanto, estas informações nos indicam que se tratava de pessoas pobres economicamente e com baixa escolaridade.

Após identificarmos os deslocamentos dos migrantes e a caracterização socioeconômica dos mesmos, veremos no próximo tópico como estes migrantes chegaram à Nova Viçosa e quais foram às condições infraestruturais encontradas no bairro.

### 3.2.1 – Do Patrimônio dos Cabritos à Nova Viçosa

“Lata d'água na cabeça  
Lá vai Maria  
Lá vai Maria  
Sobe o morro e não se cansa  
Pela mão leva a criança  
Lá vai Maria”

A marchinha de carnaval de Joaquim Antonio Candeias Junior, *Lata D'Água* mostra-se oportuna para ilustrar os anos iniciais do bairro e dos seus moradores, pois representa a realidade de muitas periferias brasileiras, inclusive a que analisamos. Representa a vida de luta e o sofrimento dos moradores que não aparecem ilustrados na mídia local<sup>96</sup>, nem as estratégias visando contornar a situação de precariedade.

A partir desta elucidação, apresentaremos os primeiros tempos vivenciados pelos moradores no bairro Nova Viçosa. Com uma promessa de casa própria idealizada por Chequer, os migrantes ao chegar à Nova Viçosa se depararam com uma paisagem diferente daquela imaginada por eles. Explica-se: os migrantes esperavam encontrar um bairro popular e com infraestrutura, entretanto o que existia era um local onde a paisagem rural era marcada, ainda, pela existência de cultivos da antiga Fazenda Coelhas. De acordo com os relatos dos moradores, assim que chegaram existiam no bairro lavouras de café, milho, feijão e pasto e as estradas eram de terra e as pessoas para se deslocarem trilhavam o caminho que o gado fazia<sup>97</sup>. Existiam ainda criações onde, por exemplo, cabritos e cavalos ficavam soltos. Devido ao elevado número de cabritos, o bairro era inicialmente chamado de “Patrimônio dos Cabritos”.

Não havia, portanto, infraestrutura legal capaz de absorver os novos moradores. Faltavam vias de acesso e as existentes não possuíam pavimentação, não estavam instalados os serviços de energia elétrica, água tratada e esgoto como fora prometido pela Construtora Chequer. É importante frisar que a Construtora ao anunciar a venda de lotes nos bairros João Braz e Santa Clara em 1976 afirmou que era a única empresa que entregava lotes com luz, água, calçamento e esgoto (JORNAL INTEGRAÇÃO, 1976). Contudo, em Nova Viçosa a alocação de infraestrutura não ocorreu de fato, ou seja, os migrantes foram atraídos por uma falsa promessa de casa própria.

Devido ao desemprego dos migrantes (sobretudo daqueles que vieram da microrregião de Viçosa) e aos baixos salários (daqueles que estavam empregados), as

<sup>96</sup>As representações sobre as periferias viçosenses estiveram associadas a imagens de “desordem”, de precariedade, de sítio para onde deveria se direcionar o pobre.

<sup>97</sup> Os entrevistados declararam que no lugar ainda havia muito mato (alecrim e capoeira).

primeiras casas foram construídas a pau-a-pique e sapê (Figura 25)<sup>98</sup>. Neste momento, poucas ruas haviam sido abertas. Enquanto não conseguiram emprego formal, os moradores faziam “bicos” para se sustentar e sustentar a sua família<sup>99</sup>. Os principais biscates eram: lavrador (a), faxineira, jardineiro, servente de obras, porteiro, carpinteiro, lavadeira, pedreiro, catador de papelão e latas, revendedora de cosméticos, cozinheiro, diarista e manicure. Outras fontes de renda obtidas pelos moradores eram os auxílios efetuados pelo centro de caridade espírita Camilo Chaves (doação de cesta básica), pela ajuda de familiares e do ex-prefeito César Sant'Anna Filho. No caso dos lavradores rurais, era comum eles trazerem alimentos do lugar onde trabalhavam.

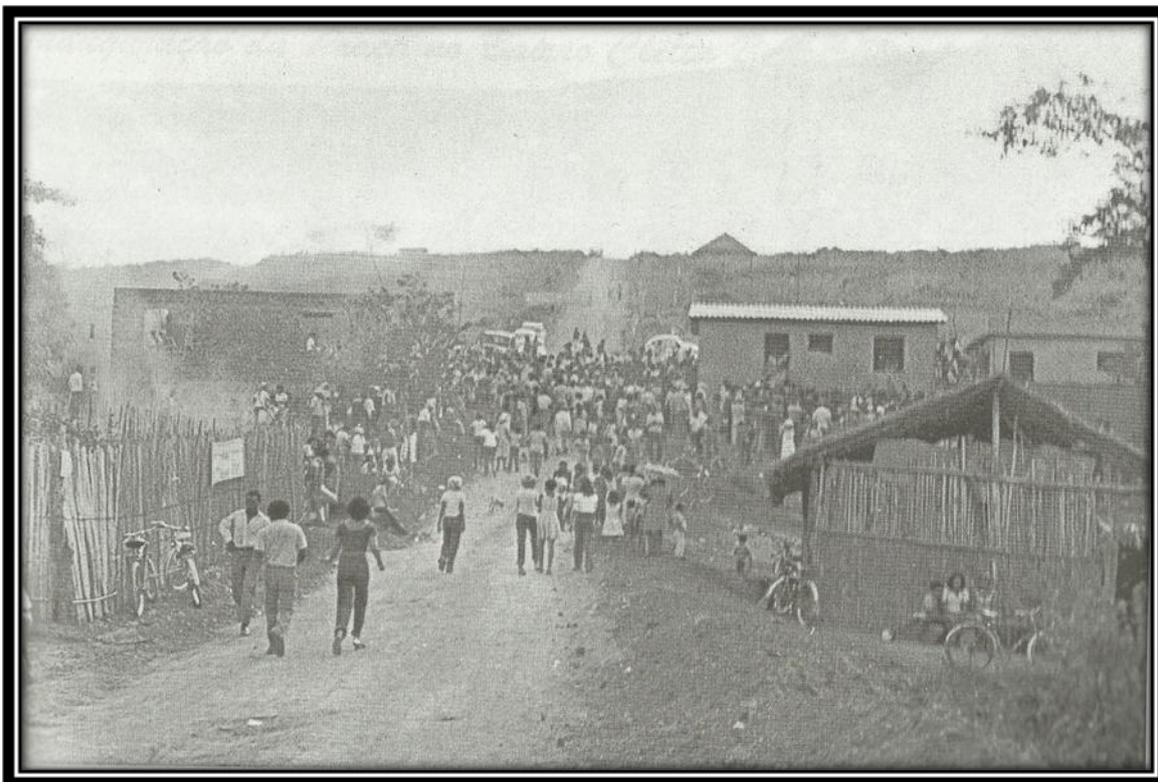


Figura 25. Primeiras casas. Fonte: Mello (2000).

A espera dos moradores por infraestrutura legal foi árdua e longa, no entanto, enquanto eles a aguardavam desenvolveram estratégias para contornar os problemas que assolavam o bairro e, particularmente, suas vidas. As entrevistas revelaram a forma como os moradores enfrentaram os problemas de falta de água encanada, ausência de transporte, energia elétrica e coleta de lixo. Revelaram também que muitos utilizavam lamparina, velas, lampião e ferro a brasa, enquanto o fornecimento de luz elétrica não existia no bairro, e para contornar o problema com o lixo este era queimado, enterrado

<sup>98</sup> Em um dos relatos, uma moradora contou as suas dificuldades iniciais: “Eu esperava sobreviver e agasalhar meus meninos no barraco”.

<sup>99</sup> As mulheres do lar eram sustentadas pela renda de seus maridos (chefes de família).

ou jogado na capoeira. Alguns moradores utilizavam fossas sépticas e os que moravam em casas de pau-a-pique não possuíam sequer banheiro, sendo utilizado o fundo das casas para atender as suas necessidades.

No caso da falta de água, os moradores recorriam a minas existentes em diversos lugares, como em Posses, Santa Clara e nas ruas Cirilo da Paixão, Chotaro Shimoya e Maria Janotti da Silva Reis - estas últimas no próprio bairro<sup>100</sup>. Muitos entrevistados revelaram que tais distâncias eram muito cansativas e ainda existiam grandes dificuldades para se ter acesso à água. Estas dificuldades engendravam um conjunto de práticas, tais como: primeiro o morador saía da sua casa de madrugada para conseguir pleitear um lugar na fila, depois tinha que aguardar o tempo que fosse até chegar a sua vez e, após tudo isso, tentar não derrubar a lata d'água, porque senão tinha que retornar ao final da fila. Outra estratégia menos difícil, porém não menos constrangedora, era apelar para os vizinhos que possuíam cisternas em suas casas, e até para a Igreja Católica do bairro.

O mapa abaixo nos dá uma ideia dos percursos feitos pelos moradores de sua residência até a mina para conseguir água (Figura 26). É importante deixar claro que não foram representados todos os trajetos, pois além dos recursos gráficos serem limitados, trata-se de uma análise combinatória em que as possibilidades de acesso à mina são múltiplas<sup>101</sup>. Em função disso, optamos por apresentar os percursos que possuíam a maior distância, a distância média e a menor distância. Além disso, escolhemos representar apenas a mina localizada na rua Chotaro Shimoya, já que não sabíamos a precisão das demais (situadas nas ruas Cirilo da Paixão e Maria Janotti da Silva Reis e na comunidade de Posses). No mapa está presente o relato de experiência de alguns moradores<sup>102</sup>.

---

<sup>100</sup> No caso da mina situada no bairro Santa Clara, a distância aproximada a ser percorrida pelos moradores para ter acesso à mesma era de 4,2 km (ida e volta).

<sup>101</sup> A escolha da rua onde irão caminhar depende fatores psicológicos, físicos, etc.

<sup>102</sup> Os nomes presentes no mapa são fictícios, uma vez que optamos por preservar a identidade dos entrevistados.

Figura 26. Trajeto diário percorrido pelos moradores para obtenção de água (1978-1992).

A bica perto do Ermínio (atualmente proprietário de uma “vendinha” no bairro) faz referência a mina localizada na rua Chotaro Shimoya. O percurso da mina até a residência do morador era custoso, pois além dos grandes deslocamentos, a precariedade das estradas que existiam dificultavam o trajeto. Considerando que esta água era utilizada para diversos fins (lavar roupa, lavar vasilhas, cozinhar, higiene pessoal etc.), o número de vezes percorrido pelos moradores para obter água era bem expressivo e é claro, extremamente doloroso. Os conflitos também estavam presentes e por isso, pode ser compreendida a construção de regras de convivência (fila) para resolver as possíveis disputas pela água, sobretudo devido a pouca quantidade de água que os moradores conseguiam pegar com baldes e bacias.

Em um caso relatado nas entrevistas, um morador nos contou: “[...] tirava água da terra que nem índio”. Neste depoimento notamos o constrangimento vivenciado pelo habitante do bairro, para obter a água.

Outra dificuldade enfrentada foi o deslocamento até o centro da cidade, onde estavam localizados os serviços básicos (escola, hospital, bancos, etc.) e o local de trabalho. Nos primeiros dez anos não existia linha de ônibus que atendesse o bairro, e em função disso, os deslocamentos eram realizados a pé, a cavalo ou de bicicleta. Do bairro ao centro da cidade são quatro quilômetros (km) de distância, os moradores andavam por dia cerca de oito km, que eram às vezes acrescidos dos trajetos para obtenção de água. Estima-se que diariamente eles percorriam cerca de dez quilômetros.

Em um caso relatado, o morador de Nova Viçosa ia até o emprego, que se localizava em Coimbra, de bicicleta. Ou seja, ele pedalava diariamente 45 km e 200 metros de casa para o trabalho.

Vale ressaltar que Nova Viçosa foi um bairro onde, não havia nome de rua e muito menos numeração. Em função disso, da inexistência de calçamento e da distância, os mercados da cidade não entregavam compras no local. Os moradores em entrevista foram categóricos ao afirmar que tinham que carregar as compras do mês, botijão de gás e materiais de construção de bicicleta ou nos ombros até o bairro. Devido a esta questão o peso das mercadorias acrescido da dificuldade de deslocamento nas ruas, sobretudo no período chuvoso, aumentava ainda mais a dificuldade de acesso destes moradores aos principais serviços e bens.

Isolados fisicamente da cidade devido à precariedade das vias e da inexistência de serviço de transporte, durante dez anos o bairro ficou desconectado social e espacialmente dos demais lugares da cidade. Além disso, os moradores também

estavam impossibilitados de se comunicar com as pessoas da cidade e da região, pois no bairro não havia nenhum telefone público e nem um posto de correio.

Após dez anos de luta, os moradores passaram a contar com o serviço de transporte coletivo e, mesmo assim, a linha não foi estendida até o centro do bairro, fazendo ponto final no alto de Nova Viçosa (próximo à entrada de acesso ao bairro). No entanto, os horários de ônibus diurnos eram restritos e a noite não funcionavam, ou seja, o problema de circulação e acesso continuaram.

O mapa a seguir ilustra a localização do ponto de ônibus e as distâncias percorridas pelos moradores para ter acesso a transporte. Mostra também alguns depoimentos dos moradores a respeito desta questão do transporte público (Figura 27)<sup>103</sup>.

Caber ressaltar que somente depois de 2004 que o trecho que liga a rua Conceição ao centro do bairro é que o ônibus passou a ir com regularidade a Nova Viçosa<sup>104</sup>.

---

<sup>103</sup>É importante deixar claro que não foram representados todos os trajetos, pois além dos recursos gráficos serem limitados, trata-se de uma análise combinatória em que as possibilidades de acesso ao ponto de ônibus são múltiplas. Em função disso, optamos por apresentar os percursos que possuíam a maior distância, a distância média e a menor distância.

<sup>104</sup>O asfaltamento ocorreu na gestão de Fernando Sant'Ana (2001-2004).

Figura 27. Trajeto diário percorrido pelos moradores até o ponto de ônibus

Portanto, queremos ressaltar que a paisagem de precariedade marcou os anos iniciais de Nova Viçosa. Uma paisagem que revela o processo de seletividade espacial do Estado, e em particular da Construtora Chequer, que priorizou a instalação de serviços urbanos no o centro da cidade, onde a lucratividade dos terrenos era garantia de retenção do capital. Assim foi essas áreas que o Estado direcionou seus investimentos, retroalimentando a valorização deste espaço em detrimento de outros.

No próximo bloco iremos nos deter nas questões de infraestrutura do bairro e nas esperas vivenciadas pelos moradores até que os serviços básicos fossem implantados. Esta análise compreenderá desde os primeiros anos até mais recentemente. Também refletiremos o que significou o tempo de espera para os “homens lentos” de Nova Viçosa e para Chequer.

### 3.2.2 – As questões de infraestrutura e as esperas

“A periferia se cansou de esperar a oportunidade que nunca chegava, e que viria de fora, do centro” (Hermano Vianna).

Como vimos, mesmo após a instalação dos migrantes demorou anos até que a infraestrutura chegasse ao bairro. Somente após seis anos de criação, Nova Viçosa recebe um estabelecimento de ensino voltado ao curso primário. A primeira intervenção da administração pública no bairro ocorreu em 1984, quando a Prefeitura Municipal de Viçosa - na gestão do prefeito Américo Garcia - inicia a construção do Grupo Escolar e Centro Comunitário (anexo ao futuro grupo). Em 1985 a obra foi concluída e recebeu o nome de Escola Municipal Padre Francisco José da Silva<sup>105</sup>. Após quatorze anos, há abertura da 5ª e 6ª série na escola do bairro.

Na mesma época (1984) a Prefeitura adquire uma pedreira nos arredores do bairro com o intuito de calçar as ruas da cidade e da própria região. De acordo com a PMV, diversas ruas de Nova Viçosa estavam inscritas no sistema de mutirão e seus moradores aguardavam a chegada das pedras para dar início às atividades de construção (FOLHA DA MATA, 1984). Tratava-se de uma estratégia do poder municipal para baratear os custos das obras públicas através da força de trabalho dos moradores, já que o calçamento era de responsabilidade da prefeitura.

---

<sup>105</sup>Segundo o redator do jornal Folha da Mata (1984d), tal nome foi uma homenagem aos benfeitores comunitários Anita Nasser Chequer (*in memoriam*) - mãe de Antônio Chequer - Paulo Saraiva, Jesus Dias Damasceno e Vicente Augusto Rocha.

A falta de água e a ausência de pavimentação das ruas eram problemas que assolavam Nova Viçosa em 1989, ou seja, após onze anos de sua inauguração. Uma moradora do bairro relatou neste ano junto à Folha da Mata (1989a) que era necessário percorrer grandes distâncias para lavar suas roupas e encher as vasilhas e buscar água para fins domésticos. O bairro, neste ano, também não contava com os serviços de esgoto e limpeza pública.

Em 1989 um telefone público foi inaugurado em Nova Viçosa, fruto das reivindicações da Associação de Moradores. Inaugurado durante a gestão de Antônio Chequer, segundo o jornalista, o “orelhão” era uma conquista da comunidade, que desde seu nascimento - onze anos - não contava com nenhum tipo de comunicação telefônica (FOLHA DA MATA, 1989b).

Em 1990, em matéria do jornal Folha da Mata consta a reclamação dos moradores do bairro quanto à taxa de limpeza de pública que estava presente em suas contas de água. Dizia à matéria que apesar de tal taxa compor a conta de água, os moradores não usufruíam deste serviço, pois a limpeza pública ficava a cargo da própria população de Nova Viçosa. Endossando ainda mais a crítica ao poder público municipal, um dos moradores relatou manifestava sua insatisfação, dizendo o seguinte: “só porque o morador paga a taxa de água, tem de pagar também a limpeza pública, mesmo sem contar com ela?”, desabafa ele (s/p).

Em 1991, o jornal Folha da Mata assinalou, em uma de suas matérias, a inexistência de esgoto sanitário no bairro. Tal aspecto era alvo de preocupação da comunidade, pois algumas fossas higiênicas existentes se encontravam saturadas. A Associação de Moradores em denúncia ao jornal colocou a gravidade do problema, dizendo que uma das fossas tinha extravasado na rua e que por estarem próximas ao Grupo Escolar, constituía séria ameaça à saúde dos menores que frequentavam a escola<sup>106</sup>.

O primeiro registro de reivindicação dos moradores por um Posto de Correio aconteceu em 1995 através dos jornais Folha da Mata e Tribuna Livre<sup>107</sup>. Durante três

---

<sup>106</sup>Ainda em 1992, Nova Viçosa e Posses continuavam sem rede de esgoto e limpeza pública. Outra denúncia da Associação de Moradores dizia que o esgoto estava escorrendo a céu aberto pelas ruas, colocando a população, sobretudo, infantil em perigo. Segundo o presidente da Associação, as condições de saúde estavam cada vez mais precárias, porque além da deficiência do serviço de esgoto, o de limpeza também não atendia o bairro, aumentando, assim, o risco de se contrair doenças (FOLHA DA MATA, 1992a).

<sup>107</sup>Neste ano duas reportagens assinalam esta questão: “Vereador quer posto de Correio para Nova Viçosa” (Jornal Folha da Mata, 1995) e “Moradores de Nova Viçosa reivindicam Posto de Correios” (Jornal Tribuna Livre, 1995).

anos, revela as matérias de jornais que a Associação de Moradores lutou junto à administração municipal para resolver o problema. Em 1998 uma matéria no jornal Tribuna Livre dizia: “Nova Viçosa *já* tem Correios” (grifo nosso), assinalando a conquista. O que não está dito é que o atendimento desse serviço no bairro ocorreu de forma lenta, ou seja, na verdade sabemos que somente depois de vinte anos é que uma agência de Correio foi instalada no local<sup>108</sup>.

Após vinte dois anos de existência, é que uma praça foi inaugurada no bairro. A nomeação de tal espaço resultou de um projeto de Lei (023/2000) encaminhado à Câmara Municipal. Nele os vereadores Raimundo Cardoso, João Medina e Antônio Cunha expunham à justificativa para batizar o nome da praça de Antônio Chequer:

O ex-prefeito Antônio Chequer foi idealizador do Bairro Nova Viçosa, já que o terreno lhe pertencia. Com o seu coração sempre voltado para *o auxílio aos mais necessitados* resolveu fazer um loteamento naquele local, vendendo lotes de forma que *as pessoas carentes* pudessem comprar. E assim surgiu o bairro. As pessoas que ali residem sempre veneraram o homem Antônio Chequer, a quem devotavam grande admiração. Nada mais justo prestar esta homenagem ao ex-prefeito, denominando uma praça em seu antigo domínio (In: PROJETO DE LEI, 023/2000, grifos nossos).

Como registrado na décima quinta reunião ordinária da Câmara Municipal de Viçosa-MG (requerimento 009/2000), o Projeto de Lei foi aprovado no dia 30 de maio, com sete votos a favor, cinco contra e dois em branco, sendo nomeada, através da Lei 1.384/2000, a Praça Antônio Chequer.

Nota-se na argumentação acima, a exaltação positiva do personagem Chequer, que é representado como um empresário protetor dos interesses das classes populares – aquele que se tornou o responsável pela construção da maior e mais importante obra para os pobres da cidade. A perspectiva colocada pelos vereadores, de uma certa maneira, se apresenta como um único parâmetro para se compreender a história de Nova Viçosa e para julgar o que passou a ser verdade em relação a esse bairro.

No entanto, esta glorificação em torno de Antônio Chequer omite a luta dos moradores durante vinte anos por, entre outros aspectos, conquistarem um espaço de lazer no bairro. Portanto, a invisibilidade dos sujeitos sociais, o silêncio histórico sobre como transcorria o cotidiano dos moradores no passado e no presente e a desvalorização de suas histórias, fundiram a história do bairro, na própria trajetória de Antônio

---

<sup>108</sup>A instauração da agência de Correio se deu graças ao convênio estabelecido entre a Empresa Brasileiro de Correio e Telégrafos e a Prefeitura Municipal durante a gestão de Fernando Sant’Ana (TRIBUNA LIVRE, 1998).

Chequer. Esse processo, como sabemos acaba por reafirmar uma só memória no bairro: a memória de Antônio Chequer.

Os problemas enfrentados pelos moradores não se restringem apenas aos primeiros anos de criação do bairro. Na atualidade, os entrevistados declararam que ainda encaram muitas dificuldades, dentre elas estão: a falta de áreas de lazer, a ausência de calçamento e asfalto em algumas ruas e de rede pluvial<sup>109</sup>. Os moradores também incluíram em seus protestos a instalação de lotérica, farmácia, creche, cemitério, iluminação pública em algumas ruas e até mesmo fornecimento de energia elétrica nas partes mais altas do bairro. A insegurança foi um aspecto bastante salientado, em função disso os entrevistados solicitam um posto policial às autoridades públicas.

Sobre esta questão, o jornal Folha da Mata (1990) registrou em sua edição nº. 1.100 a seguinte matéria: “Moradores de Nova Viçosa reivindicam Posto Policial no Bairro”. Em seu conteúdo os moradores argumentavam que o posto eliminaria a violência e instituiria a segurança em Nova Viçosa. A pouca assistência social dada ao bairro transpareceu nos depoimentos dos entrevistados, sendo o tráfico de drogas uma característica marcante. Assim, a insegurança foi o problema atual mais relatado pelos moradores, uma vez que desde a década de 1990 até hoje eles continuam lutando pela implantação da Unidade de Polícia.

Quanto ao aparato infraestrutural existente no bairro, os moradores relataram que têm dificuldades de acesso a Unidade de Saúde da Família de Nova Viçosa e Posses, pois existem poucos médicos e os horários de atendimento são restritos<sup>110</sup>. Acrescentaram, ainda, que em função do atendimento ocorrer apenas de segunda à sexta, os moradores se sentem prejudicados, pois passam a depender dos dois hospitais da cidade – São Sebastião e São João Batista – nos finais de semana e, às vezes, até nos dias de semana nos momentos em que não há médicos na Unidade. Também apontaram os poucos horários de atendimento do Correio existente no bairro.

O mapa abaixo discrimina a evolução da chegada dos equipamentos públicos em Nova Viçosa e Posses (Figura 28). Verifica-se que inicialmente só existia a Igreja Conceição (1978), em 1981 a Rebusca se instala na comunidade de Posses e até 1985,

---

<sup>109</sup>A Rua Cirilo da Paixão ainda é de terra batida. A Rua José Soares Silva não possui iluminação pública em toda sua extensão.

<sup>110</sup>Em 1992 uma moradora desabafou junto ao Folha da Mata dizendo que a população de Nova Viçosa e Posses enfrentavam problemas de acesso a Unidade de Saúde durante a semana, pois a mesma só funcionava meio período, de 07h00min as 13h00min horas (FOLHA DA MATA, 1992). Hoje a Unidade funciona em dois períodos, de manhã e à tarde, exceto sábados e domingos.

quando a Escola Municipal Padre Francisco José da Silva é inaugurada, a instituição é a única a fornecer serviços voltados à educação (aulas de reforço)<sup>111</sup>. A Associação Assistencial e Promocional da Pastoral da Oração de Viçosa (APOV) foi implantada no bairro em 1982 buscando dar suporte aos seguintes setores: alimentação, saúde, educação, formação integrada com Catequese, iniciação profissional, esporte e indústria caseira. Como vimos em 1998 uma agência de Correio chega à Nova Viçosa e em 2000 a Praça Antônio Chequer tem sua construção finalizada. Somente em 2007, estreia-se a Unidade de Saúde da Família.

---

<sup>111</sup>Tanto o terreno da Igreja quanto o da Escola foram doados por Maria da Conceição Silva Araújo, filha de Rafael da Silva Araújo.

Figura 28. Evolução da chegada de equipamentos urbanos em Nova Viçosa e Posses (1978-2000)

Como inexitem os serviços de lotérica, farmácia, mercados com grande variedade e preço acessível, os moradores de Nova Viçosa e Posses suprem suas necessidades (pagamento de contas, compra de remédios, de cesta básica e vestuário) no comércio localizado no centro da cidade<sup>112</sup>.

Outro problema atual diz respeito ao trajeto da lotação, muitas ruas ainda não contam com este serviço<sup>113</sup>, sobretudo as que se localizam nas partes mais elevadas do bairro. Acresce-se que quando há festas no centro da cidade, os horários são reduzidos. Nos dias da semana, apesar da variedade de horários, os ônibus encontram-se superlotados. A limpeza pública regular também esteve na pauta das reclamações dos entrevistados, assim como maiores oportunidades de emprego. Os moradores ainda relataram que até os dias atuais costuma faltar água nos fins de semana.

A falta de cobertura na quadra da Escola Municipal Pe. Francisco José da Silva e sua precariedade infraestrutural foram outros aspectos levantados pelos entrevistados. Além disso, tal escola atende somente até o quinto ano do ensino fundamental e, portanto para dar continuidade aos estudos, os alunos precisam se direcionar para as escolas dos bairros próximos ou até o centro da cidade.

Portanto, consideramos que memória dos pobres, que foi silenciada, descartada, desqualificada e, por conseguinte cada vez mais marginalizada, deve ser trazida à tona, pois ao recriar a sua história - dando visibilidade as práticas e ações no processo de construção desse bairro – abre-se um caminho para a disputa de outra memória local, memória essa que pode desconstruir os mecanismos de poder que reproduziam e reproduzem as injustiças na sociedade local.

Assim, colocando à luz a negligência do poder público que ficou apagada nas narrativas que buscavam apenas transmitir uma memória hegemônica, processo que ainda não terminou<sup>114</sup>. Pudemos perceber, a partir do relato dos moradores, como as

---

<sup>112</sup>Existem alguns mercadinhos em Nova Viçosa, entretanto, os preços quando comparados a área central da cidade são mais elevados.

<sup>113</sup>A exemplo das Ruas Nicolau Martino, Aziz Alexandre e Adilia Marques Parreira, bem como tantas outras que não estão aqui listadas.

<sup>114</sup>Mesmo após o falecimento de Chequer, as lideranças locais continuaram tentando inscrever a história deste personagem na memória dos viçosenses. Prova disso, foi o abaixo assinado reivindicando a Câmara de Vereadores que trocasse o nome da Avenida Marechal Castelo Branco por Avenida Prefeito Antônio Chequer, sob o argumento de que Chequer possuía um vínculo com o povo de Viçosa. Num movimento contrário, estavam os moradores que residiam na referida Avenida, eles também elaboraram um abaixo assinado protestando quanto à mudança de nome (CÂMARA MUNICIPAL DE VIÇOSA, 1998). Por fim, a tentativa dos políticos locais fracassou e a Avenida continuou com o nome do ex-presidente. Ainda em 1998, uma Indicação (063/98) dos vereadores Antônio Cunha, Joaquim Moreira e Wantuir Ferraz requeria a criação de um projeto de Lei modificando a denominação da atual Praça do Rosário para Praça Prefeito Antônio Chequer. No ano seguinte outro projeto de Lei (018/99) foi encaminhado à Câmara,

esperas por infraestruturas e, por conseguinte, por uma vida melhor podem também revelar uma outra versão da história desse bairro. Portanto, ao buscarmos rememorar a vida desses moradores, procuramos evidenciar as experiências dos sujeitos históricos do bairro. Acreditamos que isso poderá colaborar para dar maior visibilidade e auditibilidade às experiências sociais vivenciadas nesta periferia. E também, passo a passo, colaborar para a conquista dos direitos sociais de seus moradores, do seu direito à cidade.

Observamos também que existem poucas próteses urbanas num bairro de grande extensão territorial. Além disso, elas estão concentradas em Nova Viçosa em detrimento de Posses. A distância entre um equipamento e outro também foi algo de críticas, alguns entrevistados na comunidade de Posses relataram que a distância da comunidade em relação à Unidade de Saúde - que se localiza na parte alta de Nova Viçosa - é grande. Esta situação se agrava quando se trata da população idosa, pois não existe no Posto de Saúde uma ambulância que possa realizar o deslocamento desta população.

Consideramos que o tempo de espera dos pobres de Nova Viçosa garantiu a conquista de um lote em condições precárias. Esta conquista não foi somente material, mas também simbólica, pois os moradores passaram a ter consciência do papel deste bairro no período eleitoral. Enquanto isso, Chequer utilizou este tempo para se apropriar de quase metade dos terrenos da cidade. Ou seja, as práticas espaciais empregadas por Antônio Chequer, à seletividade e marginalização espaciais, lhe garantiram a constituição de um mercado imobiliário lucrativo.

O tempo dos “homens lentos” de Nova Viçosa teve dois significados sociais. O primeiro diz respeito à captura dos seus direitos enquanto moradores e cidadãos, traduzindo-se pela longa e árdua espera de água, luz, telefone, etc. Esta espera não apenas significou expropriação do seu direito sobre a cidade, mas, sobretudo um dispositivo de controle social acionado permanentemente por Antônio Chequer para mediar os conflitos em torno da moradia na cidade. O outro significado social esta associado à constituição de uma identidade, o que Milton Santos vai denominar como força dos homens lentos. A tomada de consciência dos moradores sobre seu poder no

---

solicitando a modificação na denominação de via pública. Na proposta a Av. Presidente Humberto Castello Branco, que se inicia na Av. PH. Rolfs e termina no viaduto do distrito de Silvestre, passaria a denominar-se Av. Antônio Chequer. Mais recentemente, em 2009 a Prefeitura em parceria com a Câmara instalou uma placa em homenagem aos 120 anos da imigração libanesa em Viçosa, onde consta o nome da família Chequer. É mais uma estratégia que busca consagrar Chequer e outros imigrantes libaneses como verdadeiros heróis na cidade. Eles estão nas placas, nas ruas - memória preservada pelas elites locais - e ainda hoje são grandes comerciantes e detentores de poder político e econômico na cidade.

jogo político se traduziu na constituição da Associação de Moradores do bairro e de uma pauta política, processo que refletiremos na próxima seção.

### **3.2.3 – As novas esperanças: o (re) nascimento do bairro a partir da Associação de Moradores de Nova Viçosa e Posses**

“Nossa gente igual humana, submetida a toda provação.  
Não se entrega e não se engana, e que luta como o leão.  
Excluída sem ter clemência, considerada marginalidade.  
A Favela é Resistência, Barricada contra a  
desigualdade” (Azuir Filho, 2008).

O trecho do poema de Azuir Filho revela a desigualdade no acesso a bens e serviços urbanos, colocando em discussão a natureza e a qualidade do conflito social, que está relacionado à capacidade dos grupos sociais de se organizarem enquanto sujeitos sociais. À luz dos apontamentos de Santos Junior (2006) trazemos neste bloco as estratégias da Associação de Moradores de Nova Viçosa e Posses visando contornar as situações de precariedade e alcançar visibilidade sociopolítica perante as autoridades locais.

A Associação de Moradores de Nova Viçosa e Posses (AM's) surge em 1982, quatro anos após a fundação do bairro. Sua principal função era denunciar junto às autoridades os problemas do bairro. Neste órgão, a população colocava em pauta as reivindicações em torno da luta pela moradia e o acesso aos serviços básicos. Além disso, a comunidade utilizou este aparato institucional para mobilizar a administração municipal nas épocas de eleição, a fim de negociar o atendimento das demandas de Nova Viçosa e Posses.

Em entrevista com o ex-presidente da Associação, Geraldinho, e com o seu vice, “Ladico” (Anexo 5), vimos que ela foi fundada pela Associação Assistencial e Promocional da Pastoral da Oração de Viçosa (APOV), coordenada na época pela professora Leda de Bittencourt Bandeira<sup>115</sup>. No início, Leda e Paulo Saraiva eram as lideranças responsáveis por cobrar providências das autoridades e conscientizar a comunidade através da AM's.

---

<sup>115</sup>“A opção preferencial pelos pobres e a experiência de serviço ao próximo de Leda e seu grupo os levaram a optar por um campo de trabalho menos favorecido e ainda não atendido, o que os fez chegar à Nova Viçosa, bairro recém-formado pela ação conjunta do proprietário das terras, Rafael da Silva Araújo, e da Construtora Chequer. Assim, a criação da APOV resultou do ideal da professora Leda de Bittencourt Bandeira de dedicar-se, com um grupo, ao serviço dos pobres” (Disponível em: <http://www.pequenavia.org.br/apov/>. Acesso em: 08 ago. 2013).

Os entrevistados disseram que inicialmente as principais lideranças da Associação eram: Vitor Bebiano Lemes (militante sindicalista), Adão das Graças Sabino, Antônio Simão Gonçalves (oleiro), “Zé” Germano, Adão Felix (pedreiro e mestre em capoeira) e Juraci de Lima (funcionário da Prefeitura Municipal de Viçosa)<sup>116</sup>. A partir das primeiras conquistas do bairro, outros moradores passaram a ingressar na Associação para compor o estatuto e completar os cargos. Inicialmente a AM's de Nova Viçosa e Posses era composta de onze integrantes: um presidente, um vice-presidente, dois secretários, dois tesoureiros, três conselheiros fiscais e dois suplentes. Como existia muita demanda nos anos iniciais, os membros da Associação se reuniam uma vez por semana e a cada trinta dias a população era convocada para uma Assembleia Geral, onde eram feitos os repasses para os moradores e discutidos os principais problemas dos bairros.

Quando perguntamos sobre as dificuldades de criação da AM's nos primeiros tempos, os entrevistados foram categóricos ao afirmar que desde sua fundação até os dias atuais a associação não possui sede própria. Somente em 2012, um terreno foi comprado para este fim e ainda assim as obras não foram iniciadas. Devido a esse problema, as reuniões ocorram e ainda ocorrem em diferentes lugares, quais sejam: na casa dos integrantes, na Igreja Católica, no Grupo Escolar, na APOV e até mesmo na rua. Esta situação, que perdura trinta e um anos, parece estar longe de ser resolvida, pois por falta de recursos a sede ainda não foi construída. Outro problema relatado diz respeito ao trabalho efetuado na Associação, pois como se trata de um órgão sem fins lucrativos, a atuação voluntária faz com que a participação de alguns moradores seja efêmera.

Os componentes da AM's relataram, ainda, as estratégias de mobilização para levar às demandas as autoridades nos primeiros tempos. Primeiro, eram convocadas reuniões no bairro, onde os moradores elencavam as prioridades, depois um relatório era elaborado e encaminhado à Câmara Municipal. Na oportunidade algum representante da Associação participava da Assembleia da Câmara, descrevia os problemas do bairro e, num momento próximo, levava as notícias para Nova Viçosa e Posses. Em casos mais extremos, um componente da AM's marcava um horário com o Executivo.

---

<sup>116</sup>Adão Felix era conhecido como Adão Capoeira e Antônio Simão Gonçalves como Antônio Sinhá. Nascido em Nova Viçosa, Antônio Sinhá participou como membro da diretoria em 85, 86 e 87. Juraci de Lima ocupou quatro vezes o cargo de presidente da Associação de Moradores de Nova Viçosa e Posses.

A partir de 1988, além destes passos existia outro caminho a ser seguido: encaminhar os problemas discutidos no bairro para a reunião mensal da União Municipal das Associações de Moradores (UMAM)<sup>117</sup>. Neste espaço os moradores e a Associação de bairro de Nova Viçosa e Posses trocavam experiências com as Associações dos demais bairros, compartilhavam suas angústias e auxiliavam-se em suas lutas pela melhoria. Mediante aos interesses que defendiam, as Associações encaminhavam as reivindicações aos órgãos públicos, buscando diálogo e negociação para seu atendimento.

Os principais assuntos discutidos nos anos iniciais e solicitados ao poder público foram: água, calçamento, creche, transporte, iluminação pública, segurança, melhorias na educação (reforma do Grupo Escolar) e estabelecimento de parcerias entre os moradores e a administração municipal. Atualmente as reivindicações são, ainda, inúmeras: calçamento de ruas; inserção de quebra-molas na rua Chotaro Shimoya (única via asfaltado do bairro); asfalto; emplamento de ruas; instalação de um Posto Policial, de uma casa lotérica e de uma farmácia; construção de um campo de futebol e de uma quadra poliesportiva na escola do bairro; linha de ônibus que passe na rua da Escola Municipal Padre Francisco José da Silva e ampliação da rede de esgoto e do fornecimento de energia elétrica. De certa maneira tal demanda revela ainda os históricos problemas de transporte, água, esgoto e acesso ao lazer, à educação e a saúde.

A Associação de Moradores de Nova Viçosa e Posses representa, portanto a luta pela garantia dos direitos dos moradores. A sua bandeira foi e é em prol da urbanização, da instalação de serviços básicos e de equipamentos urbanos que atendam o bairro.

Com a AM's verifica-se a construção de uma identidade no bairro e formação de lideranças. É a partir da década de 1980 que ocorre o “enraizamento” da comunidade em Nova Viçosa. Identificados com as demandas do bairro, produto de uma apropriação material e simbólica do espaço, os moradores se organizaram na luta pela moradia digna.

Observamos que em Nova Viçosa e Posses a instauração de serviços básicos e infraestruturais é oriunda da luta da AM's, aspecto que assemelha Viçosa as cidades de médio e grande porte. O atendimento as demandas do bairro ocorreu (e ainda ocorrem), sobretudo nos períodos de campanha eleitoral.

---

<sup>117</sup>A UMAM foi criada em 1988, buscando fortalecer a comunidade nos diferentes bairros da cidade (TRIBUNA LIVRE, 1988).

A constituição de uma identidade no bairro é oriunda da luta dos moradores por seus direitos. Tal luta também foi uma maneira dos migrantes se apropriar deste espaço. Por outro lado, também consideramos que desde o começo os moradores tiveram seus direitos urbanos espoliados. Kowarick (1993) ao discorrer sobre a espoliação urbana diz que ela é o acúmulo de extorsões que ocorrem por meio da inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo, que são imprescindíveis socialmente em relação aos níveis de subsistência. Em Nova Viçosa e Posses, os migrantes dependiam da “boa vontade” do loteador para instalar os serviços básicos garantidos em lei<sup>118</sup>.

A Associação possibilitou aos moradores o debate de ideias, projetos e demandas referentes ao bairro, constituindo-se como um verdadeiro espaço de reflexão política. Ao se apropriar da leitura e da escrita, os moradores de Nova Viçosa e Posses constituíram arquivos, fizeram atas de suas reuniões deixando registrado as suas ideias e pontos de vistas sobre o bairro. Ao encontrar nesse documento as principais lutas por melhores condições de vida e os testemunhos dos homens e mulheres sobre o bairro, tais atas contribuem para se pensar um dos importantes direitos espoliados de uma parcela significativa da cidade: o direito ao passado. Uma vez garantidos, podemos se dizer que não só tornaram audíveis as vozes não hegemônicas como trazer à tona as ações empreendidas por outras ações no bairro.

### **Apontamentos finais**

A periferia enquanto espaço da emanção do poder representa interesses de distintos grupos sociais. Ao analisarmos Nova Viçosa e Posses verificamos que os traços de poder junto a este bairro foram costurados pela ação paternalista exercida por Antônio Chequer e demais governantes. Portanto, o clientelismo foi uma característica marcante no seu nascimento e desenvolvimento.

Notamos que a seletividade espacial das ações do Estado é visível nas paisagens da área central de Viçosa – dotada de equipamentos urbanos – e nas paisagens de precariedade da periferia. O descaso *da* periferia revelam as estratégias dos agentes locais, sobretudo o Estado, os proprietários fundiários e promotores imobiliários, no ordenamento do espaço. Ou seja, espaços destinados às classes altas e médias altas –

---

<sup>118</sup>O Código de Obras do Município, Lei n. 280/1956 vigorou até 1979 quando foi instituído a Lei Municipal de Parcelamento do Solo - Lei n. 312/79. Ambos dispunham sobre o parcelamento do solo e as obrigações do loteador - instauração de serviços básicos, arborização, etc. (DIAS et. al, 2011).

centro da cidade – e espaços designados às classes populares – as periferias urbanas. Esse aspecto pôde ser observado em Nova Viçosa.

Também notamos que o nascimento de Nova Viçosa consolidou na memória da comunidade viçosense a ideia de um herói. O personagem Chequer, louvado como homem “simples” e “preocupado com as causas do povo”, foi construído através da imprensa, que divulgou e exaltou apenas seus feitos positivos. No entanto, ele se beneficiou dos cargos políticos para comprar, vender e doar uma parcela significativa de terrenos na cidade e, também, trocar favores. Por isso avaliamos que a história desta periferia, ao exaltar apenas os feitos de Chequer, invisibiliza os demais sujeitos sociais. A esse respeito à imprensa teve um importante papel, pois estrategicamente deixou de lado os problemas enfrentados pelos moradores do bairro desde a sua instalação até seu estabelecimento definitivo, ressaltando apenas a figura de Chequer como benfeitor.

É notável o vazio de matérias que ressaltam que o empreendimento foi instalado contrariando, inclusive, as normas urbanísticas que determinam a obrigatoriedade de infraestrutura básica quando se instala um loteamento. Como discutimos, a mídia ocultou também a real estrutura fundiária que os moradores se confrontaram ao adquirir seus lotes, omitindo um dos aspectos mais importantes, que foi o número de doações feitas, por sinal, bem menor do que a divulgada.

Vimos também que Antônio Chequer, proprietário da Construtora, prometeu aos pobres migrantes de Viçosa e da sua microrregião a possibilidade de conquistar o sonho da casa própria. Esperançosos e cheios de sonhos, os migrantes que aguardavam por um bairro popular com infraestrutura legal encontraram uma local marcado, ainda, pelos cultivos da antiga Fazenda Conceição. Faltavam vias de acesso e as existentes não possuíam pavimentação, não estavam instalados os serviços de energia elétrica, água tratada e esgoto como fora prometido. Observamos, portanto dicotomias entre o discurso e a realidade vivenciada no bairro, sendo os migrantes atraídos por uma falsa promessa de casa própria.

Constatamos na paisagem de Nova Viçosa e Posses que as formas materiais e imateriais exerceram dois papéis: o de ocultação e o de revelação. Os nomes atribuídos às ruas e a Praça expressam a intenção de perpetuar a figura de “herói” de Chequer, revela também uma estratégia incisiva das lideranças locais de privilegiar apenas alguns atores na história do bairro. Entretanto, a ocultação se manifesta ao difundir uma memória hegemônica, ocultando os reais interesses de Antônio Chequer com a terra urbana e omitindo os atores que também participaram da trama de Nova Viçosa –

moradores, entidades religiosas e instituições de caridade. Acresce-se que a memória preservada pouco ou quase nada diz sobre os primeiros compradores dos lotes e que deram forma a este bairro com seus modos de morar, trabalhar, divertir-se ou festejar.

Quanto à criação da Associação, entendemos que ela representou uma conquista para o bairro, pois este movimento social nasceu da consciência das condições de vida dos moradores de Nova Viçosa e Posses e da necessidade de luta para melhorar a vida no bairro. Portanto, a AM's teve um papel importante na ampliação, na acumulação de forças e experiências e nos avanços políticos em direção à democratização no acesso a bens e serviços urbanos - sem os quais a existência não é digna.

Por fim, concluímos que a história de Nova Viçosa revela a construção de um espaço à parte, segregado, fora da cidade, que de tão naturalizado, parece não fazer parte da própria história urbana de Viçosa e de um jogo social que definiu projetos e práticas de exclusão e segregação dos pobres. Consideramos que a produção deste espaço é, antes de tudo, uma forma de resistência e uma estratégia de sobrevivência dos grupos sociais excluídos, ou precariamente incluídos, e recém-expulsos do campo, ou seja, dos grupos que lutam pelo direito à cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## FONTES PRIMÁRIAS

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Jornal Integração. Jornais Avulsos Rolo 128. “**Folha**” de Viçosa. Viçosa, Minas Gerais, 1978. 35 mm. Microfilme.

Associação de bairros de Viçosa deverão criar a União Municipal no dia 16 próximo. **Tribuna Livre**. Viçosa, Minas Gerais, ano III, n. 55, s/p, 25 jun. 1988.

Bairro Nova Viçosa solicita calçamento. **Folha da Mata**. Viçosa, Minas Gerais, ano XXVI, n. 1054, s/p, 29 abr. 1989.

BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. Lei n. 609, de 30 de dezembro de 1971. Dispõe sobre “Prolongamento de Favelas”, **Legislação Municipal**. Câmara Municipal de Viçosa, 1971.

BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Cadastro de imóveis de Viçosa**. Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Viçosa – MG, 1985-1990.

BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Fichas de cadastro dos lotes doados**. Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda, 1989-2012.

BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Legislação Municipal de Viçosa**. Legislação Municipal. Câmara Municipal de Viçosa, 1970-1980.

BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Abaixo assinado**. Câmara Municipal de Viçosa, 1998.

BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Abaixo assinado contrário à mudança de nome de via pública**. Câmara Municipal de Viçosa, 1998.

BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Indicação 063/1998**, de 02 de jun. 1998. Legislação Municipal. Câmara Municipal de Viçosa, 1998.

BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Projeto de Lei 018/1999**, de 13 de abril de 1999. Modifica denominação de via pública. Legislação Municipal. Câmara Municipal de Viçosa, 1999.

BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Projeto de Lei 023/2000**, de 09 de maio de 2000. Denomina Praça Antônio Chequer, Legislação Municipal. Câmara Municipal de Viçosa, 2000.

BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Projeto de Lei 023/2000**, de 31 de maio de 2000. Denomina Praça Antônio Chequer, Legislação Municipal. Câmara Municipal de Viçosa, 2000.

BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Lei 1.384/2000**, de 01 de junho de 2000. Denomina Praça Antônio Chequer, Legislação Municipal. Câmara Municipal de Viçosa, 2000.

BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbano**. Secretaria de Fazenda da Prefeitura Municipal de Viçosa, 2013. PREFEITURA MUNICIPAL DE VIÇOSA. Disponível em: <[http://www.vicosamg.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=80&Itemid=59](http://www.vicosamg.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=80&Itemid=59)>. Acesso em: 12 dez. 2012.

Chuva trouxe lamento e dor na entrada do Ano Novo. **Tribuna Livre**. Viçosa, Minas Gerais, ano I, n.3, p.6, 07 jan. 1986.

Desfavelamento. **Folha de Viçosa**. Viçosa, Minas Gerais, ano VIII, n. 166, s/p, 08 ago. 1971.

Fossas higiênicas são ameaças à saúde, em Nova Viçosa. **Folha da Mata**. Viçosa, Minas Gerais, ano XXVIII, n. 1179, s/p, 21 set. 1991.

Inaugurado telefone público em Nova Viçosa. **Folha da Mata**. Viçosa, Minas Gerais, ano XXVI, n. 1055, s/p, 06 maio 1989.

Lotações já estão circulando para Barrinha e Nova Viçosa. **Folha da Mata**. Viçosa, Minas Gerais, ano XXV, n. 1015, s/p, 30 jul. 1988.

Mineiros, Frente a Frente. **Folha de Viçosa**. Viçosa, Minas Gerais, ano VIII, n. 171, s/p, 17 out. 1971.

Mineiros frente a frente. **Folha de Viçosa**. Viçosa, Minas Gerais, ano IX, n. 172, s/p, 02 jan. 1972.

Moradores de Nova Viçosa reivindicam Posto Policial no Bairro. **Folha da Mata**. Viçosa, Minas Gerais, ano XXVII, n. 1100, s/p, 15 maio 1990.

Nova Viçosa reclama limpeza e redes de esgoto e pluvial. **Folha da Mata**. Viçosa, Minas Gerais, ano XXIX, n. 1210, s/p, 04 jan. 1992.

Prefeitura adquire pedreira em Nova Viçosa. **Folha da Mata**. Viçosa, Minas Gerais, ano XXI, n. 753, s/p, 21 jul. 1984.

Prefeitura inaugurou Grupo Escolar e Centro Comunitário no Bairro Nova Viçosa. **Folha da Mata**. Viçosa, Minas Gerais, ano XXII, n. 828, s/p, 07 set. 1985.

Prefeitura inicia construção de casas para flagelados em lotes desapropriados no Nova Viçosa. **Folha da Mata**, ano XXIII, n. 910, s/p, 19 jul. 1986.

“Rebenta Rabicho”: pobreza e marginalização de uma favela a 300 metros do centro de Viçosa. **Jornal Integração**. Viçosa, Minas Gerais, ano IV, n. 169, s/p, 24 jun. 1983.

Viçosa pronta para o Mineiro Frente a Frente. **Folha de Viçosa**. Viçosa, Minas Gerais, ano VIII, n. 167, s/p, 22 ago. 1971.

#### FONTES SECUNDÁRIAS

ABERS, Rebecca. Do clientelismo à Cooperação: governos locais, políticas participativas e organização da sociedade civil em Porto Alegre. In: **Cadernos IPPUR/UFRJ**, Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 1986. Ano 1, n. 1, p.47-78.

ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, ano III, nº 4, jan./jun. Rio de Janeiro, Garamond, 1998.

ALVES, Natália Carolina. “**Um belo loteamento para os pobres**”: a construção do bairro Nova Viçosa e o imaginário da periferia, 1969-1988. 2007, 70p. Dissertação (Monografia em História) Curso de História. Departamento de História, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2007.

BARBETA, Pedro Alberto. Técnicas de amostragem. In: **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 7 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011, p. 41-61.

BECKER, Bertha K e EGLER, Claudio A. G. O legado da modernização conservadora e a reestruturação do território. In: **Brasil - uma nova potência regional na economia-mundo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, 169-213.

BIGNARDI, Fernando A. C. **Reflexões sobre a Pesquisa Qualitativa e Quantitativa**: maneiras complementares de apreender a realidade, 2000. Disponível em: <[www.comitepaz.org.br/download/PESQUISA%20QUALITATIVA.pdf](http://www.comitepaz.org.br/download/PESQUISA%20QUALITATIVA.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2011.

BOTELHO, Adriano. **O urbano em fragmentos**: a produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007, 316p.

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: **O poder simbólico**. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 7-16.

CHAVEIRO, Eguimar Felício.; ANJOS, Antônio Fernandes dos. A periferia urbana em questão: um estudo socioespacial de sua formação. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 27, n. 2, 2007, p. 181-197.

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. O processo de urbanização visto do interior das cidades brasileiras: a produção, apropriação e consumo do seu espaço. In: **Cidades brasileiras: seu controle ou caos**: o que os cidadãos devem fazer para a humanização das cidades no Brasil. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 1992, p. 45-70.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2011. 98p.

CHAUÍ, Marilena. A experiência do sagrado e a instituição da religião. In: **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2003, p. 264-267.

CORRÊA, Roberto Lobato. Globalização e reestruturação da rede urbana – uma nota sobre as pequenas cidades. **Revista Território**, ano IV, nº 6, jan./jun 1999, p. 43-53. Disponível em: <[http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/06\\_5\\_correa.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/06_5_correa.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Quem produz o espaço urbano?. In: **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2005, p. 11-31.

\_\_\_\_\_. Espaço: um conceito - chave da Geografia. In: **Geografia: conceitos e temas**. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p.15-48.

COTA, Jaine Aparecida. **Nova Viçosa e Posses: lugar de esperança para crianças e adolescentes?** 2006, 54 p. Dissertação (Monografia em Geografia) Curso de Geografia. Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2006.

CRUZ, Tancredo Almada (coord.). **Retrato Social de Viçosa IV**. Viçosa, MG: CENSUS. Editora UFV, 2012. 88p.

DIAS, Adelaide Luiza Novaes; SANTOS, Janaina Matoso; CARVALHO, Aline W. Barbosa de; FARIA, Teresa Cristina de Almeida. **Estudo comparativo do processo de ocupação irregular do solo urbano nas áreas centrais e periféricas**. Viçosa, MG: 2011. Relatório de Iniciação Científica.

EL-DINE, Lorena Ribeiro Zem El-Dine; ALVES, Natália Carolina. A Voz dos Esquecidos: Memória Oral sobre o surgimento da periferia de Viçosa durante o século XX. In: Encontro Regional Sudeste de História Oral, 7, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...**, Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2007, cd-rom.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Entrando nos territórios do Território. In: Eliane Tomiasi Paulino; João Edmilson Fabrini. (Org.). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 273-302.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Os elementos da estrutura do mito da modernidade. In: **Geografia e Modernidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos pela construção da moradia popular: mutirões comunitários. In: **Movimentos sociais e lutas pela moradia**. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p.115-154.

GROSTEIN, Marta Dora. Análise dos Processos de Ocupação Irregular do Solo e dos Processos de Expansão e Crescimento das Cidades. In: IPEA; INFURB. (Org.). **Gestão do Uso do Solo e Disfunções do Crescimento Urbano: Instrumentos de Planejamento e Gestão Urbana em Aglomerações Urbanas: uma Análise Comparativa**. 1ed. Brasília: IPEA, 2002, v. 1, p. 31-38.

KOWARICK, Lúcio. Autoconstrução de moradias e espoliação urbana. In: **A espoliação urbana**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 59-101.

LIMA, Élcio Ferraz de. **Meio Ambiente e mudanças na paisagem: contextualização das segregações ambientais no bairro Nova Viçosa, Minas Gerais**. 2005, 61p. Dissertação de Mestrado (Engenharia Florestal), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, p. 25-44.

MACIEL, Laura Antunes. Outras memórias nos subúrbios cariocas: o direito ao passado. In: **150 anos de subúrbio carioca**. 1 ed. Editora Lamparina, 2010, p.187-218.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades – alternativas para a crise urbana**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATOSO, Janaina. **Intervenção urbanística como estratégia de desenvolvimento urbano e inclusão social: proposta para o bairro Nova Viçosa, Viçosa-MG**. 2012, 136p. Dissertação (Monografia Arquitetura e Urbanismo) Curso de Arquitetura e Urbanismo. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2012.

MORALES, S. M.; SOUZA, F. A. M. A gestão social da valorização do solo urbano nas práticas de regularização fundiária. In: Seminário Internacional de Curitiba, 3, 2010, Curitiba. **Anais...**, Curitiba, Universidade Positivo, 2010. Disponível em: <<http://gpitufrgs.files.wordpress.com/2011/04/morales-selene-a-gestc3a3o-social-da-valorizac3a7c3a3o-do-solo-urbano-nas-prc3a1ticas-de-regularizac3a7c3a3o-fundic3a1ria.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

MELLO, Antônio Oliveira de. **Um Minuto de Silêncio: Homenagem Póstuma a Antônio Chequer**. 2 ed. Viçosa: Folha de Viçosa, 2000. 180p.

PAVIANI, Aldo. Processo de periferização e pobreza urbana - uma abordagem. São Paulo: **Boletim de Geografia Teórica**, v. 16-17, n. 31-34, 1986-1987. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/tegall/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/PROCESSODEPERIFIZACAOEPROBREZA.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2013.

PERLAM, Janice E. **O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. v. 18. 377p.

PINTO, Alice Regina et al. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos**. Viçosa, MG, 2010. 88 p. Disponível em: <<http://www.bbt.ufv.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

PORTELA, Girlene Lima. **Abordagens teórico-metodológicas: pesquisa quantitativa ou qualitativa? Eis a questão**. Projeto de Pesquisa no ensino de Letras para o Curso de Formação de Professores da UEFS. Feira de Santa: UEFS, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993, v. 26. 269p.

- RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne. **A formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG**. 1997. 205p. Dissertação de mestrado (Mestrado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.
- RYKWERT, Joseph. Cidade e rito: Roma e Rômalo. In: **A ideia de cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 1-22.
- SANTOS, Ana Maria Corrêa dos. **Sociabilidade e ajuda mútua na periferia urbana de Viçosa, Minas Gerais**. 1991. 351p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Economia Rural, Viçosa-MG, 1991.
- SANTOS, Milton. As cidades locais no Terceiro Mundo: o caso da América Latina. In: \_\_\_\_\_. **Espaço e sociedade** (ensaios). 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 69-75.
- \_\_\_\_\_. A evolução recente da população urbana, agrícola e rural. In: **A urbanização brasileira**. 5 ed. São Paulo, 2005, p. 31-36.
- \_\_\_\_\_. As técnicas, o tempo e o espaço geográfico. In: **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p. 29-60.
- SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos. Cidadania e questão urbana no Brasil: indicações na perspectiva de um projeto de cidades democráticas. In: Maria Helena de Lacerda Godinho; Mônica Abranches. (Org.). **Assistência Social & Cidade**. Belo Horizonte: PUC Minas/Proex, 2006, p. 13-50.
- SANTOS, Médelin Lourena da. **Segregação Sócio espacial e Periferia Urbana na cidade de Viçosa –MG, o caso do bairro de Nova Viçosa – década de 1970 até a atualidade**. 2010, 57p. Dissertação (Monografia em Geografia) Curso de Geografia. Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2010.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e Prática Científica. In: **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007. Cap. 3, p. 99-126.
- SILVA, Maria Lais Pereira. A favela e o subúrbio: associações e dissociações na expansão suburbana da favela. In: **150 anos de subúrbio carioca**. 1 ed. Editora Lamparina, 2010, p. 161-186.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 111, nº 4, jan./jun. 1993, p. 27-37.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: **Geografia: conceitos e temas**. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 77-116.

TANAKA, Oswaldo Yoshimi; MELO, Cristina Maria Meira. **Roteiro de exposição baseado em “Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente – um modo de fazer”**. São Paulo: Edusp, 2001.

VALLADARES, Licia do Prado. **Passa-se uma casa**: Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. v. 1. 142p.

VERÁS, Maura Pardini Bicudo. Cortiços em São Paulo: velhas e novas formas de pobreza urbana e da segregação social. In: **A luta pela cidade em São Paulo**. BÓGUS, Lucia Maria M. e WANDERLEY, Luiz Eduardo W. (Org.). São Paulo: Cortez, 1992, p. 81-126.

VILLAÇA, Flávio. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação**. São Paulo Editora Global, 1986.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. As políticas urbanas e a luta pela habitação. In: **A luta pela cidade em São Paulo**. BÓGUS, Lucia Maria M. e WANDERLEY, Luiz Eduardo W. (Org.). São Paulo: Cortez, 1992, p.53-80.

# ANEXOS

## Anexo 1. Lei 609 – Dispõe sobre o “Prolongamento de Favelas”

**PREFEITURA MUNICIPAL DE VIÇOSA**  
ESTADO DE MINAS GERAIS

LEI Nº 609

Dispõe sobre "Prolongamento de Favelas"

O povo do Município de Viçosa, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica expressamente proibida a construção de "casebres" no Morro denominado "Pasto do Manoel Coelho".

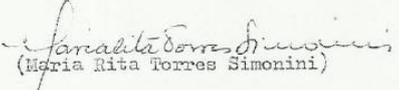
Parágrafo Único - A proibição acima citada se estende, também, à vertente do Morro denominado "Rebenta Rabicho" e que dá acesso à Rua dos Passos.

Artigo 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta lei pertencer, que a cumpram e a façam cumprir, tão inteiramente, como nela se contém.

Viçosa, em trinta e um (31) de dezembro de 1971

  
(Sr. Carlos Raymundo Torres)  
Prefeito Municipal

  
(Maria Rita Torres Simonini)  
Chefe do Gabinete

(Aprovada pela Câmara Municipal, em 30/12/71)

Fonte: BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Legislação Municipal de Viçosa.** Câmara Municipal de Viçosa, 1970-1980.

## Anexo 2. Justificativa do Projeto de Lei nº 609



S.P.M.  
 Nº PROJETO DE LEI nº 34/71  
 Assunto Proibição de Que Dispõe Sobre "Prolongamento de Favelas"  
 Serviço:

Art. 1º - Fica expressamente proibido a construção de "casabres" no Morro denominado "Fazda do Manoel Coelho.

Paragrafo Único - A proibição acima citada se estende também á vertente do Morro que dá acesso á Rua dos Passos, denominado "Morro do Rebenta Rabicho.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 1º de novembro de 1971  
Ruy Barbosa Assis Castro  
 Ruy Barbosa Assis Castro - Vereador.

J U S T I F I C A T I V A

O Morro "Fazda do Manoel Coelho" está situado bem defronte á Praça Silvano Brandão que é considerada o Coração da Cidade de Viçosa, causando má impressão a todos os forasteiros que nos visitam.

Quanto ao Morro do "Rebenta Rabicho, não é possível dar sequência á Favela, visto já se encontrar o Morro super habitado e sem nenhuma condição higiênica.

A Comissão de Obras e Serviços Públicos, de parecer favorável a aprovação deste projeto. Obras e Serviços Públicos, Viçosa, 29/12/71 e encaminhado para ser parecer. Francisco de Castro Cardoso  
Lari Maria Elvira

**APROVADO**  
 Viçosa, 30/12/71  
Francisco de Castro Cardoso  
 PRESIDENTE

Fonte: BRASIL, MINAS GERAIS, VIÇOSA. **Legislação Municipal de Viçosa.** Câmara Municipal de Viçosa, 1970-1980.

Anexo 2. Entrevista-piloto para a aplicação com os moradores do bairro Nova Viçosa e Posses

ENTREVISTA PARA APLICAÇÃO JUNTO AOS MORADORES DO BAIRRO NOVA VIÇOSA E POSSES

Você veio sozinho para o bairro ou com seus familiares?

---

2. Como ficou sabendo do loteamento?

---

3. Em qual período se mudou para o bairro? ( ) Entre 1970 a 1980 ( ) Entre 1990 a 2000 ( ) Após 2000

4. Ao chegar ou se mudar para o bairro o que tinha no mesmo?

---

---

---

5. Há quanto tempo você e/ou à família reside no bairro? ( ) Menos de 6 meses ( ) De 6 meses a 1 ano ( ) Mais de 1 ano a 5 anos ( ) Mais de 5 anos a 10 anos ( ) mais de 10 anos

6. Onde residiam antes?

( ) Cidade ( ) Vila ou povoado ( ) Roça ( ) Outros

---

7. De onde vieram?

( ) Viçosa-MG ( ) Região de Viçosa-MG ( ) Outra

Qual (is)?

---

8. Qual foi a motivação para vir para o bairro?

---

---

---

---

9. Como foi a mudança para o bairro?

---

---

---

10. Ao chegar ou para se mudar para o bairro você e/ou sua família contaram com:

( ) Recursos próprios ( ) Ajuda de parentes ( ) Ajuda dos amigos ( ) Ajuda de órgãos públicos ( ) Outros

---

---

11. Após chegar ao bairro você encontrou emprego?

Sim  Não

12. Quanto tempo demorou a encontrar emprego?

Um mês  Dois meses  Três meses  Mais de três meses

13. Ao encontrar emprego onde o mesmo se localizava?

No próprio bairro  Na cidade de Viçosa-MG  Em outra cidade  Em outro bairro  Qual (is) ? \_\_\_\_\_

14. Quando sua família chegou ao bairro qual (is) foi (foram) as dificuldades encontradas? E nos tempos atuais quais são?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

15. O terreno onde sua família mora é

doado  comprado  alugado  outro \_\_\_\_\_

(Caso o terreno seja doado ir para a pergunta dezesseis, caso seja comprado ir para a dezessete, caso seja alugado ir para a dezoito e caso seja outro justificar esta opção)

16. O terreno foi doado por quem e em qual período?

\_\_\_\_\_

17. O terreno foi comprado de quem e em qual período?

\_\_\_\_\_

18. O terreno foi alugado por quem e em qual período?

Imobiliária  Pessoa Física

\_\_\_\_\_

19. Foi difícil o pagamento do terreno?

Sim  Não

\_\_\_\_\_

20. Ao construir sua casa você contou com o apoio:

Prefeitura Municipal de Viçosa  Empréstimo  Recursos próprios  Outros \_\_\_\_\_ Qual?

(Caso a opção seja empréstimo ir para a pergunta vinte e um, caso seja recursos próprios ir para a vinte e dois).

21. Quem cedeu o empréstimo?

Banco  Familiares  Amigos  Outro Quem? \_\_\_\_\_

22. Qual (is) recursos próprios você utilizou:

Poupança  Salário  Outros rendimentos Qual (is)? \_\_\_\_\_

23. Você ou sua família possui (em) escritura da casa?  Sim  Não

24. Qual a profissão do chefe da família?

---

25. Quantos cômodos há na residência? ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ou mais

26. Quantas pessoas residem na casa? \_\_\_\_\_

27. Qual o seu nível de escolaridade?

( ) Analfabeto ( ) Ensino Fundamental completo ( ) Ensino Fundamental incompleto ( ) Ensino Médio completo ( ) Ensino Médio incompleto ( ) Ensino Superior incompleto ( ) Ensino Superior completo

28. Quais membros da família freqüentam escola? Qual escola? Em qual bairro estuda?

---

---

Anexo 4. Entrevista para aplicação junto aos moradores dos bairros Amoras e Nova Viçosa e Posses

Nome da rua: \_\_\_\_\_

Número da casa: \_\_\_\_\_

ENTREVISTA PARA APLICAÇÃO JUNTO AOS MORADORES DO BAIRRO NOVA VIÇOSA E POSSES

Bloco 1: A chegada

Como chegou no bairro?

\_\_\_\_\_

Como ficou sabendo sobre o loteamento?

\_\_\_\_\_

Você veio sozinho para o bairro ou com seus familiares?

\_\_\_\_\_

Após comprar ou receber o terreno onde você ficou até que a sua casa fosse construída?

\_\_\_\_\_

Quanto tempo você permaneceu neste local até a mudança efetiva para o bairro?

\_\_\_\_\_

6. Em que ano você chegou ao bairro?

\_\_\_\_\_

7. Para se mudar para o bairro você e/ou sua família contaram com:

( ) Recursos próprios ( ) Ajuda de parentes ( ) Ajuda dos amigos ( ) Ajuda de órgãos públicos ( ) Outros

8. O que tinha no bairro quando você chegou?

\_\_\_\_\_

Bloco 2: Trajeto migratório

9. Antes de vir (virem) para bairro onde morava (m)?

( ) Viçosa-MG ( ) Região de Viçosa-MG ( ) Outra

Qual (is)? \_\_\_\_\_

10. Por que veio para o bairro?

---



---

11. Quais eram as suas expectativas quando você resolveu mudar de lugar?

---



---

Bloco 3: Primeiros Tempos

12. Após ter saído do local onde vivia, como foi a adaptação a Nova Viçosa?

---



---

13. Antes de se mudar para o bairro você tinha emprego? Onde e em que?

---



---

Bloco 4: As esperas

14. Depois da mudança para o bairro, quanto tempo demorou a chegar:

\_\_\_\_\_ Água encanada e esgoto \_\_\_\_\_ Eletricidade \_\_\_\_\_ Coleta de lixo \_\_\_\_\_  
 Transporte \_\_\_\_\_

15. Como você fazia para resolver essas dificuldades ( água, rede elétrica...)?

---



---

16. Como era o seu dia-a-dia no bairro?

---

17. Após chegar ao bairro você encontrou emprego?

( ) Sim ( ) Não

18. Quanto tempo demorou a encontrar emprego?

( ) Um mês ( ) Dois meses ( ) Três meses ( ) Mais de três meses

19. Enquanto não tinha emprego como fazia para se sustentar?

---

20. Ao encontrar emprego onde o mesmo se localizava?

( ) No próprio bairro ( ) Na cidade de Viçosa-MG ( ) Em outra cidade ( ) Em outro bairro ( ) Qual (is) ? \_\_\_\_\_

21. Como fazia para se deslocar até o trabalho?

---

22. Quando sua família chegou ao bairro qual (is) foi (foram) as principais dificuldades encontradas? E nos tempos atuais quais são?

---

---

---

Bloco 4: Estrutura fundiária e formas de aquisição da casa

23. O terreno onde sua família mora é

doado  comprado  alugado  outro \_\_\_\_\_

(Caso o terreno seja doado ir para a pergunta vinte e quatro, caso seja comprado ir para a vinte e cinco, caso seja alugado ir para a vinte e seis e caso seja outro justificar esta opção)

24. O terreno foi doado por quem e em qual período?

\_\_\_\_\_

25. O terreno foi comprado de quem e em qual período?

\_\_\_\_\_

26. O terreno foi alugado por quem e em qual período?

Imobiliária  Pessoa Física

\_\_\_\_\_

27. Foi difícil o pagamento do terreno?

Sim  Não

\_\_\_\_\_

28. Como foi pago o terreno?

À vista  A prestação  Outros \_\_\_\_\_

29. Ao construir sua casa você contou com o apoio:

Prefeitura Municipal de Viçosa  Empréstimo  Recursos próprios  Outros  Ajuda/Mutirão  Qual?

(Caso a opção seja empréstimo ir para a pergunta vinte e três, caso seja recursos próprios ir para a vinte e quatro).

30. Quem cedeu o empréstimo?

Banco  Familiares  Amigos  Outro Quem? \_\_\_\_\_

31. Qual (is) recursos próprios você utilizou:

Poupança  Salário  Outros rendimentos Qual (is)? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

32. Quanto tempo demorou para a casa ficar pronta?

\_\_\_\_\_

33. Você ou sua família possui (em) escritura da casa?  Sim  Não

Bloco 5: Perfil sociocultural e tipologia habitacional das residências

34. Qual a profissão do chefe da família?

---

35. Quantos cômodos há na residência? ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ou mais

36. Quantas pessoas residem na casa? \_\_\_\_\_

37. Qual o seu nível de escolaridade?

( ) Analfabeto ( ) Ensino Fundamental completo ( ) Ensino Fundamental incompleto ( ) Ensino Médio completo ( ) Ensino Médio incompleto ( ) Ensino Superior incompleto ( ) Ensino Superior completo

Bloco 6: o mito

38. Quem você considera como responsável pela existência do bairro? Por que?

---

39. E no próprio bairro você destacaria alguma pessoa que contribuiu para a sua história?

---

---

40. Você acha que algum político contribuiu mais decisivamente para as melhorias que ocorreram no bairro? E no próprio bairro você destacaria alguma pessoa ou instituição (Associação) para as melhorias do bairro?

---

---

41. Se fosse contar a história do bairro quais são as pessoas (figuras e personagens) que você destacaria? Por que?

---

---

42. Você se identifica como sendo responsável pela existência do bairro? Por quê?

---

---

Anexo 5. Entrevista com os membros da Associação de Moradores de Nova Viçosa e Posses

## ENTREVISTA COM O PRESIDENTE E DEMAIS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO DO BAIRRO NOVA VIÇOSA

Quando e como surge a Associação de Moradores (AM's)?

---

---

Por que foi criada a AM's?

---

---

1.2 Qual (is) foi (foram) o (s) interesse (s) para a criação da mesma?

---

---

---

Quem fazia parte da AM's?

---

---

Ocorreram dificuldades na fundação da AM's?

---

---

---

3.1 Quais foram às dificuldades encontradas pelos membros da Associação na sua fundação?

---

---

---

3.2 Quais eram as estratégias de mobilização para levar as demandas às autoridades?

---

---

---

Quais as principais finalidades da Associação?

---

---

---

5. Quais eram os assuntos discutidos nas reuniões nos primeiros anos da AM's? E atualmente?

---

---

---

6. Quais as principais reivindicações dos moradores no passado? E atualmente?

---

---

---

7. Quando se iniciou o loteamento do bairro?

---

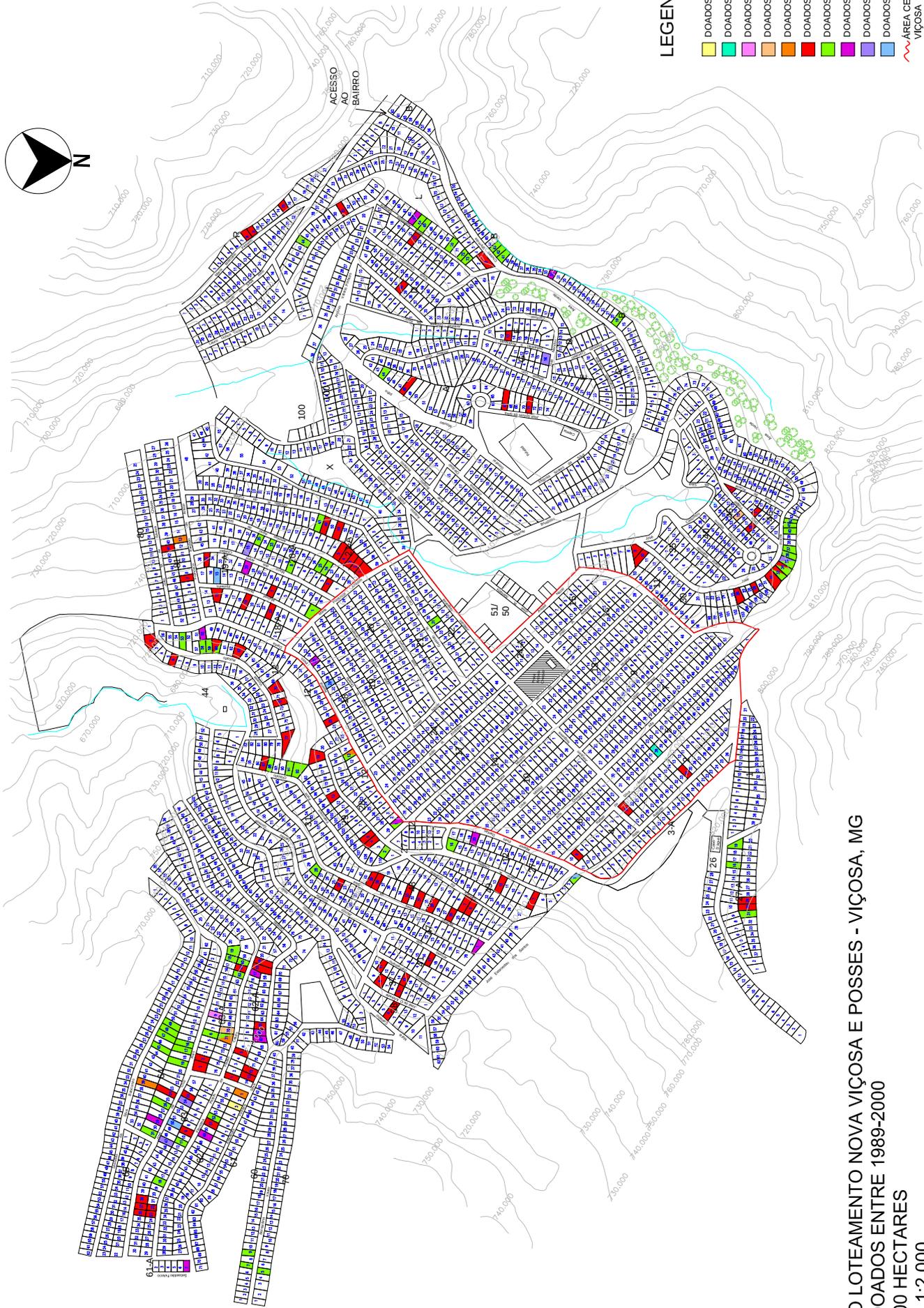
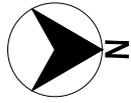
8. Antes do loteamento, o que havia no local do bairro?

---

---

---

Alguma informação que gostaria de acrescentar

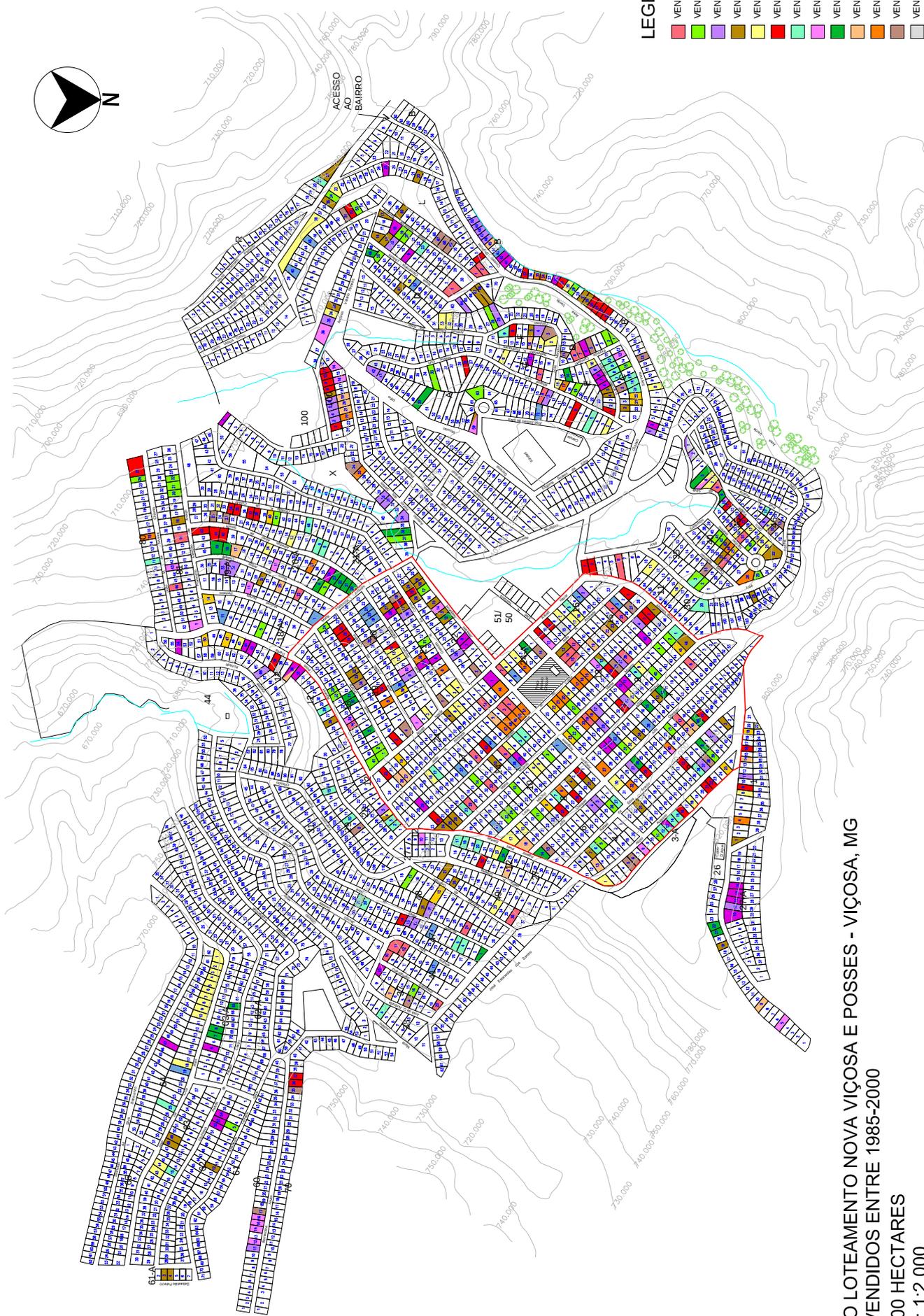
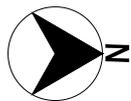


**LEGENDA**

- DOADOS EM 1989
- DOADOS EM 1991
- DOADOS EM 1992
- DOADOS EM 1994
- DOADOS EM 1995
- DOADOS EM 1996
- DOADOS EM 1997
- DOADOS EM 1998
- DOADOS EM 1999
- DOADOS EM 2000
- ÁREA CENTRAL DE NOVA VIÇOSA

**MAPA DO LOTEAMENTO NOVA VIÇOSA E PASSES - VIÇOSA, MG**  
**LOTES DOADOS ENTRE 1989-2000**  
**1,745,4300 HECTARES**  
**ESCALA: 1:2.000**

Fonte: Registro de Imóveis Doados (Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda) e Registro de Compra e Venda (Cartório de Registro Imóveis Comarca Viçosa-MG)  
Concepção: Dayana Debossan Coelho e Maria Isabel de Jesus Chrysoostomo  
Execução: Thiago Gonzaga (2012)  
Acervo da pesquisa: Formação das periferias urbanas de Viçosa (MG) : os casos de Nova Viçosa e Amoras (1970-1980).



**LEGENDA**

■	VENDIDOS EM 1985
■	VENDIDOS EM 1986
■	VENDIDOS EM 1987
■	VENDIDOS EM 1988
■	VENDIDOS EM 1989
■	VENDIDOS EM 1990
■	VENDIDOS EM 1991
■	VENDIDOS EM 1992
■	VENDIDOS EM 1993
■	VENDIDOS EM 1994
■	VENDIDOS EM 1995
■	VENDIDOS EM 1996
■	VENDIDOS EM 1997
■	VENDIDOS EM 1998
■	VENDIDOS EM 1999
■	VENDIDOS EM 2000
~	ÁREA CENTRAL DE NOVA VIÇOSA

**MAPA DO LOTEAMENTO NOVA VIÇOSA E POSSES - VIÇOSA, MG**  
**LOTES VENDIDOS ENTRE 1985-2000**  
**1,745,4300 HECTARES**  
**ESCALA: 1:2.000**

Fonte: Registro de Imóveis Doados (Escritório do Loteamento Nova Viçosa Ltda) e Registro de Compra e Venda (Cartório de Registro Imóveis Comarca Viçosa-MG)  
Concepção: Dayana Debossan Coelho e Maria Isabel de Jesus Chrysostomo  
Execução: Thiago Gonzaga (2012)  
Acervo da pesquisa: Formação das periferias urbanas de Viçosa (MG) : os casos de Nova Viçosa e Amoras (1970-1980).



**LEGENDA**  
ÁREA DE POSSES

1 Praça Antônio Chequer (2000)

2 Igreja Católica de Nova Viçosa (1973)

3 Unidade de Saúde da Família (2007)

4 Escola Municipal Padre Francisco José da Silva (1985)

5 Associação Assistencial e Promocional da Pastoral da Criança de Viçosa - APCV (1992)

6 Rebusca (1981)

7 Posto de Correio (1998)

## EVOLUÇÃO DA CHEGADA DOS EQUIPAMENTOS URBANOS EM NOVA VIÇOSA E POSSES (1978-2000). 175,4300 HECTARES

ESC: 1:2000  
Fonte: Formação das periferias urbanas de Viçosa (MG): os casos de Nova Viçosa e Amoras (1970-1980)  
Concepção: Dayana Debossan Coelho e Maria Isabel de Jesus Chrysoostomo  
Execução: Thiago Gonzaga (2013)